



Byron Joseph Guy



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado
Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Cíntia Carvalho

UM OLHAR SOBRE O ABRIGAMENTO: A IMPORTÂNCIA DAS
HISTÓRIAS INFANTIS EM CONTEXTO DE ABRIGO

UBERLÂNDIA

2008

Cíntia Carvalho

**UM OLHAR SOBRE O ABRIGAMENTO: A IMPORTÂNCIA DAS
HISTÓRIAS INFANTIS EM CONTEXTO DE ABRIGO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador (a): Dra. Celia Vectore

UBERLÂNDIA

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331o Carvalho, Cíntia, 1977-

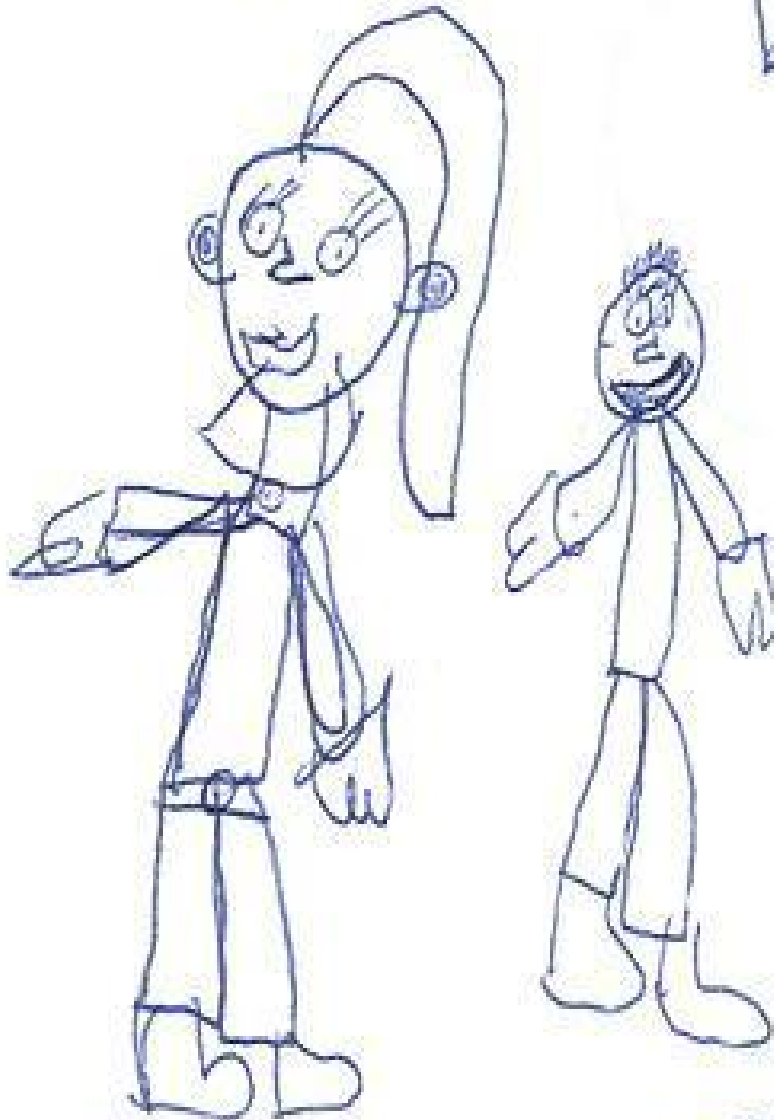
Um olhar sobre o abrigo : a importância das histórias infantis em contexto de abrigo / Cíntia Carvalho. - 2008.
145 f. : il.

Orientadora: Celia Vettore.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia aplicada - Teses. 2. Contos de fada - Teses. 3. Abrigos para desabrigados - Teses. I. Vettore, Celia. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.99



Luna

Cíntia Carvalho

**UM OLHAR SOBRE O ABRIGAMENTO: A IMPORTÂNCIA DAS
HISTÓRIAS INFANTIS EM CONTEXTO DE ABRIGO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem.

Uberlândia, 12 de setembro de 2008.

Banca Examinadora

Profa. Dra Celia Vectore

Profa. Dra Gercina Santana Novais

Profa. Dra Tizuko Morchida Kishimoto



À todas as crianças que vivem no abrigo: que os sonhos não deixem de abrigá-las.

Agradecimento especial

Gostaria de agradecer especialmente à minha orientadora Dra. Celia Vectore, que desde o primeiro instante me provocou intensa admiração pela pessoa e trabalhos que faz em favor da infância. Cursar a disciplina Mitos e Contos de fadas, motivo do nosso primeiro contato, foi o que de mais atraente vivi no curso de mestrado. E a vida com suas nuances abriu possibilidades de levar as histórias para as crianças que vivem no abrigo. A você agradeço por ter me feito resgatar a magia dos contos de fadas, a oportunidade de comunicá-los às crianças do abrigo, e as tantas aprendizagens, multiplicadas desses contatos. Agradeço pela dedicação, paciência, auxílio e por ter estado presente, nos momentos mais difíceis. Minha admiração, gratidão e respeito a você professora, por ter sido verdadeira companheira nessa trajetória!

Agradeço também...

A Deus que deve ter tido seus propósitos neste trabalho...

Aos meus pais Semi Carvalho e Vera Lúcia Alves de Sá, por terem assumido a difícil tarefa de criar e educar os filhos. É por causa do empenho, do amor e da paciência de vocês que posso dividir a felicidade do cumprimento de mais uma etapa da minha vida.

Às minhas queridas irmãs Juliana Carvalho, Cynara Ribeiro e sobrinhos que fizeram da distância um porto de incentivos.

À querida amiga Ramuce Pereira Marques, presente em todas as decisões importantes que tive que assumir, amiga que tem o pé de pirlimpimpim de alegrias e bons conselhos.

À querida amiga Raquel Cardozo que, num dos momentos mais difíceis de estadia em Uberlândia, esteve presente a me apoiar.

Ao querido Gabriel, companheiro que com amor e dedicação se fez presente em todos os momentos dessa dissertação, me auxiliando de forma inesgotável. Obrigada querido, pela paciência que teve nos momentos de ausência-presente.

Às famílias de coração, Neto, Geraldo e Mara Rúbia por terem me oferecido abrigo caloroso na cidade de Uberlândia e Sônia, Moisés e Mariamma por terem me feito sonhar com Minas Gerais.

Ao querido Maurício Alves da Costa, pela intensa companhia no trabalho junto às crianças. Sem você, não teria testemunhado tantos sorrisos!

Ao querido Prof. Dr. Caio Próchno. Foi “depositado na sua conta!” Obrigada pelo carinho!

À querida Professora Dra. Silvia Maria Cintra por ter sido membro da minha banca de qualificação, na qual ofereceu importantes contribuições, mas, além disso, por ser alguém por quem tenho muito afeto e admiração. Obrigada por tudo, Silvia!

À querida Professora Dra. Anamaria Neves, por ter sido membro da minha banca de qualificação, oferecendo importantes saberes sobre os vínculos.

À Profa. Dra. Carmem Reis pela amizade, importantes contribuições e empréstimos de materiais.

Às Professoras Doutoradas Tizuko Morchida Kishimoto e Gercina Santana Novais pela presença e inestimáveis contribuições nos estudos sobre a infância, nesta banca de defesa.

À querida Marineide Dias pelo imenso apoio desde o primeiro instante nos momentos UFU. Você foi companheira em lutas pessoais e acadêmicas!

Ao professor Dr. Sinésio Gomide Júnior, por se fazer presente em muitos momentos importantes dessa trajetória.

Às queridas amigas e companheiras do mestrado: Malba Tormim, Juliana Bomtempo, Viviane Barreto, Letícia e Mariângela, que estiveram presentes nos momentos de aflições e vitórias dessa caminhada acadêmica, e que agora se fazem companheiras na caminhada da vida!

Ao Prof. Ms. Alípio Rodrigues de Sousa Neto, a gratidão por ter confiado um dia, na realização deste trabalho.

Aos Excelentíssimos Juízes da Vara da Infância e Juventude, Dr. Edison Magno Macedo e Dr^a Édila Moreira Manosso, por se fazerem acessíveis com autorizações e informações, tão importantes nas iniciativas de pesquisas com abrigos.

Às secretárias da Vara da Infância e Juventude, Vera de Oliveira Tavares e Juliana Alves Fernandes, pelo carinho e por todo apoio concedido na importante busca de informações sobre a historicidade das crianças.

Ao Dirigente do abrigo, equipe técnica, mães sociais e crianças, que sem a disponibilidade interna de vocês, não teria sido possível a realização deste estudo. Obrigada!



“Se não vejo na criança, uma criança, é porque alguém a violentou antes, e o que vejo é o que sobrou de tudo o que lhe foi tirado”.

Herbert de Souza (Betinho)

RESUMO

Um olhar sobre o abrigamento: a importância das histórias infantis em contexto de abrigo.

Compreender o complexo universo da criança que vive em contexto de abrigo, sob o olhar de diversos atores sociais, empreendeu o objetivo desta pesquisa. Foi realizado para este estudo, entrevistas semi-estruturadas com a equipe técnica da instituição, entre os quais, o gestor, a assistente social e o secretário, bem como, quatro profissionais responsáveis pelos cuidados às crianças nas casas lares, conhecidas como mães sociais e duas funcionárias responsáveis por fazer a cobertura de faltas das mães sociais, conhecidas como mães folguistas. As entrevistas ofereceram subsídios importantes para compreender aspectos que envolvem a realidade da criança abrigada, a saber: concepções da equipe técnica e dos funcionários acerca da criança neste contexto, bem como, aspectos referentes ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças; concepções acerca da família de origem e aspectos relevantes sobre situações de vínculos dentro do contexto institucional. Considerando a criança como um desses atores sociais, potente e capaz de se expressar, foi realizado com três grupos de crianças de 5 (cinco) a 7 (sete) anos de idade, oficinas de histórias infantis, que buscaram, através dos contos de fadas, suscitar as narrativas das crianças, inseridas nesse contexto. Buscando estratégias para melhorar a pesquisa realizada com crianças, priorizou-se trabalhar com grupos pequenos, a fim de que pudessem ter espaço para conversação e expressão da subjetividade diante dos seus pares. Foram realizadas nove oficinas com o grupo 1 (7 anos), nove com o grupo 2 (6 anos), e sete com o grupo 3 (5 anos). Foram utilizados diversos estudiosos sobre os contos de fadas, e no contexto das narrativas construídas, protagonizadas pelas crianças, priorizou-se

Jerome Bruner, teórico que acredita nos contos de fadas como importantes na construção do pensamento narrativo. As crianças demonstraram inicialmente estarem muito distantes do universo das fadas, dos sonhos, das fantasias, tão adultificadas por suas vivências, mas foi possível perceber que, além dos contos de fadas contribuírem para construções narrativas das crianças, possibilitou expressões das vivências do cotidiano e se mostrou capaz de resgatar a fantasia infantil, se esses, forem vivenciados pelo narrador, com verdade e apropriação, determinando situações de envolvimento nas crianças.

Palavras-chave: Crianças; Abrigo; Narrativas infantis

ABSTRACT

A glance at sheltering: the importance of stories for children in a shelter context

Comprehending the complex universe of the child that lives in the context of a shelter, upon the eyes of diverse social actors made up the goal of the present research. Semi structured interviews were performed with the technical staff of the institution who included the manager, social worker and secretary as well as four professionals responsible for the care of the children in the home houses known as social mothers and two employees who were responsible for substituting the social mothers when they did not come to work known as substitutes. Interviews furnished important subsidies for the comprehension of aspects that involved the reality of the sheltered child, as follows: concepts of the technical staff and workers upon the child in this context as well as aspects regarding the development and learning of the children; concepts on the family of origin and relevant aspects of bonding situations in the institutional context. Considering that the child is one of these social actors, potent and able to express him/herself, story workshops, that sought, through fairy tales, to bring out narratives in the sheltered children, were performed in three groups of children from 5 (five) to 7 (seven) years old. Seeking strategies to improve the research performed with the children, small groups were chosen as to provide a space for conversation and expression of subjectivity toward their classmates. Nine workshops were performed with group 1 (7 years), nine with group 2 (6 years), and seven with group 3 (5 years). Diverse scholars of fairy tales were used and in the context of constructed stories featured by children, Jerome Bruner, who believed that fairy tales were important for the construction of the narrative thinking, was priority. Initially children appeared to be distant to the universe of fairies, dreams, fantasies so

adult like due to their experiences, however it was possible to perceive that besides contributing for the narrative construction, the fairy tales made possible the expressions of daily experiences and was capable of redeeming childhood fantasy if they had been experienced by the narrator as true and appropriated, which can be determined by the experience and situations that involved the children

Key words: Children; Shelter; children stories.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	21
II. APONTAMENTOS DE JEROME BRUNER ACERCA DO PAPEL DAS NARRATIVAS INFANTIS.....	27
III. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NAS VIVÊNCIAS INFANTIS.....	31
IV. MÉTODO.....	35
1. Participantes.....	36
A) Crianças.....	36
B) Educadoras – mães sociais e mães folguistas.....	36
C) Equipe Administrativa.....	36
2. Instrumentos.....	36
3. Procedimentos.....	39
V. RESULTADOS.....	42
1. Da instituição.....	43
2. Da observação inicial.....	39
3. Das entrevistas iniciais com a equipe técnica e educadoras.....	44
3.1. Equipe técnica.....	45
3.1.1 Gestor do abrigo.....	45
3.1.2 Assistente social.....	49

3.1.3 Secretário.....	52
3.1.4 Mães sociais e mães folguistas.....	54
4. Das crianças.....	60
4.1. Grupo 1.....	61
4.2. Grupo 2.....	63
4.3. Grupo 3.....	65
5. Das oficinas de histórias.....	66
VI. DISCUSSÃO.....	98
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
VIII. REFERÊNCIAS.....	129
APÊNDICE A – Modelo de entrevista.....	137
APÊNDICE B – Entrevista com mãe social.....	139
ANEXO - Análise final do comitê de ética	

I ntrodução

A realidade da infância em situação de risco e vulnerabilidade é ainda, nos dias de hoje, em escala planetária, um desafio a ser enfrentado pela sociedade. A negligência, os maus-tratos, a exploração do trabalho infantil, a prostituição de crianças, o abandono delineiam um sombrio quadro, no qual parcela considerável da população mundial se insere.

Dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (2008) mostram que o “Brasil possui a maior população infantil de até 6 anos das Américas”, o que representa 11% de toda a população brasileira, contudo a “grande maioria das crianças na primeira infância no Brasil se encontra em situação de pobreza”.

Atribuir simplesmente à pobreza a responsabilidade pela perversa realidade enfrentada por um grande número de crianças e por suas famílias é fazer uma análise simplista, embora Panúncio (2004) aponte que, historicamente, as condições de crianças brasileiras em situação de risco são resultados de um desenvolvimento nacional negligente, do ponto de vista social, o qual envolve qualquer tipo de violência sofrida pela criança, seja ela física, psicológica, permeada de negligências e violência sexual (Maia & Williams, 2005).

Marcílio (1997) menciona que, desde o período colonial, existe uma negligência do poder público ao acolhimento de crianças abandonadas. Relata, este autor, que há falta de entidades especiais de proteção e acolhimento à criança abandonada e deixada à mercê da própria sorte. Naquele período, o acolhimento se devia ou por questão de caridade ou por uma espécie de investimento futuro - a criança se transformaria em um empregado, sem grandes custos. Em 1726, aportou ao Brasil, pelos portugueses, um modelo de assistência religiosa, de origem italiana, conhecido como “Roda dos expostos” ou “Roda dos enjeitados”. Este modelo, utilizado durante 224 anos, mesclava a caridade e a filantropia, e foi uma das principais instituições cujo intuito era dar proteção à infância abandonada no país. Iniciou no período colonial, atravessou a época do Império e ainda conseguiu sustentação durante parte do período da República, sendo extinto apenas no século XX, em 1950.

Com o advento da República, novos questionamentos sobre a infância deram origem a uma perspectiva mais humanista de perceber a criança e adolescência abandonadas no Brasil. Contudo, apenas a partir da década 70 do século passado houve um maior enfrentamento e posicionamento quanto às questões referentes à cultura da infância (Freitas, 1997; Passeti, 1996). Isso possibilitou a organização de diversas associações, culminando com o *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)* no Brasil, aprovado em Julho de 1990, o qual funciona como Lei Federal constituída pelo nº 8069, que resguarda os direitos fundamentais da criança e do adolescente, bem como as penalidades para os que descumprirem suas cláusulas.

Em seu capítulo III, o ECA afirma que, *toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família, e excepcionalmente, em família substituta, assegurada à convivência familiar e comunitária...* Nesse sentido, é que a instituição abrigo se constitui com função de zelar, de proteger a criança e o adolescente por tempo determinado ou indeterminado, reivindicando mediante iniciativas judiciais à volta as famílias de origem ou a destituição de pátrio poder, que culminará em processos de adoção.

A institucionalização da criança em um abrigo é multifatorial, sendo os principais motivos, na sequência: *condições de pobreza*, o que descaracteriza o abrigo enquanto lugar temporário; a *violência doméstica*; o *uso de entorpecentes e álcool* por pais ou responsáveis; *crianças moradoras de rua*; *crianças órfãs*; *cárcere dos pais ou responsáveis* e *abuso sexual* praticado por familiares. Assim, a pobreza foi o principal motivo de institucionalização. Das cerca de vinte mil crianças e adolescentes abrigados, 78% têm o abrigo como único lugar de moradia. Esses dados ainda são precários tendo em vista que o referido órgão fez uma avaliação dos abrigos públicos, o que não permite conhecer o funcionamento dos abrigos que funcionam em regime privado no país.

O recente relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, *Situação Mundial da Infância 2008*, mostra que o Brasil possui cerca de 11,5 milhões de crianças ou

56% das crianças de até 6 anos de idade que vive em famílias cuja renda mensal está abaixo de $\frac{1}{2}$ salário mínimo *per capita* /mês e, além disso, as “crianças são especialmente vulneráveis às violações de direitos, à pobreza e à iniquidade no País” (p.9). Tal dado é preocupante, pois na seqüência tal situação pode determinar futuras institucionalizações.

Vicente (1999) afirma que a criança submetida à proteção do abrigo tem por algum tempo a história pessoal “suspensa”, fato que leva Dorian (2003, p.73) a apontar que “não se pode eliminar uma história familiar sem que se viva muita dor, angústia e medo do presente e do futuro”. Azôr (2005) acrescenta que há barreiras muitas vezes impostas pela própria instituição, no sentido de impossibilitar aberturas de espaços para que dores, tristezas e violências sejam mais bem elaboradas, o que pode perpetuar.

A criança que se encontra abrigada, além de enfrentar dificuldades oriundas de relações familiares difíceis, muitas vezes, ao adentrar o abrigo, onde sua estadia geralmente não é transitória, depara-se com longos processos judiciais. Isso lhe perpetua a situação de institucionalização, uma vez que cada dia passado na instituição pode dificultar o processo de adoção, pois as crianças “saem” do estágio de vida geralmente preferido pelas famílias brasileiras.

Desse modo, o contexto do abrigo deve ser cuidadosamente organizado, a fim de possibilitar o desenvolvimento adequado da criança e, para tanto, constituir-se como espaço de promoção de vínculos seguros. Nesse sentido, Dorian (2003) sugere a pertinência de se proporcionar aos abrigados, ambientes mais positivos, com maior segurança, estabilidade e promotores de resiliência, o que significa propiciar um local onde haja fatores de proteção para o desenvolvimento humano.

A resiliência pode ser definida como “a capacidade do ser humano responder de forma positiva às situações adversas que enfrenta, mesmo quando estas comportam risco potencial para sua saúde e/ou seu desenvolvimento” (Silva & Lacharité, 2003,p.1); a resiliência pode

ser construída, a partir das interações que o sujeito tem com a família ou ambiente em que vive. Oposto à resiliência se encontra o fator descrito como vulnerabilidade, que é entendido como uma predisposição individual que potencializa os efeitos de um estressor, resultando em conseqüências negativas para o desenvolvimento psicológico do indivíduo (Ceconello e Koller, 2000).

A despeito da grande multiplicidade de variáveis que envolvem o abrigo infantil, Azôr e Vectore (2008: p. 87) baseando-se nos estudos de Goffman acreditam que

“o abrigo pode e deve favorecer o desenvolvimento da infância e juventude à medida que propicia, além da educação formal, espaços visando à preservação dos vínculos de irmandade e atendimentos individualizados não psicoterapêuticos, objetivando oferecer à criança/adolescente uma escuta individualizada, que favoreça a possibilidade de preservar o “eu” dentro de uma estrutura coletiva com tendência a oprimi-lo (Goffman, 1987)”.

Assim, é interessante se pensar em maneiras de se promover um abrigo de qualidade e promotor do desenvolvimento das crianças ali institucionalizadas. Nesse sentido, é que o presente estudo se justifica, pois teve como objetivo conhecer a realidade de crianças abrigadas, em uma instituição não governamental de uma cidade do interior de Minas Gerais e, para tanto, optou-se pelo uso de narrativas infantis, a partir de uma linguagem culturalmente acessível às crianças, que é os contos de fadas.

Brandão, Smith, Sperb & Parente (2006, p.99) apontam que “as narrativas são processos cognitivos expressos no discurso humano, já na criança de dois a três anos que começa a encadear os eventos em forma de histórias, tanto em solilóquios como na comunicação interpessoal”, permite-lhe a compreensão das histórias antes mesmo de manejar proposições lógicas. Além disso, possibilita que crianças de três a quatro anos, possam relatar

acontecimentos, definir e organizar situações, brincar, convencer, interpretar. Enfim, a narrativa permite a inserção da criança na cultura (Brandão et al., 2006).

Por outro lado, Motta, Enumo, Rodrigues & Leite (2006), citando autores como Peterson e McCabe (1983) e Eaton, Collis & Lewis (1999), evidenciam que é somente a partir dos seis anos que se torna possível identificar os componentes de análise das narrativas, por causa dos elementos que podem ser agregados, como estados mentais dos personagens e uma maior contextualização dos eventos. Miller, Gillam e Peña (2001) consideram que as histórias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento na infância, sugerindo que as crianças quando apresentam dificuldades na narração e no entendimento das histórias estão suscetíveis à perda de elementos cruciais na comunicação e na aprendizagem.

Assim, a literatura apresenta controvérsias acerca da idade e revela diferentes perspectivas no uso das narrativas. Este trabalho levará em consideração perspectivas que não sejam racionalistas ou conteudistas, mas que possam assumir uma postura de dar mais liberdade para a criança colocar suas experiências, suas emoções, sua vida. Considerando a importância das narrativas para o desenvolvimento e enfatizando-lhes poder efetivamente contribuir para o desvelar das produções subjetivas das crianças institucionalizadas em abrigos, optou-se prioritariamente por se usar os contos de fadas como um recurso eficiente de interação com elas. Isso com o respaldo na abordagem de Jerome Bruner, teórico que além de inúmeras contribuições acredita que os contos de fadas podem oferecer outros mundos para o imaginário da criança.

II. APONTAMENTOS DE JEROME BRUNER ACERCA DO PAPEL DAS NARRATIVAS INFANTIS

Jerome Bruner nasceu em Nova York em 1915, interessou-se pela Psicologia e foi considerado o maior representante da escola cognitivista. Seu método foi chamado de *aprendizagem por descoberta*, entendido como uma aprendizagem cujo significado emerge quando é construída pelo aprendiz, na forma de descoberta. Bruner foi considerado psicólogo da educação por ter desenvolvido muitas pesquisas que ampliaram a compreensão do processo de aprendizagem na criança.

Para Giacaglia (1980), a teoria de Bruner, mesmo apresentando discordâncias, aproxima-se muito das idéias de Jean Piaget, por considerar que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio de estágios. Assim, o desenvolvimento da representação cognitiva da criança apresenta-se em três níveis: *enativo*, *icônico* e *simbólico*. A criança no nível *enativo* tem suas representações e comunicações limitadas pela ação ou demonstrações práticas; ela ainda não tem representações mentais de objetos e necessita deles para formar imagens. No nível *icônico*, a criança possui a imagem ou representação mental dos objetos, sem ter a necessidade de tê-los para imaginá-los. No terceiro nível, que é o da representação *simbólica*, a criança atinge o nível de abstração, representando o mundo por símbolos, sem depender de ações ou de imagens.

Bruner pressupõe que a criança aprenda em qualquer fase se é agente da construção do seu próprio conhecimento, conforme citação a seguir: “Qualquer assunto pode ser ensinado eficazmente, de alguma forma intelectualmente honesta, para qualquer criança em qualquer estágio do desenvolvimento” (1960, p.30). De acordo com Bruner (2001), a partir das décadas de 50 e 60, período chamado de *revolução cognitiva*, houve expressiva mudança acerca da natureza da mente humana, como a comparação desta ao mecanismo computacional,

responsável por processar informações estruturadas em regras, codificações etc. Outra concepção é do desenvolvimento da mente, a partir da cultura, responsável por sua existência; esta abordagem foi chamada por Bruner de *Culturalismo*.

Na perspectiva culturalista da mente, Bruner mostra que o homem se liga a uma ‘realidade’ que é “representada por um simbolismo compartilhado por membros de uma comunidade cultural na qual uma forma tecno-social de vida é organizada e interpretada em termos desse simbolismo” (Bruner, 200, p.16). Para ele, aprendizagem e pensamento se situam e dependem dos contextos culturais em que estão inseridos.

A abordagem computacionalista da mente apresenta-se limitada por não conseguir analisar os processos de produção de significado. A produção de significados humanos na cultura acontece de modo especial em função da linguagem. Bruner enfatiza os processos narrativos como forma de compartilhar e transmitir os símbolos culturais, através das gerações, havendo uma ‘aptidão’ ou predisposição humana para elaborar e organizar a tradição, por meio da experiência narrativa.

Antes de avançar nos conceitos narrativos, é importante lembrar que Bruner (2002) menciona dois modos de pensamento: o modo de pensamento paradigmático e o modo de pensamento narrativo. O primeiro segue uma lógica criteriosa tanto na escrita como no discurso, obedece a critérios formais da estrutura do pensamento científico (fornece ‘razões’). O segundo, o modo narrativo, não se legitima na verdade passível de ser comprovada (referente ao modo de pensamento paradigmático), mas se fundamenta mesmo numa ‘não-verdade’, pela incrível semelhança das histórias com a dinâmica da vida. Os modos de discurso narrativo e paradigmático não se fundem; são demasiadamente diferentes em sua essência, mas se entrecruzam, pois o modo de pensamento paradigmático pode ser aplicado numa forma de tentar explicar a violação do canônico na narrativa, ou seja, o desvio do esperado, do conhecido na narrativa (Bruner, 2001).

A narrativa é considerada uma das primeiras formas de organização da experiência e conhecimento humanos, composta de uma seqüência de eventos carregados de significados. É entendida como “um modo de pensamento” e “veículo no processo de educação” (Bruner, 2001, p.117). Quando histórias são narradas, acabam por pertencer ao que é chamado pelo autor de ‘círculo hermenêutico’, segundo o qual as partes das histórias são construídas em busca de um todo; geralmente, possui uma linguagem poética, de evocação, que não conclui certezas, mas abrem perspectivas que podem ajudar a tornar a experiência compreensível pela interpretação. As histórias, na perspectiva dos intérpretes, não podem ser explicadas, mas variavelmente interpretadas. Bruner menciona sua concepção de narrativa:

É discurso, e a principal regra do discurso é que deve haver um motivo para que se distinga do silêncio. A narrativa é justificada pelo fato de que a seqüência de eventos que ela conta é uma violação da canonicidade: ela conta algo inesperado ou algo que o ouvinte tem motivo para duvidar. O ‘motivo’ da narrativa é resolver o inesperado, eliminar a dúvida do ouvinte ou, de alguma forma, corrigir ou explicar o desequilíbrio que, antes de mais nada, fez com que a história fosse contada. Uma história, portanto, tem dois lados: Uma seqüência de eventos e uma avaliação implícita dos eventos contados. (Bruner, 2001, p.119).

A narrativa para Bruner (2002, p.17) “trata das vicissitudes das intenções humanas”. Busca motivos, não causas, busca as intenções que estão subjacentes às ações humanas, busca formas de extrair significados da vida cotidiana. Enfatiza que sem a habilidade narrativa o ser humano não suportaria os conflitos e contradições geradas pela sociedade, isso por causa do poder de ‘atenuação’ da realidade da narrativa.

Kishimoto (2007) aponta a relevância do trabalho de Bruner para o entendimento da construção de narrativas, alicerçada em conceitos como categorização do sistema binário, protagonismo e desvio da canonicidade.

O sistema binário (elementos opostos como o belo, o feio, a vida, a morte etc) está presente nos contos de fadas e se comunica facilmente com o pensamento das crianças, auxiliando-as nas construções de narrativas (Kishimoto, 2007). A criança protagonista rompe com o padrão esperado da história, criando narrativas que fornecem um entendimento de sua própria subjetividade.

Gomes (2005) pontua que crianças protagonistas evocam processos significativos de identificação, relacionando-os a sua vida cotidiana. É chamado de desvio da canonicidade o fato de as crianças se tornarem protagonistas, pelo desvio que fazem do esperado da história, direcionando a narrativa para situações da própria vida; provocam, assim, o desvio do esperado, o rompimento que foge à fidelidade da história, criando o inusitado. Assim, “ocorrem desvios da canonicidade, quando as crianças usam expressões que lhes chamam atenção para recriar novas situações, transformando a cultura do adulto em cultura infantil pela aprendizagem por descoberta” (Kishimoto, 2007, p. 440).

Neste trabalho, o objetivo central foi compreender o universo da criança abrigada, por meio de diversos atores sociais e também pelo olhar da própria criança. A contribuição de Bruner na compreensão das narrativas infantis é nessa perspectiva de suma importância.

III. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NAS VIVÊNCIAS INFANTIS

Contos e mitos são como um anjo bom que a pátria dá ao homem desde seu nascimento para acompanhá-lo em sua caminhada pela vida, para que lhe seja um fiel companheiro durante toda essa caminhada e por oferecer-lhe essa companhia, faça verdadeiramente dessa vida um conto de fadas interiormente animado. (Goethe apud Steiner, 2002).

A escolha dos contos de fadas na mediação do processo de construção narrativa das crianças em situação de abrigo se deve ao fato de haver na literatura disponível, amplo material que defende os contos de fadas como narrativas capazes de evocar elementos muito íntimos da subjetividade humana e auxiliar no desenvolvimento de narrativas (Bruner, 2002; Bettelheim, 1980; Steiner, 2002; Radino, 2003; entre outros). Tais autores decorrentes de linhas teóricas divergentes como a Psicologia Cognitiva, Psicanálise e Antroposofia serão usados neste trabalho exclusivamente para mencionar o que há de estudo no que se refere à importância dos contos de fadas nas vivências infantis.

Os contos de fadas, para Passerini (1998), são considerados formas narrativas transmitidas pela tradição oral ou escrita, datadas de período muito remoto com indícios de aproximadamente 25.000 anos antes da era cristã. Resistiram ao tempo e variam conforme a cultura regional dos povos de cada época.

Radino (2003, p.51) descreve *fada* como vindo do latim *Fatum*, que significa “*destino, fatalidade, oráculo (simboliza poderes e capacidades mágicas da imaginação. É capaz de realizar transformações, satisfazendo ou decepcionando os mais ambiciosos desejos.*”

Passerini (1998) aponta que os contos de fadas são histórias iniciadas com um desejo de algo, desencadeando longas viagens, nas quais o personagem principal (herói) passa por obstáculos quase sempre intransponíveis e, subitamente, por meio da ocorrência de uma mediação natural ou mágica, há finalmente a conquista do objetivo desejado. Geralmente, apresentam uma questão existencial ou ética nas suas tramas. Os personagens são caracterizados de modo exagerado, ora extremamente bons ou maus, ora feios ou belos, por exemplo. Possuem uma estrutura universal. Começam invariavelmente com “... Era uma vez...” e finalizam com “... e foram felizes para sempre”. Além disso, os contos são curtos e simples, o que contradiz o pensamento de Radino (2003, p.117), que identifica os contos de fadas como longos e complexos, seja pelo texto, ilustração, ou simplesmente pela narrativa extensa do conto.

Uma vertente teórica que aborda conhecimentos referentes aos contos de fadas é a Antroposofia¹ fundada por Rudolf Steiner no início do século XX, Steiner escreveu o livro: *Os Contos de fadas: sua poesia e sua interpretação* no qual sugere que tais narrativas se originam de fontes profundas da alma humana e percorrem todo o desenvolvimento da humanidade. Para tanto, enfatiza a importância da essência imagética trazida e impulsionada pelos contos de fadas no desenvolvimento da criança, tanto físico, como mental, pois tem na sua composição anímica, alimento que pode ser capaz de desenvolver a criatividade e torná-la mais forte ou resiliente, no enfrentamento dos obstáculos. A criança, na perspectiva de Steiner, que se alimenta das imagens dos contos de fadas pode se desenvolver de forma mais harmônica e se transformar em uma criança menos cansada e entediada.

Tanouye (2005) acredita que os contos de fadas possibilitam à criança uma influência benéfica em seu desenvolvimento, facilitando o vivenciar das dificuldades, numa perspectiva

¹ A Antroposofia, do grego ‘*conhecimento do ser humano*’, é também chamada de ‘Ciência espiritual’ e fornece estudos que abrangem os primórdios do universo na compreensão do homem atual, moderno. É uma ciência que busca a compreensão da ‘evolução’ humana pelo entendimento mais arcaico de seus movimentos e representações, sejam eles advindos de acontecimentos espirituais ou físicos (Setzer, 1998).

de superação, por meio do trabalho com conteúdos que apresentam muitos tipos de conflitos como: morte, envelhecimento, luta entre bem e mal, inveja, abandono etc., quase sempre buscando desfechos otimistas. Oferecem uma aprendizagem que a criança capta de modo intuitivo, o que se torna possível, pelo fato de as histórias serem carregadas de elementos simbólicos e, caso haja verdadeira identificação com os personagens, ela poderá insistir muitas vezes na sua repetição, até que a história ofereça maiores significados ao conflito vivenciado.

Urban (2001) salienta que as crianças se identificam com os heróis dos contos, pois estes são capazes de remeter a experiências muito semelhantes vivenciadas no cotidiano. Bettelheim (1980) afirma que os contos enfocam um ego em formação e ajudam a encorajar o desenvolvimento da criança, haja vista serem caracterizados por simplicidade e facilidade de comunicação, situações humanas parecidas, sem exigências sobre-humanas (presentes nos mitos) que poderiam levar, no caso de uma criança pequena, a sentimentos de inferioridade.

Os contos de fadas literários, surgidos após o século XVIII, sofreram uma variedade de adaptações, diversas dos contos originais, que, no entanto, continuam sendo eficientes, ao manterem a originalidade dos elementos simbólicos mais importantes da história. De acordo com Abramovich (1993), os contos são capazes de expressar *medos, superações, enfrentamento*, como “Chapeuzinho Vermelho” dos irmãos Grimm e “Sapatos vermelhos” de Andersen, expressa o *amor, sacrifícios e maravilhas*, como em “O menino mau”, “O soldadinho de chumbo²” e “A pequena sereia”, de Andersen. Podem expressar as *dificuldades de ser criança*, como em “O menino pastor”, “O pequeno polegar”, dos irmãos Grimm, “Peter Pan³” de James Barrie, ou *carências*, tanto materiais como afetivas, ilustradas em “Joãozinho

² Bettelheim (1980.p. 47) considera o “O soldadinho de chumbo” uma história linda, mas muito triste e “não transmite o sentimento de consolo final característico dos contos de fadas”.

³ “Peter Pan” é um conto escrito na modernidade, não se valendo de uma tradição oral, mas que faz parte da cultura infantil e possui um valor psicológico. (Melli & Giglio,1999)

e Mariazinha”, dos irmãos Grimm e “A menina dos fósforos⁴”, de Andersen, a *auto-descoberta*, como mostrado no “Patinho feio” de Andersen, e *perdas, abandonos, esquecimentos*, como referenciados em “O Pinheirinho” de Andersen, *buscas e crescimento*, presentes em o “Gato de botas” e “A bela adormecida”. Nesse sentido, Kishimoto (2007) esclarece que os seres fantásticos presentes nos contos de fadas são mediadores da narrativa, pois possibilitam a utilização do conhecimento que a criança dispõe.

⁴ “A menina dos fósforos” também não é considerada um conto de fada na perspectiva de Bettelheim (1980), por não possuir o final otimista dos contos de fadas.

Método

1. Participantes

O trabalho foi realizado numa instituição abrigo, localizada em uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais. Contou com a participação de 11 crianças (de quatro a sete anos), 6 educadoras, do gestor da instituição, da assistente social e do secretário.

A) Crianças

As crianças participantes foram divididas em quatro grupos de três crianças cada, assim constituídos: *Grupo 1*: crianças de 7 anos; *Grupo 2*: crianças de 6 anos; *Grupo 3*: crianças de 5 anos; *Grupo 4*⁵: crianças de 4 anos.

B) Educadoras - mães sociais e mães folguistas

As educadoras são denominadas nessa instituição de mães sociais e mães folguistas. Participaram nesse estudo quatro *mães sociais* e duas *mães folguistas*. Para esclarecimento, entende-se por *mãe social*, aquela contratada para morar no abrigo e cuidar de determinado grupo de crianças e *mães folguistas* àquelas que cobrem, uma vez por semana, folga das mães sociais.

C) Equipe Administrativa

Participaram do trabalho o gestor do abrigo, a assistente social e o secretário.

2. Instrumentos

2.1. Observação da rotina institucional;

⁵ O grupo quatro não continuou na pesquisa por se tratar de crianças muito pequenas, com dispersão muito rápida da atenção.

2.2. *Entrevista semi-estruturada com o gestor*, abordando os seguintes aspectos:

* dados pessoais: idade, cidade de origem, estado civil, formação escolar, profissional, tempo de trabalho no abrigo;

* breve histórico sobre o abrigo;

* funções do cargo (dificuldades e facilidades);

* compreensão acerca dos vínculos existentes entre os diversos atores sociais no interior da instituição;

* rotina institucional (encaminhamento de crianças para outras casas, retorno para a família e adoção);

* importância dada à leitura dos contos de fadas no abrigo.

2.3. *Entrevista semi-estruturada com a assistente social*, abordando os seguintes aspectos:

* dados pessoais: idade, cidade de origem, estado civil, formação escolar, formação profissional ;

* histórico das crianças participantes da pesquisa;

* motivações para trabalhar na instituição e as dificuldades de trabalho encontradas no abrigo.

2.4. *Entrevista semi-estruturada com o secretário*, abordando os seguintes aspectos:

* dados pessoais: idade, cidade de origem, estado civil, formação escolar, profissional e tempo de trabalho no abrigo;

* experiência de trabalho em instituição infantil/funções como secretário;

* facilidades e dificuldades no trabalho com as crianças.

2.5. *Entrevista semi-estruturada com as mães sociais e mães folguistas*, contendo os seguintes aspectos:

* dados pessoais: idade, cidade de origem, estado civil, formação escolar, formação profissional e tempo de trabalho no abrigo.

* percepção de como se constituem os vínculos com as crianças;

* percepção sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças;

* dificuldades e facilidades na vivência dentro do abrigo e no trato com as crianças.

2.6. *Sessões de rapport* - foram realizadas duas sessões de *rapport* com os três grupos, com o objetivo de facilitar a construção dos primeiros vínculos entre pesquisadora e crianças. As sessões foram organizadas por meio de leitura de alguns contos e outras histórias escolhidas pelas crianças. Foram realizadas durante dois sábados consecutivos, o que efetuará duas sessões de *rapport* para cada grupo. No entanto, em um dos sábados, apenas um grupo (Grupo 1) pôde participar da sessão, os outros dois (Grupo 2 e Grupo 3) não puderam por motivos de saúde e porque alguns não estavam no abrigo⁶. No outro encontro, todos os grupos (Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3) participaram das sessões, resultando uma duração média de uma hora e cinquenta e dois minutos para o primeiro grupo, cinquenta e dois minutos para o segundo grupo e quarenta e cinco minutos para o terceiro grupo. No primeiro dia, a pesquisadora escolheu o conto “A História dos Três Ursos”, mas logo, na segunda sessão, considerou pertinente deixá-las escolherem a história a ser contada.

⁶ As crianças saem algumas vezes para passar o fim de semana com seus “padrinhos”. Um sistema que objetiva tirar a criança do ambiente da instituição para que possa participar de outros convívios, muitas vezes, realizando passeios diversos com essa família.

2.7. *Histórias infantis* - O livro escolhido para esse trabalho foi *Contos de Fadas*, de Maria Tatar, uma reunião dos clássicos dos contos de fadas. Durante todas as oficinas, esse livro esteve disposto sobre a mesa, o que promoveu nas crianças interações com o material, enquanto as histórias iam sendo contadas com a ajuda delas. As histórias contadas nesta pesquisa foram: “A História dos Três Ursos” (Robert Southey); “João e Maria” (Jacobs e Wilhelm Grimm); “Chapeuzinho Vermelho” (Jacobs e Wilhelm Grimm); “A Pequena vendedora de Fósforos” (Hans Christian Andersen); “O Patinho feio” (Hans Christian Andersen); “Os três Porquinhos” (Joseph Jacobs) e “Molly Whuppie” (Joseph Jacobs).

2.8. *Desenhos das crianças*: os desenhos foram utilizados como forma de possibilitar a complementaridade e enriquecimento do estudo, a partir de narrativas que as crianças iam tecendo sobre os contos de fadas ou sobre suas próprias histórias. Assim, após a narrativa de cada história, foram disponibilizados materiais como folhas sulfites A4 branca e papel reciclado, lápis aquarelável de cores, giz pastel oleoso, borracha, para que pudessem escrever ou desenhar livremente acerca das histórias contadas ou sobre qualquer outra temática.

2.9. *Análise de prontuários*: acesso permitido por decisão judicial para que a pesquisadora pudesse entrar em contato com o histórico familiar, motivos de encaminhamentos para a instituição abrigo e a situação atual das crianças participantes deste estudo.

3. Procedimentos

Primeiramente foi agendada uma visita à instituição para apresentação da intenção do trabalho de pesquisa. Na visita, a coordenadora demonstrou receptividade. Foi deixada uma cópia do pré-projeto ao gestor da instituição, para que ele pudesse apreciar e dar o seu consentimento para a realização do trabalho. A coordenadora assinou o termo de consentimento institucional e em seguida foi agendada uma visita com o juiz da Vara da Infância e Juventude para solicitação e permissão do estudo.

Após estes contatos iniciais, foi agendada uma nova visita ao abrigo para a organização das atividades a serem desenvolvidas. Estas ocorreram prioritariamente aos *sábados*, por ser este um dia em que as crianças estão mais disponíveis para outras atividades. Para a seleção das crianças participantes no estudo, pensou-se inicialmente em se efetuar-lhes uma sondagem de modo a conhecer o desejo ou não de ouvir histórias. Contudo, a coordenadora sugeriu que as crianças participantes fossem as “mais difíceis”, isto é, que demonstravam maiores dificuldades de comportamento (não respeito às regras, aos colegas, dificuldades escolares entre outras). Sugestão que foi acatada pela pesquisadora, para facilitar a interação no contexto estudado.

A primeira etapa da coleta de dados referiu-se ao conhecimento da rotina institucional. Para tanto, foram realizadas cinco observações, em dias diferentes, com duração média de quatro horas. Após, foram realizadas sessões exploratórias nos grupos de crianças selecionadas, objetivando conhecê-las e formar um vínculo inicial a fim de possibilitar a realização do trabalho, perfazendo uma média de três horas e vinte e nove minutos.

O trabalho com as crianças foi realizado por meio de oficinas de histórias, com o seguinte funcionamento: as crianças eram buscadas em suas casas pela pesquisadora. A primeira oficina foi realizada em uma sala com características de almoxarifado; após a constatação de sua inadequação pela pesquisadora⁷, houve uma mudança para uma sala mais pertinente ao estudo, pois contava com livros de histórias, lousa; a sala era clara, arejada, espaçosa, com cadeiras e mesas infantis, além de contar com um banheiro ativo. Foram realizadas dez visitas ao abrigo para a realização das oficinas de histórias com as crianças, obtendo um total de nove oficinas realizadas com o Grupo 1 (510 minutos gravados), nove oficinas realizadas com o Grupo 2 (472 minutos gravados) e sete oficinas realizadas com o Grupo 3 (314 minutos

⁷ Na sala havia muitos brinquedos amontoados por todas as partes e um banheiro inativo, cheio de doações em sacos grandes de plástico, o que dispersava a atenção das crianças.

gravados), com duração média entre quarenta e cinco minutos a cinquenta e seis minutos, perfazendo oito horas e trinta minutos com o Grupo 1, sete horas e cinquenta e dois minutos com o Grupo 2 e cinco horas e catorze minutos com o grupo 3, obtendo um total geral de 21 horas e trinta e seis minutos gravados. Na realidade, o tempo de trabalho na instituição foi maior, contudo, por alguns imprevistos, como problemas com o equipamento, tais horas não foram acrescidas ao cômputo total de horas disponibilizadas para as atividades junto às crianças.

Simultaneamente ao trabalho desenvolvido com as crianças, foram realizadas as entrevistas com o gestor da instituição, a assistente social e o secretário. A pesquisadora solicitou que a coordenadora também participasse, contudo, todas as tentativas de entrevistá-la foram frustradas. Ao final da pesquisa foi possível o acesso ao histórico familiar, motivos de encaminhamentos ao abrigo e situação atual das crianças participantes deste estudo, o que se deu por meio de uma solicitação feita ao juizado da Vara da Infância e Juventude, que depois de analisar as justificativas do pedido, autorizou-o, desde que atrelado ao sigilo absoluto das identidades envolvidas. A coleta foi realizada no Fórum junto a representantes do comissariado da Infância e Juventude.

R

Resultados

Os resultados obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas com a equipe da instituição, com o levantamento dos dados nos prontuários das crianças e com a efetivação das oficinas de narração de histórias serão apresentados em blocos. A fim de contextualizar a instituição optou-se por uma breve descrição do local e, a seguir, um detalhamento com os principais achados de todas as atividades empreendidas no estudo.

1. Da Instituição

A instituição foi idealizada com base numa rede de instituições existentes no Brasil, advindas da Áustria. Há indícios de se ter iniciado o trabalho de cuidado às crianças em período pós-guerra. Trata-se de uma instituição filantrópica que vive de doações e subvenções da prefeitura. O local tem cerca de 9.500 m², com 6 casas, entre as quais, a casa 1 funciona como secretaria e as casas 2, 3, 4 e 5 funcionam no sistema de casas-lares. A casa 6 serve de moradia ao gerente administrativo e ainda outras duas construções como o salão de festas e depósito. Existe uma extensa área verde entre as casas, campo de futebol, horticultura, parque para as crianças e bancos de cimento junto ao parque. As casas-lares são arejadas, mobiliadas com todos eletrodomésticos necessários, quartos, cozinhas e copas grandes, muitas camas e brinquedos, com despensa repleta de mantimentos advindos de doações. Cada casa tem condições de receber de dez a onze crianças. São cerca de 40 crianças atualmente abrigadas na instituição, com idade limite para admissão de sete anos, a não ser que se faça parte de grupo de irmãos. Assim todos têm a chance de morarem juntos. Ali ficarão até que possam voltar para família ou serem adotados. Não ocorrendo nenhuma das opções, as crianças ficam no abrigo até completarem maioridade ou completarem seus estudos. A instituição mantém uma equipe de profissionais: um gerente administrativo, uma assistente social, um secretário,

um professor de reforço, mães sociais e mães folguistas, secretária e auxiliar de serviços gerais.

Os projetos realizados dentro da instituição, geralmente, são advindos de estágios das universidades e voluntários que oferecem algum tipo de assistência médica, odontológica, na área da informática e horticultura, contando também com um professor de violino. Existe a idealização de dois novos projetos para construir mais casas que servirão para auxiliar mães das crianças e outro com a finalidade de fazer um centro educacional e profissional para as crianças dentro do abrigo. Os dois projetos ainda estão sendo estudados.

2. Da Observação Inicial

Essa observação marcou o início de todo trabalho subsequente realizado no abrigo e foi realizada com o objetivo de conhecer um pouco mais da dinâmica diária das pessoas que vivem na instituição, antes da efetivação da pesquisa. Constou um total de 20 horas de observação distribuídas no período de uma semana. A pesquisadora optou por ficar no pátio (parquinho) para observar a dinâmica geral do abrigo, levando em consideração a posição central do parque, que dava uma boa dimensão visual de todas as casas e secretaria do abrigo e também por ser um espaço socializador.

Foi possível perceber que há muitos horários definidos no abrigo, como horário de levantar para se dirigir à escola, horário de almoço (via de regra, só almoçavam se todos estivessem presentes à mesa), horário de realizar atividades domésticas, atividades escolares, horário de ir ao parque, o que parecia variar muito conforme as regras legisladas por cada mãe social; vez em quando podiam se ouvir mães sociais e folguistas, gritando de suas casas: “Não é hora de brincar, vem para dentro!” e geralmente chamavam-nas para terminar ou realizar

tarefas não feitas do dia. As crianças pareceram muito sociáveis, porém algumas muito carentes.

Assim, a observação foi finalizada sem ter muitos contatos com a equipe técnica do abrigo durante este período.

3. Das Entrevistas Iniciais com a Equipe Técnica e Educadoras

As entrevistas semi-estruturadas com a equipe técnica e educadoras do abrigo foram realizadas durante o período da pesquisa e tiveram como objetivo central colher dados que pudessem favorecer a compreensão da realidade das crianças que vivem em contextos de abrigo. Foram computados 502 minutos gravados em áudio da equipe técnica juntamente com as educadoras, resultando um total de oito horas e vinte e dois minutos gravados.

3.1. Equipe técnica

A equipe técnica entrevistada foi constituída pelo gestor do abrigo⁸ (que chamaremos de Senhor Marcos), pela Assistente Social (que chamaremos de Marilene) e pelo Secretário (que chamaremos de Levi). Todas as transcrições das entrevistas foram realizadas respeitando fielmente as falas dos participantes, mantendo os erros de concordância e de pronúncia.

3.1.1. Gestor do abrigo

⁸ Nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes.

Senhor Marcos têm 77 anos, nasceu no interior paulista, é casado, cursou o ensino superior e trabalhou muitos anos como corretor de imóveis. Ele idealizou e concretizou a instituição abrigo, objeto desse estudo, e já tem 15 anos de trabalho na instituição.

A entrevista com o Senhor Marcos permitiu o levantamento dos seguintes pontos: concepção de criança e do seu desenvolvimento e aprendizagem estando inseridas no abrigo; concepção da família de origem das crianças; conhecimento dos fatores que levaram ao abrigamento das crianças; critérios utilizados para contratação e demissão das mães sociais; conhecimento acerca do processo de formação de vínculos entre a mãe social e a criança; conhecimento do trabalho dos profissionais de psicologia atuantes na instituição (normalmente, enviados pelo juiz) para cuidarem do desligamento da criança dentro da instituição e, por fim, conhecimento sobre a importância dos contos de fadas.

Senhor Marcos menciona que sempre gostou de trabalhar com criança e acha estimulante “*por ser matéria bruta a ser trabalhada*”. Refere-se às crianças quando fala de um novo projeto implantado no abrigo, da seguinte forma: “(...) Nós iremos fazer uma experiência *com o material humano pior possível* [itálico nosso]. Nosso material serão (sic) os meus, que considero maus alunos e os da noite que são péssimos também”.

Quando questionado sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças abrigadas, Sr. Marcos relata que:

Sr. Marcos: (...) Uma criança que vem pra cá tem deficiência, carência afetiva, tem problema de relacionamento, tem problema de aprendizagem, de comportamento, fazem xixi na cama, tem tudo! (...) *Tem umas crianças que tem enurese noturna que você não entende, já são grandes demais!* [itálico nosso]

Também menciona fatos sobre a sexualidade das crianças:

Sr. Marcos: (...) E agora recentemente, os meninos começou (sic) a se engraçar com as meninas, que deveriam se respeitar como irmãos, começaram a querer a tomar liberdade. E antes que aconteça qualquer coisa tivemos que separar. Menino numa casa, menina na outra. *Tivemos problemas também com alguns meninos com meninos* (itálico nosso).

Com relação às dificuldades no processo de aprendizagem dessas crianças, Senhor Marcos parece colocar poucas expectativas nas crianças e adolescentes que demonstram dificuldades de aprendizagem, como pode ainda ser observado: “(...) Infelizmente *não são todas as pessoas que tem condições de cursar um curso superior* [itálico nosso]. Então tem que preparar pra ser um profissional capaz dentro da sua limitação”. No entanto, parece se referir aos problemas de aprendizagem como algo estático, irreversível, insuperável.

Em relação aos vínculos das crianças e suas famílias de origem, ele responde que o motivo das crianças estarem no abrigo se deve principalmente aos maus tratos e menciona o desejo de ajudar as mães que desejam seus filhos de volta, as que *têm uma raiz de bondade na história* (sic), oferecendo ajuda (moradia, água, luz, etc), com algumas condições definidas: parar de fumar, parar de beber, parar de se prostituir.

Na tentativa de fazer com que essas crianças identifiquem o abrigo como um lar, mesmo que temporário, são contratadas mães sociais que deverão morar na instituição. A instituição dispõe de quatro casas para abrigarem as crianças, portanto são contratadas quatro mães sociais e duas mães folguistas. Cada mãe social cuida de aproximadamente de dez a onze crianças dentro de uma casa, portanto, são cerca de 40 crianças abrigadas nessa instituição. Para contratação dessas mães, Sr. Marcos, define algumas condições:

Ter mais de 40 anos, sem dependentes, sem marido, sem filhos pequenos, sem mãezinha velha pra cuidar (sic), *sem filhas mulheres* (e explica) *porque a mãe de mulher se apega muito a função de avó.*

Na definição dos critérios para demissão da mãe social, Senhor Marcos também aponta os motivos: falta de amor, disciplina interna ou ordem na casa, mas o que diz ser intolerável dentro da instituição é o fato da mãe “bater” na criança: “*Se eu souber que uma mãe bateu, ta (sic) demitida! Mas nem por isso ela pode ser banana (sic); ela tem que se impor! Coitada! Ela tem que se impor, mas não pode bater!*”

Senhor Marcos: Nós selecionamos as mães de maneira tal que procuramos tê-las como definitivas. Nós não queremos uma mãe que passe 5 anos e vá embora (sic). Porque elas vão criando vínculo com as crianças e as crianças com elas. E se elas forem embora... mais uma sensação de abandono que essas crianças vão ter. Então eu sempre digo: “- Estou contratando vocês pro (sic) resto da vida”. Aí... eu procuro selecionar mulheres que já tem uma situação definida na vida.

De acordo com o gestor, o vínculo entre crianças e mães sociais é um fator importante, ressaltando que deve ser *o mais perto possível de uma verdadeira mãe*. Vale apontar, contudo, que há uma grande rotatividade de mães sociais, pelo baixo salário pago a elas; segundo ele, uma mãe social deveria receber no mínimo R\$ 600,00 (seiscentos reais), mas afirma que só pode pagar o valor de R\$ 380,00 (trezentos e oitenta reais).

Um aspecto importante é o modo como o gestor entende que deve ser a desvinculação da criança com a instituição, após a adoção. Assim, para ele a partir do momento que a criança sai, não tem mais nada a ver com isso e conclui:

“(...) Eu acho errado. Mas não tanto pelo lado da criança que vai, mas pelo lado da criança que fica.”

Diante disso, Sr. Marcos avalia que as crianças que ficam na instituição também devem ser assistidas por profissionais, conforme se depreende em sua fala:

A Larissa ficou excitada falando para todos que iria embora. E as outras que não vão embora? E quando a Larissa recebeu um álbum de fotografia da casa onde ela ia morar? Mas as outras, que não foram, perguntam: -“ Por que eu não fui?” (sic) – “Por que só a Larissa? (Sr. Marcos, 28/02/08)

De acordo com o gestor, no caso de adoção, o tempo para se iniciar o vínculo entre a criança e família adotiva é de 30 (trinta dias), tempo que obedece às leis vigentes.

Como a finalidade desse estudo é possibilitar a compreensão da criança abrigada, utilizando como estratégia para tal, os contos de fadas, foi importante conhecer as idéias do gestor sobre eles, as quais podem ser vistas a seguir:

... o conto de fada conta um bem, conta um mal. Existem alguns religiosos irmãos nossos que são contra, claro!... Eu não vejo mal nenhum. A criancinha de 3, 4 aninhos quer uma história... Papel Noel, fadinha. Poxa! Nós fomos educados assim, que mal há?... *Eu sou sonhador... E se eu não fosse sonhador, não existiria isso aqui...* (itálico nosso) (Senhor Marcos, 28/02/08)

Desse modo, observa-se que Senhor Marcos demonstra conceber os contos de fadas como inofensivo ao desenvolvimento da criança e propiciador de sonhos e assim de outras realidades.

3.1.2. Assistente social⁹

Marilene tem 25 anos, nasceu em uma cidade do interior de Minas Gerais, é solteira, formou-se no curso de Assistência Social e trabalha há dois anos no abrigo. Alguns fatores foram destacados como importantes no seu trabalho como: relativo conhecimento da história

⁹ De acordo com dados atualizados em Junho de 2008, esta profissional não trabalha mais no abrigo.

das crianças participantes do estudo, concepção sobre as famílias de origem das crianças; manutenção dos vínculos com a instituição, após a saída da criança; dificuldades no abrigo.

No presente estudo, observou-se certa divergência quanto aos dados relativos à história das crianças fornecidos pela assistente social, dos documentos arquivados na Vara da Infância e Juventude, de modo que as informações oriundas de tal documentação é que serão consideradas, por se julgar serem mais reais e isentas de inferências.

Para Marilene é difícil o contato com algumas famílias de origem das crianças abrigadas. Relata ter desistido da mãe de *Carina* e *Leonardo* (crianças participantes da pesquisa) que, segundo Marilene, não parecia interessada pela volta dos filhos, pois fez várias visitas na casa da genitora e encontrou sempre muito bagunçada, conforme excerto a seguir:

(...) Não é higiene. *É desordem das pessoas, falta discernimento, falta vontade, falta uma garra de trabalhar* (itálico nosso). A Julia, nós arrumamos emprego para ela vir aqui, ela não vem, então arrume a casa, nós pagamos a diária, vinte e cinco reais, por exemplo, ela não vem, então tem uma roupa para lavar, nós pagamos tanto, não vem, olha, vamos fazer isso, não vem, então *são pessoas que se acomodaram porque ganham muito, ganham cesta básica, ganha auxílio de outras entidades* (itálico nosso). (Marilene, 16/06/07)

Quando a pesquisadora questiona Marilene se essa família passa por dificuldades financeiras, ela responde que passam muitas dificuldades, especificamente “*porque ninguém quer trabalhar*”. Em outro momento, Marilene menciona uma visita que fez a um genitor, para a entrega de alguns documentos:

(...) Quando eu cheguei na casa, já era meio dia. A mãe dele veio atender: (...) –“Cadê o Cássio?”-“Ah, está dormindo” ai eu falei:“*Nossa, dormindo até uma hora dessa?*” *Meio dia!* Ela foi acordar ele (...)

conversei com ele, falei que eu tinha arrumado os documentos, que ele tinha que tomar mais cuidado para não perder porque ficou caro, (...) Então eu falei: “- Cássio, o que aconteceu para você estar dormindo até uma hora dessas?” ai ele falou: “- Eu estava trabalhando” eu falei: (...) - “*Me desculpe, você não me engana*”. *Aí ele falou: “Não, então eu vou falar então, ontem eu estava bebendo pinga ali em cima no boteco*”. (itálico nosso) (Marilene, 16/06/07)

Em relação ao modo de adoção, Marilene demonstrou a seguinte concepção sobre o fato da família adotiva conhecer a criança pretendida:

(...) Eu acho isso muito ruim porque é tipo uma mercadoria, você vai lá no supermercado e pega a mais bonitinha, a melhor, né? A mais espertinha, a criança dos seus sonhos, a criança idealizada ou a criança que eu não tive (sic) (Marilene, 16/06/07)

Marilene também comentou acerca do fato das famílias adotivas estrangeiras não terem nenhum vínculo efetivo com as crianças, a não ser o contato com duração de 15 a 30 dias¹⁰, que só se firma após a adoção ter sido formalmente consumada:

(...) *Ele já estava preparado* (itálico nosso) *Conhecia sim, através de fotos* (itálico nosso). A família manda um albinho (sic), para toda criança que vai ser abrigada internacionalmente. (Marilene, 16/06/07).

¹⁰ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente “*Em caso de adoção por estrangeiro residente ou domiciliado fora do país, o estágio de convivência, cumprido no território nacional, será de no mínimo quinze dias para crianças de até dois anos de idade, e de no mínimo trinta dias quando se tratar de adotado acima de dois anos de idade* (Art.46, sessão 1º).

De acordo com Marilene, não é bom para a criança, depois de ser adotada, manter vínculos com as pessoas da instituição, mas ressalta que isso também depende muito da família.

Quanto às dificuldades enfrentadas no seu trabalho no abrigo, Marilene relata ter muitas e se justifica dizendo que “cada criança é uma criança”, conforme explica:

(...) Cada um reage de uma maneira, cada um com suas revoltas, com seu temperamento, com a sua história, com seus traumas, tem criança que a mãe tem autorização para vim visitá-la e ela não está vindo e essa criança *tem um distúrbio emocional muito sério, ela chora muito quando a mãe não vem, berra.* (...) *Berra muito ali no portão, grita mesmo, é berrar “mãe você não veio!” “AAAAHH!”*(...) *Então cada um reage de uma maneira, são muitas tristezas, são muitos sofrimentos, são muitas perdas, o abandono, “Quem é minha mãe?” “Quem é meu pai?” “Por que eu estou aqui?” “O que eu estou fazendo aqui?”* (itálico nosso) (Marilene, 16/06/07).

3.1.3. Secretário ¹¹

Levi tem 29 anos, nascido em uma cidade do interior de Minas Gerais, é casado, não possui segundo grau completo e trabalhava como motorista antes de ser admitido no abrigo. Quando foi entrevistado, já estava na instituição havia quatro meses. Para exercer a sua função, morava na instituição para estar disponível para tarefas, como buscar remédios, levar crianças ao médico, receber doações, receber as visitas etc, além de intervir no trato com as crianças, quando solicitado, pelas mães que, segundo ele, era buscado “quando a situação estava meio fora de controle”.

¹¹ Saiu do abrigo, durante o tempo de pesquisa.

Levi diz que trabalhando no abrigo estava aprendendo *junto com as crianças* (sic), a ter paciência, a valorizar seus sentimentos e considerava isso uma vantagem no seu trabalho. Alguns comentários de Levi, especificamente quando relata suas concepções sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças no abrigo foram importantes, como: sexualidade, enurese noturna, dificuldades escolares, o brincar e a colocação de limites.

Sobre a sexualidade, aponta:

Da maneira que eles cometem esses atos eles já começam a ficar *pessoas erradas* (itálico nosso) eles ficam (...) *crianças até um pouco fora do normal* (itálico nosso) (...) isso prejudica muito o nosso trabalho (...) o que poderemos estar fazendo é que através da bíblia porque nós somos pessoas evangélica (sic) então nós cremos muito no poder da palavra de Deus, então através da palavra de Deus, e eu estou sempre ensinando (...) cada dia eu vou em uma casa sempre conscientizando, com isso eu penso que é um forma para (...) ajudar na libertação, que eles possam conscientizar-se que isso é errado, que não está na hora (...)

As curiosidades e algumas experiências sexuais infantis estiveram presentes nas falas de alguns entrevistados e é importante observar que a prática de intervenção religiosa pareceu ser dominante no acolhimento e orientação dessa temática. Outras situações relatadas por Levi contribuem para o conhecimento do desenvolvimento de crianças abrigadas, como a frequência de casos de crianças mais velhas (de até 13 anos) que ainda urinam na cama e crianças que demonstram muitas dificuldades escolares (cita criança de 11 anos que ainda não sabe ler). No que se refere ao brincar, Levi admite que as brincadeiras das crianças são um tanto agressivas e que envolvem mais “bater” uns nos outros do que brincar.

Levi menciona que o único que tem autorização para corrigir é o gestor e que as crianças conhecem seus direitos e por isso abusam de certa forma, o que denota dificuldades de impor autoridade e respeito às crianças.

3.1.4. Mães sociais e mães folguistas

Nesse item, abordar-se-ão todas as mães sociais e mães folguistas entrevistadas. Os dados pessoais das mães sociais e mães folguistas (sexo, idade, estado civil, formação escolar, formação profissional e tempo de trabalho no abrigo) estão dispostos na tabela a seguir:

Tabela 1 – Caracterização das mães sociais e mães folguistas

Mães Sociais e mães folguistas	Sexo	Idade	Estado civil	Formação Escolar	Formação Profissional	Tempo de trabalho no abrigo
Casa 2: Ana Cuida de crianças de 02 a 12 anos	F	56 anos	Solteira	Ensino médio	Professora	1 ano e 4 meses
Casa 3: Nilse Cuida de crianças e adolescentes entre 4 a 21 anos.	F	53 anos	Viúva	Ensino Fundamental incompleto	Nenhuma	4 anos
Casa 4: Vera cuida dos bebês ¹²	F	55 anos	Solteira	Ensino Fundamental	Nenhuma ¹³	6 anos
Casa 5: Núbia Mãe Social que assumiu a casa 5	F	53 anos	Solteira	Ensino Fundamental	Nenhuma ¹⁴	1 mês
M.F1- Lara ¹⁵	F	34 anos	Solteira	Ensino médio	Técnica em Enfermagem	4 meses

¹³ Interessante salientar que quando a pesquisadora pergunta a esta mãe sobre sua formação profissional ela responde “Mãe Social”.

¹⁵A sigla M.F refere-se à “mãe folguista”, educadora que cobre os dias de folga das mães sociais. MF1 e MF2 não trabalham mais no abrigo.

M.F2 -Lan	F	60 anos	Viúva	Ensino médio	Professora	1 mês
-----------	---	---------	-------	--------------	------------	-------

Quanto à concepção de suas funções, as mães relataram as medidas de cuidados com as crianças, o prazer de vê-los fazer uma alimentação correta, indo à escola etc. As mães sociais e folguistas demonstraram gostar do que fazem, assumindo responsabilidades de uma mãe nos cuidados materiais e afetivos.

“(...) Eu não tinha nenhuma formação (...) para cuidar delas, mas eu pensei *amor eu tinha bastante para dar* (Itálico nosso). E com isso faz quatro anos que estou aqui” (Nilse, data 13/10/07).

“Cada dia vamos aprendendo um pouquinho (...) cada dia você vive uma situação nova (...) são aqueles que vão, tem aqueles que chegam, muito judiados, precisando de mim (...) Se eu não gostasse (...), não estaria aqui esse tempo todo” (Vera, 13/10/07).

Com relação às dificuldades percebidas no trabalho, Vera e Lara afirmam que é lidar com a rebeldia das crianças, principalmente as mais velhas. Lara ressalta ainda ter dificuldades com as agressões verbais ou gestuais e justifica que a criança não tem uma boa educação, porque trazem uma “carga emocional” muito forte de onde vêm. Já mães como Ana e Núbia, afirmaram não encontrar dificuldades nas suas funções.

Interessante salientar que após uma mudança ocorrida no abrigo para a criação da sede dos bebês, algumas mães sentiram dificuldades pela eminente separação de crianças para outras casas, provocando rupturas de algumas relações entre mãe social e criança. Ana

demonstrou muita dificuldade de lidar com essa transição, basicamente por ter que separar de “seus bebês” (sic). Outras mães também manifestaram tais dificuldades.

Ana revelou que a instituição fez isso para o bem das crianças, mas no decorrer da entrevista não escondeu seus ressentimentos: “(...) Cresceu aqui dentro, nessa casa, em meus braços, olhe que covardia tirar as meninas daqui!” Ana declarou que, quando aconteceu, teve muita dor de cabeça e chegou a ficar afônica, disse ter sido uma experiência muito dolorosa por serem crianças que a tinham como mãe:

No dia foi um fracasso, o primeiro dia, as gritarias, as brigas, as resistências, não queriam sair da casa e eu com aquele trauma (...) parecia que eu estava abandonando um filho, deixando ali em outra casa, deixando para lá que eu não te quero mais (...) ‘Mãe Ana, não me deixe aqui não!’ A Jeisa passou mal (...) Mãe Ana, não me deixe aqui não (...) eu quero ficar na minha casa.

Ana relatou que devido às dificuldades das crianças se adaptarem em outra casa, foi proibida de visitar e ser visitada pelas crianças. Declarou que a transferência de crianças para outras casas é freqüente dentro do abrigo (que não tinha acontecido com ela) e acredita que seja na tentativa de evitar vínculos entre mães e crianças.

Quanto à possibilidade da desvinculação entre a mãe social e a criança pela adoção, algumas mães relataram: “(...) Eu nem gosto de entrar nesse detalhe, ai (sic) porque eu já acho pesado para o meu coração” (Ana). Já Vera declarou ser muito difícil quando uma criança vai embora, “é um pedaço de nós que vai junto com ele (sic)”, ficando muito emocionada quando relatou uma adoção ocorrida em sua casa dois meses antes da entrevista:

O Túlio, ele ficou comigo mais de três anos, ele veio de outro abrigo (...) nunca passou em outra casa (...) ficou comigo esse tempo todo (...) está com dois meses que foi para Itália (...) Isso que precisa ser trabalhado (...) para evitar um pouco de sofrimento porque ele estava se sentindo inseguro.

Vera comenta acerca da necessidade de se ter um acompanhamento psicológico de preparo para adoção, envolvendo tanto as crianças que serão adotadas, quanto as mães sociais.

Nilse mencionou a difícil conquista representada pelo bom relacionamento com as crianças de sua casa: “Elas tinham dificuldades de (...) me amar, porque elas pensavam que ia (sic) passar a me amar e eu ia embora e deixar elas (sic) também”.

Vera relata a história de duas meninas que entraram juntas no abrigo e que eram como irmãs, uma, porém foi adotada, conforme explicação abaixo:

(...) A outra que ficou entrou em depressão, começou a dar trabalho (...) a criança preocupou tanto com a outra, que não comia, não dormia, ela falava assim: ‘Tia, será que a Márcia está bem? Eu falei: ‘Olha Lucia, eu vou ligar para a tia e vou pedir para trazer a Márcia aqui para passear, para você ver, eu acredito que ela esteja bem’, então eu liguei para ela e ela veio aqui, trouxe ela e ela (sic) mesmo falou para mim: ‘Olha Vera, você não precisa ligar mais, porque eu não vou vir mais aqui com ela ... Porque se não, eles não se desligam daqui, não esquecem daqui’. (Vera, 13/10/07)

Tomando como referência a importância de se considerar os vínculos, algumas mães sociais mencionam que muitas crianças revelam desejos de retornar para sua família de origem. Quanto à concepção das mães sobre a família de origem, Vera afirma que algumas mães se sentem acomodadas com suas crianças abrigadas e há aquelas que acham que seus filhos estão hospedados num “hotelzinho de luxo” (sic). Revelou que algumas mães nunca buscaram ou manifestaram interesse por seus filhos e, em contrapartida, há casos de mães que

fizeram de tudo para terem seus filhos de volta, outras, contudo, como uma mãe que está com cinco filhos abrigados, demonstram desinteresse pelas crianças, finalizando:

... “Acho monstruoso essas mães que (...) perdem seus filhos, como se perdessem uma banana na feira(sic)”.

Quanto ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças abrigadas, vários aspectos foram mencionados pelas mães sociais, a saber: enurese noturna, dificuldades escolares, sexualidade, dificuldades de comportamento em casa, ou na escola. Uma das educadoras relatou que em sua casa tem casos de “meninos que transam com outros meninos”. No caso desse menino, justificou seus atos pelo fato de ter presenciado cenas de sexo entre seus genitores:

(...) Você tem que ficar vigiando. Ele não vai com as meninas porque as meninas, de certo não aceitam ou qualquer coisa, não é que ele seja...tendências de homossexualismo, (sic) (...) agora uma criança, ele só está sentindo o corpinho dele pedir, porque o corpo pede, querida, eu era criança, o corpo queima, entendeu? Então, você faz mesmo, você faz sozinho, você faz com os outros, você faz do jeito que der para fazer. O pai e a mãe teriam que ter uma vida particular muito zelada, porque, olha o que fez com essa criança!

A educadora também mencionou o caso de uma criança (e insistiu para que a pesquisadora registrasse) que foi supostamente diagnosticada como hiperativa e que trás marcas profundas de rejeição:

(...) Eu quero que você deixe isso gravado. Eu tenho uma criança aqui, eu já chorei muito por causa dessa criança, é a que mais me dá trabalho. Essa criança é hiperativa¹⁶ (...) A Larissa, ela tem todos os defeitos de caráter que você possa imaginar, só que não são solidificados, são aquelas pluminhas que vão voando do caráter? (...) Se você não remover, aquilo vai se solidificar e vai ser um indivíduo completamente torto. (...) Ela já teve uma adoção rejeitada, e sabe por que ela foi rejeitada? Porque era uma família muita bem de situação, pegou uma criança de abrigo, com uma idade acima dos três ou quatro anos (...) a criança ficou por conta de empregados, ela desobedeceu a todos, ela quase enlouqueceu a todos, você está entendendo? A mãe simplesmente não teve pulso...e devolveu a criança. Vocês imaginam como é que ela está arrombada por dentro?

Para Vera, as dificuldades de suas crianças são geralmente de comportamento, seja na casa ou na escola e lembra como era no caso do menino recentemente adotado por família estrangeira:

Vera: (...) Ele era uma criança desobediente, era agressivo de bater (...) de judiar, de enfiar o lápis no colega, (...) Mas muito amoroso porque quando eu parava a noite, por exemplo, quando eu parava ele vinha e deitava em meu colo, pedia colo.

Vera afirmou que esta criança tinha muito ciúme quando ela dava atenção a outras crianças: “chorava, dava birra, quebrava as coisas, pegava cadeira, jogava a cadeira para lá, jogava a cadeira para cá, até prato, ele pegava prato e jogava no chão, quebrava”. A mãe também apontou preocupações como a enurese noturna, fato recorrente quando a criança estava preste a ser adotada.

¹⁶ Segundo a mãe social, as avaliações para diagnóstico de hiperatividade não puderam ser completadas, visto que o “paciente não ajudou” (sic). Importante colocar que essa criança, mesmo sem o diagnóstico concluído, tomava medicações para tratamento de hiperatividade.

Núbia também mencionou ter dificuldades com a questão de comportamento das crianças e cita o caso de Larissa, criança de 7 anos, que parecia não aceitar sua presença, quando houve o rearranjo das mães sociais e dizia: “Lá vem a substituta!” “Lá vem a puta!”. Outro fator apontado por Núbia é com relação à sexualidade. A mãe mencionou o fato de um menino de 4 anos de idade (que tinha acabado de ser transferido para sua casa) ter amanhecido dizendo que “um menino havia transado com ele” durante a noite.

4. Das Crianças

Participaram desse estudo três grupos, de três crianças cada, a saber: Grupo 1 (*Gabriela, Ronan e Luna*, com sete anos de idade), Grupo 2 (*Carina, Cristine e Rodrigo* com seis anos de idade) e Grupo 3 (*Wesley, Lucian e Leonardo*, com média de 5 anos de idade). Do Grupo 1 participaram inicialmente duas meninas (*Gabriela e Luna*) e um menino (*Ronan*); Com a desistência de *Gabriela*, entrou *Giovane*, um menino de 7 anos. O Grupo 1 ficou composto de dois meninos (*Giovane e Ronan*) e uma menina (*Luna*), todos com sete anos de idade. Do Grupo 2 participaram inicialmente duas meninas (*Carina e Cristine*) e um menino (*Rodrigo*). Com a adoção de *Rodrigo*, entrou *Geane*, uma menina de 6 anos. O grupo 2 ficou composto por três meninas de seis anos. No Grupo 3, todos os participantes (*Lucian, Leonardo e Wesley*) eram meninos: *Lucian e Leonardo* tinham cinco anos completos e *Wesley*, no período de pesquisa, tinha 4 anos de idade. Ao todo foram 11 crianças participantes dos grupos, cinco meninas (*Gabriela, Luna, Carina*¹⁷, *Cristine e Geane*¹⁸) e seis meninos (*Ronan, Giovane, Rodrigo, Wesley*¹⁹, *Lucian e Leonardo*).

¹⁷ A menina Carina do (Grupo 1) é irmã de *Leonardo* do (Grupo 3);

¹⁸ *Giovane* (Grupo 1) e *Geane* que entrou no Grupo 2 é um casal de irmãos que tinham sido recentemente abrigados. Com a saída de dois componentes (*Gabriela*, do Grupo 1 e *Rodrigo* do Grupo 2), a pesquisadora convidou-os para compor os grupos e eles aceitaram.

¹⁹ Os meninos *Lucian e Wesley* (Grupo 3) também são irmãos

Importante lembrar que todos os nomes mencionados são fictícios para preservar a identidade das crianças.

4.1. Grupo 1 (Gabriela, Luna, e Ronan)

Gabriela - Nasceu no dia 20 de agosto de 1999 e no período de realização da pesquisa estava com sete anos de idade. Foi acolhida juntamente com sua irmã *Marília*, quando tinha 6 anos e 2 meses. De acordo com relatórios psicossociais, Gabriela é uma criança que chegou ao abrigo em péssimas condições de higiene, infestada de piolhos e feridas na cabeça em decorrência destes. Fez referência ao pai assim que chegou, mas quando fizeram menção à mãe, reagiu com raiva. A mãe biológica, com quem vivia antes da institucionalização, é prostituta e faz uso de álcool e outras drogas. Ela engravidou de Gabriela quando tinha 14 (catorze) anos de idade. Os históricos revelaram uma vivência difícil da genitora com sua própria mãe, a avó de Gabriela, pois esta agredia violentamente os filhos e também revelaram uma vivência difícil entre Gabriela e sua mãe, com dados de que a criança agredia sua genitora com paus e xingamentos. Atualmente, a avó deseja a guarda das meninas, mas os estudos revelaram inadequação, por esta ser usuária de álcool, o que a leva a ficar nua em público e ‘ter relações sexuais com qualquer pessoa, em qualquer lugar’. Quanto à genitora de Gabriela, esta pareceu sentir injustiçada com o abrigamento das crianças, o que, segundo ela, ocorreu quando tinha deixado as meninas aos cuidados de uma babá para ir num ‘fórró’. Gabriela recebia algumas visitas da mãe, mas esta não tinha autorização judicial, aparecia e chamava a menina pelas grades do portão da instituição, fato que contribuía para desestabilizar a criança, segundo a direção do abrigo. A sugestão dos laudos está para destituição do pátrio poder, alegando que a família não tem condições de assumir as crianças.

Luna – Nasceu no dia 04 de outubro de 1999 e no período de realização da pesquisa estava com 7 anos de idade. Foi acolhida em 20 de junho de 2006, com 6 anos e 9 meses, com sua irmã, *Deise*. De acordo com relatório do Conselho Tutelar, foram recebidas denúncias de que as crianças estavam sendo vítimas de maus tratos, negligência, violência física e convivência com avó paterna alcoolista. O histórico revelou também que as crianças passavam fome dada a condição de pobreza da família. Luna e Deise haviam sido abandonadas pela mãe, as deixando com o pai, que, conseqüentemente, as deixou com a avó paterna e constituiu nova família.

As crianças quando chegaram ao abrigo sentiram muitas saudades da avó paterna e não demonstraram querer ficar na instituição. O pai, inicialmente, argumentou que sua mãe não era alcoolista e manifestou interesse de assumir a guarda das meninas, mas se matinha distante e quando solicitado para fazer alguma avaliação, se ausentava, como no caso de fazer a avaliação psicológica. A tia, irmã desse pai, desejou muito assumir a guarda das crianças e lutou para isso, mas ao final seu marido ameaçou-a de romper o casamento caso isso acontecesse. Assim, a sugestão dos laudos constava destituição de pátrio poder, pois a família não tem condições de assumir as crianças. Atualmente a única pessoa que visita as crianças no abrigo é a madrinha de batismo de *Luna*, que conseguiu autorização judicial para poder tirar as meninas do abrigo aos finais de semana.

Ronan - Nasceu em 03 de setembro de 1999 e estava com 7 anos de idade. Foi abrigado com 6 anos e 5 meses, com sua irmã *Daiane*, de 1 ano e 7 meses. O encaminhamento, segundo o Conselho Tutelar, ocorreu porque a mãe foi encontrada completamente alcoolizada e ferida com as crianças na rua e quando dirigidos à instituição de saúde, os enfermeiros acionaram o Conselho para tomar as medidas de proteção às crianças. Segundo relatos, a genitora teve que

ser amarrada para que conseguissem tirar Daiane de sua posse. As crianças foram encaminhadas ao abrigo, que segundo relatos psicossociais apresentaram dificuldades de adaptação à nova situação. Ronan, que inicialmente queria fugir, apresentou alto índice de verminose e problemas dentários, tendo que extrair muitos dos dentes. Ronan relatou episódios ocorridos em sua casa, como o de não almoçar todos os dias, não ir à escola, fazer mendicância com a mãe. Mencionou a agressão entre os pais e uso de bebida pela mãe, inclusive relatando que sua mãe um dia jogou a irmã no chão por estar bêbada. Ainda segundo relatos psicossociais, Ronan depois que chegou ao abrigo, não fazia indagações sobre os pais, não demonstrava interesse pela irmã e estava manifestando dificuldades de aprendizagem na escola. Durante as visitas, os pais 'se mantinham apáticos, não estabelecendo diálogos com os filhos e não demonstrando interesse pelo dia-a-dia das crianças, parecendo rejeitar Ronan. Logo as visitas ficaram esporádicas, o que provocou episódios em que Ronan chegou a chamar a mãe de 'tia' e Daiane já não reconhecia mais a genitora. Ambos foram deixando de visitar os filhos, até as visitas serem suspensas e os laudos sugerirem destituição de pátrio poder.

4.2. Grupo 2 (Carina, Cristine e Rodrigo)

Carine - Nasceu em 31 de Julho de 2000 e no período de realização de pesquisa estava com 6 anos de idade. Foi abrigada com 5 anos e 4 meses, com seus três irmãos: Cássio, Leonardo e Kelly. De acordo com o Conselho Tutelar, as crianças foram abrigadas porque a genitora (Júlia) estava sendo ameaçada de morte pelo genitor (Cássio). Em delegacia alegou que o pai das crianças era agressivo, consumidor de drogas, e que não era provedor de alimentos. A genitora procurou a justiça para pedir proteção aos filhos e também solicitou autorização para

vê-los no abrigo. Foi-lhe deferido o pedido. Em documento expedido à Vara da Infância, a instituição pediu a suspensão da visita da genitora, com a seguinte alegação: *“A mãe foi convidada para ingressar o projeto, onde ela poderia pretender ter os seus filhos de volta desde que se comprometesse a abandonar de vez a vida que vinha levando, afastando-se totalmente da bebida e do cigarro e também de seu companheiro, não tendo feito nada para ajudar sua família”*. No processo há vários pedidos da mãe, contestando a perda de pátrio poder. Enquanto isso, o genitor faz um tratamento para se curar do vício, em instituição para esse fim. Houve um encontro no Fórum das crianças com o pai, o filho mais velho, Cássio, abraçou-o e chorou ao vê-lo. Esse explicou aos filhos que estava buscando melhorar de vida para assumi-los de volta. O caso indica destituição de pátrio poder.

Cristine - Nasceu em 13 de julho de 2001 e no período de realização de pesquisa estava com 6 anos de idade. Foi anteriormente abrigada em uma instituição que atende crianças de 0-6 anos, quando tinha quatro anos de idade, juntamente com seu irmão Marcos Pedro. Na instituição atual, Cristine foi acolhida em 13 de março de 2007, com seu irmão, de três anos. Segundo o Conselho Tutelar, os genitores faziam uso severo de álcool; a mãe foi encaminhada ao hospital com quadro de desnutrição e outras patologias, além da suspeita de tuberculose e HIV. Depois de várias tentativas da equipe, com relação à mãe e sem perspectivas em relação a outra pessoa conhecida, a família perdeu pátrio poder e essas foram encaminhadas para a adoção. Um casal se mostrou muito interessado pelos irmãos, conseguiu liberação para ficar com as crianças, prazo que durou apenas 4 (quatro) dias, pois o casal alegou queixas do comportamento das crianças.

Cristine e Marcos Pedro estão para adoção.

Rodrigo - Nasceu em 04 de setembro de 2000 e estava com 6 anos de idade no período de realização da pesquisa. *Rodrigo* foi abrigado com 1 ano e 4 meses, após ter sido abandonado pela mãe, que dizia que não ter condições de propiciar uma vida digna ao seu filho. Recebeu visita da avó após dois anos de acolhido. A mãe nunca mais apareceu. Foi encaminhado ao abrigo do referido estudo, porque já tinha atingido a idade de seis anos, apresentando dificuldade de adaptação à instituição. Não apresentava nenhuma referência familiar e demonstrava desejos em ser adotado. Rodrigo foi adotado por família estrangeira durante o período de pesquisa.

4.3. Grupo 3 (*Lucian, Wesley e Leonardo*)

Lucian e Wesley - *Lucian* nasceu em 08 de janeiro de 2001 e estava com 5 anos de idade, quando foi abrigado com seu irmão, *Wesley* (também participante da pesquisa) e outros dois irmãos. *Wesley* nasceu em 01 de dezembro de 2001. O Conselho Tutelar recebeu denúncias de vizinhos, indicando violência e exploração de crianças pelos pais, que os colocavam para mendigar, espancando-os em público. Segundo os relatórios, os pais eram andarilhos e invadiam casas que estavam para alugar ou construções abandonadas. Eram negligentes, usuários de drogas e violentos com os filhos. Embora houvesse forte vínculo dessa mãe com seus filhos, foi considerado pela equipe de apoio insuficiente, pois não conseguia exercer a função materna, e que ambos manifestaram resistências diante dos tratamentos, não respondendo positivamente a nenhuma das intervenções. Para afastar as crianças de um ambiente hostil e da convivência com usuários de substâncias tóxicas, foi considerado favorável à destituição de pátrio poder.

Atualmente, estão fazendo estudos sobre as possibilidades de colocá-los para adoção estrangeira, com o objetivo de que as quatro crianças permaneçam juntas.

Leonardo – É irmão de Carina (Grupo 2), nascido em 08 de dezembro de 2001 e estava com 5 anos de idade quando participou desta pesquisa. Foi abrigado com quatro anos de idade, com seus três irmãos Carina, Cássio e Kelly. A história familiar é a mesma descrita sobre Carina em momento anterior. Leonardo demonstra ser um menino tímido, carinhoso, de poucas palavras.

4.4. Crianças que entraram substituindo *Gabriela* (grupo 1) e *Rodrigo* (Grupo 2), ao final da pesquisa:

Giovane e Geane - *Giovane* nasceu em 09 de abril de 2001 e estava com 7 anos no momento de realização da pesquisa e *Geane*, nasceu em 29 de abril de 2002 e estava com seis anos quando participou do grupo. O Conselho Tutelar atendia as crianças havia cerca de um ano, desde que a genitora ligou dizendo que ela e os filhos estavam passando fome e caso não fosse tomada uma providência iria suicidar-se. Segundo os registros, as crianças choravam muito no início do acolhimento, mas não fazia menção à genitora. O parecer psicossocial sugeriu a destituição de pátrio poder devido ao uso de álcool dos genitores, falta de condições emocionais, financeiras, habitacionais, agravadas a indisposição em querer mudar de vida.

5. Das Oficinas de Histórias

Durante a pesquisa foram trabalhadas *nove* oficinas de histórias com o grupo 1, *nove* oficinas de histórias com o grupo 2 e *sete* oficinas de histórias com o grupo 3, perfazendo 25 oficinas realizadas, num total de 21 horas e trinta e seis minutos, representando uma média de 7 horas e doze minutos por grupo.

As histórias contadas para o grupo 1 foram:

- a) Oficina 1: “A História dos três Ursos” (Robert Southey);
- b) Oficina 2: “Chapeuzinho Vermelho” (Charles Perrault), “Scooby Doo”²⁰ e “A escola”;
- c) Oficina 3: “A História dos três Ursos” (Robert Southey);
- d) Oficina 4: “João e Maria” (Jacobs e Wilhelm Grimm);
- e) Oficina 5: “Chapeuzinho Vermelho” (Jacobs e Wilhelm Grimm);
- f) Oficina 6: “A Pequena Vendedora de Fósforos (Hans Christian Andersen);
- g) Oficina 7: “Os Três Porquinhos” (Josephs Jacobs);
- h) Oficina 8: “Molly Whuppie” (Joseph Jacobs);
- i) Oficina 9: “Molly Whuppie” (Joseph Jacobs), “A História dos Três Ursos” (Robert Southey).

As histórias contadas para o Grupo 2 foram:

- a) Oficina 1: “A Pequena Sereia” (Hans Christian Andersen) e “Peter Pan” (James Barrie);
- b) Oficina 2: “A História dos três Ursos” (Robert Southey);
- c) Oficina 3: “João e Maria” (Jacobs e Wilhelm Grimm);
- d) Oficina 4: “Chapeuzinho Vermelho” (Jacobs e Wilhelm Grimm);
- e) Oficina 5: “A Pequena Vendedora de Fósforos (Hans Christian Andersen);
- f) Oficina 6: “O Patinho Feio” (Hans Christian Andersen);
- g) Oficina 7: “Os Três Porquinhos” (Josephs Jacobs);
- h) Oficina 8: “Molly Whuppie” (Joseph Jacobs);
- i) Oficina 9: “Molly Whuppie” (Joseph Jacobs) e “O Patinho Feio (Hans Christian Andersen).

²⁰ Histórias contadas nos grupos 1 (Scooby Doo, A escola) e 3 (Hipólito) não são consideradas contos de fadas, pois “Scooby Doo” foi retirado de revista em quadrinhos, “A escola”, de uma coleção de livrinhos de instrução disposta no abrigo e Hipólito indica ser uma fábula.

As histórias contadas para o grupo 3 foram:

- a) Oficina 1: “Hipólito” e “Pinóquio (Carlo Collodi, adaptado por Christiane Angelotti);
- b) Oficina 2: “A História dos três Ursos” (Robert Southey)
- c) Oficina 3: “Chapeuzinho Vermelho” (Jacobs e Wilhelm Grimm),
- d) Oficina 4: “O Patinho Feio” (Hans Christian Andersen)
- e) Oficina 5: “Os Três Porquinhos” (Josephs Jacobs)
- f) Oficina 6: “A História dos três Ursos” (Robert Southey)
- g) Oficina 7: Chapeuzinho Vermelho (Jacobs e Wilhelm Grimm), “A História dos Três Ursos” (Robert Southey), Molly Whuppie (pela primeira vez neste grupo)

Os motivos para que houvesse diferenciações nas histórias ministradas nas oficinas foram: escolha das histórias pelas próprias crianças e alterações no próprio grupo, em virtude de problemas de saúde, passeios fora da instituição ou atividades pedagógicas promovidas dentro do abrigo, que obrigou a um novo ajuste das atividades previamente definidas.

A seguir, serão descritas as oficinas, por meio de um breve resumo de cada história contada e serão apontadas as categorias organizadas para análise, sendo: (1) interesse diante das histórias, avaliado por meio de solicitações para contar ou repetir as histórias e desinteresse, avaliados por meio de dispersões (quando o grupo se voltou para algum assunto deslocado do contexto ou demonstrou desejo de ir embora); (2) interação entre pares, avaliada por meio de questionamentos, divisão de materiais e comentários sobre os contos de fadas; (3) comentários acerca de sua própria história, avaliados por meio das experiências suscitadas pelos contos de fadas, vivenciadas ou não na instituição abrigo; (4) histórias preferidas e rejeitadas, avaliadas pelo nível de interação e interesse diante das oficinas realizadas e (5) desenhos como forma narrativa dos contos e das histórias das crianças.

Resumo das histórias contadas nas Sessões de Rapport

“A História dos Três Ursos” (Robert Southey)

A História dos Três ursos (grande, médio e pequeno) descreve que os três saem pela floresta, deixando esfriar sobre a mesa suas tigelas cheias de mingau. Nesse ínterim, uma velha senhora invade a casa e experimenta, de forma exigente e “reclamona”, todas as tigelas de mingau. Seus desejos parecem se realizar, ainda que parcialmente, todas as vezes que entra em contato com as coisas do urso pequeno. Essa senhora “intrusa” senta-se na cadeira de todos, mas é na cadeirinha do urso pequeno que encontra satisfação, repousa e quebra a cadeira do ursinho. Não contente, sobe as escadas, dirige-se ao quarto, deita na cama de todos, encontrando conforto somente na cama do urso miúdo, onde se acomoda e dorme profundamente. A família de ursos volta para casa e todos percebem que suas coisas estão mexidas e o ursinho pequenino se mostra indignado por seus pertences estarem consumidos ou estragados. Vão todos investigar o quarto, e chegando lá os ursos, grande e médio falam com vozeirão forte e áspero, mas a senhora continua a dormir profundamente, como se nada a preocupasse, até que o ursinho, com sua voz mirradinha aponta que alguém mexeu em sua cama e está dormindo nela. A senhora escuta a voz do ursinho, acorda sobressaltada e de susto, acaba pulando a janela. Ninguém jamais teve notícias do seu paradeiro.

“Chapeuzinho Vermelho” (Charles Perrault)

Chapeuzinho é uma menina dócil, passiva, obediente, indefesa, que ao ser incumbida de levar bolinho e potinho de manteiga para a avó doente é orientada pela mãe para não fugir do caminho que leva a casa da vovó, mas quando Chapeuzinho encontra o lobo na floresta é facilmente enganada por ele, que chega primeiro na casa da avó e a devora enquanto chapeuzinho, na floresta, está entretida com castanhas, flores e borboletas. Chapeuzinho quando chega à casa da avó, não se atenta aos sinais aparentes do lobo e acaba sendo devorada. A menina, portanto, por ter sido desobediente foi punida no fim da história.

“Scooby Doo” (Disney)

A história pela qual Ronan se interessa é uma história típica dos quadrinhos da equipe de investigação de Scooby-Doo. A equipe foi convocada para fazer uma investigação em algumas cavernas, consideradas turísticas e com grande volume de visitantes, desinformados da situação atual das cavernas. O grupo foi incumbido de encontrar os responsáveis pelos “acontecimentos estranhos” no interior das cavernas, e isso precisava ser feito sem assustar os visitantes. A trama se desenvolve quando a equipe busca pistas, e vai passo a passo, chegando ao verdadeiro suspeito. Os trajetos percorridos geralmente são sombrios, cheios de monstros, esqueletos, morcegos etc, o que muitas vezes, desencoraja personagens como Salsicha e Scooby - Doo, (Geralmente medrosos, trapalhões, e por causa disso, engraçados) mas as aventuras sempre têm um desfecho otimista. E os personagens “medrosos” acabam solucionando, mesmo que por acidente, o caso de investigação.

“A escola”²¹

²¹ Autor desconhecido da pesquisadora

Relata o percurso de dois irmãos gêmeos, inseparáveis, Silvia e Jorge, que se despedem da mãe para irem à escola. Trata - se de uma escola onde os gêmeos também compartilham a mesma sala. A história mostra que Jorge é mais desligado e dependente de Silvia, esquecendo tarefas de casa, cadernos e sempre pedindo os de Silvia emprestado, o que faz com que Jorge seja repreendido pela professora.

“A Pequena Sereia” (Hans Christian Andersen)

Na versão de Hans Christian Andersen, a Pequena Sereia era a filha caçula do rei Tritão. Ela era uma sereia diferente das outras irmãs, pois era quieta, distante e pensativa. A sereia desejava muito conhecer a superfície do mar, mas não podia até que completasse 15 anos de idade. Quando completou essa idade, seu desejo pôde ser realizado, nadou até a superfície e ficou maravilhada com a beleza do outro mundo e foi aí que conheceu um lindo príncipe conversando com outras pessoas no convés de um navio, navio este que por algum motivo veio a afundar, levando a sereiazinha a salvar o jovem já desmaiado para uma praia. Ao acordar, não viu o rosto da sereiazinha, pois, estava escondida entre rochas, viu o rosto de uma outra moça por quem se apaixonou. A sereia estava muito triste e foi até a feiticeira do mar buscar ajuda, queria voltar a vê-lo, trocando sua voz por pernas. O feitiço duraria apenas se o príncipe se apaixonasse por ela, do contrário, a sereiazinha viraria espuma no mar. Sua calda foi rompida dolorosamente e quando acordou estava em uma praia, protegida pelo príncipe que a levava para se vestir e comer. A sereiazinha estava muito feliz, mas o príncipe só tinha pensamentos para a mulher que o *salvara*, o que acabou em casamento. A sereia, triste, foi auxiliada pelas irmãs que deram à feiticeira seus cabelos em troca de um punhal que deveria matar o príncipe, só assim poderia encerrar o feitiço e ela poderia retornar para sua família, mas a sereiazinha, por amor, não conseguiu realizar tal intento, correu para o mar

depois de tê-lo visto dormindo tranqüilo com sua esposa. Sereiazinha virou uma espuma do mar.

“Peter Pan” – (James Barrie)

O cenário se passa primeiramente na casa de Wendy, que Peter Pan visitava sem que fosse percebido pelos moradores com o objetivo de ouvir as histórias contadas pela senhora Darling, mãe de Wendy. Peter Pan aparecia nas fantasias de Wendy, menina que estava crescendo. E ele estava sempre acompanhado de uma fadinha ciumenta, a sininho. Um dia Peter Pan perdeu sua sombra durante uma visita clandestina e foi buscá-la no quarto das crianças, é quando Wendy e seus dois irmãos partem para a Terra do Nunca, lugar de muitos índios e piratas, onde viveriam muitas aventuras, a partir daquele momento. Wendy quis fazer papel de mãe contando histórias para os meninos perdidos que viviam com Peter Pan, mas um dia se surpreendeu quando percebeu que seus irmãos não se lembravam mais da senhora Darling, sua mãe verdadeira, e decide voltar para casa levando consigo os meninos perdidos, acolhidos por essa família, onde puderam finalmente crescer. Peter Pan preferiu ficar na Terra do Nunca, e depois de vencer o capitão Gancho assumiu o navio Pirata. Vez em quando levava alguma filha ou neta de Wendy para passear. Diferente de Peter Pan, o tempo de Wendy nunca parou.

“Hipólito”²²

²² Autor desconhecido da pesquisadora

Conta sobre Hipólito, sapo pulador de circo, que ele gostava de enfrentar desafios e arrancar aplausos do público. Um dia ele resolveu enfrentar uma pedra muitas vezes maior que ele obtendo sucesso perante o público, mas adorava desafios e resolveu saltar sobre o rio, conseguindo seu intento, mas Hipólito queria algo mais, pular sobre uma grande fogueira, onde caiu e por sorte foi socorrido. Hipólito percebeu ser um sapo forte, mas queria cuidar mais de si, voltando para o circo e ficando mais perto de quem amava.

“Pinóquio” (adaptação de Christiane Angelotti, da obra de Carlo Collodi)

Esta é a história de um carpinteiro que vivia muito triste e sozinho, até que um dia ele construiu um boneco chamado Pinóquio. O boneco ficou tão perfeito que Gepeto o tratava como filho. Comovida, uma fada azul transformou o boneco em um menino, com a condição de que ele fosse sempre um menino bom e verdadeiro como seu pai. A fada incumbiu um grilo para orientar Pinóquio em suas escolhas, mas Pinóquio não pareceu ouvi-lo logo na primeira tentação lançada por um gato e uma raposa. Acabou sendo traído e vendido para o dono de um teatro de bonecos. Quando a fada foi a seu socorro, Pinóquio mentiu, crescendo seu nariz, aparente como a mentira contada. A fada o salva mas ele caiu novamente em tentações e fugiu com algumas crianças para a Ilha da Diversão, entrando em outra cilada e pediu socorro a sua fada que o questionou. Pinóquio mentiu novamente, mas dessa vez estava arrependido e só pensava em voltar para casa e estar com o pai, o que não aconteceu, pois, ao chegar Gepeto tinha saído a sua procura de barco e tinha sido engolido por uma baleia. Pinóquio caçou Gepeto e entrou dentro da barriga da baleia, encontrou Gepeto e se sentiu muito feliz, não queria mais desobedecê-lo. Fizeram uma fogueira, a baleia espirrou e se

libertaram da barriga da baleia. Disposto a obedecer o pai, a fada transformou Pinóquio em um menino de verdade e eles viveram felizes para sempre, inclusive com o amigo grilo.

Resumo das histórias contadas nas oficinas (após sessões de rapport)

As oficinas prosseguiram seguindo o mesmo modelo das sessões de rapport, com a diferença de que a pesquisadora passou a se apoiar apenas no livro de Tatar (2003), contendo os clássicos dos contos de fadas, que ora foram escolhidos pela pesquisadora, ora sugeridos pelas crianças. Nessa etapa, a pesquisadora contou com a colaboração de Pedro, um estudante de Artes Visuais, da Universidade Federal de Uberlândia que foi apresentado para as crianças, como alguém que auxiliaria a narrativa das histórias, Ele foi bem aceito pelos grupos. A primeira história que Pedro ajudou a pesquisadora contar foi uma repetição da “História dos Três Ursos”. Os resumos estão disponíveis a seguir:

“A História dos Três Ursos”, já descrita.

“João e Maria” (Jacob e Wilhelm Grimm)

A história se passa perto de uma floresta onde morava um lenhador e sua família que naqueles dias estavam desesperados, pois não tinham comida para se manterem. Sua esposa preocupada teve a idéia de abandonar as crianças na floresta. Mesmo contra gosto, o marido aceita a idéia da esposa. João e Maria ouvem toda a conversa e ficam aturdidos, mas João teve

uma idéia, pegou alguns seixos de cor prata e quando saíram pela floresta foi deixando cair pelo caminho para ajudá-los a fazer a trilha de volta. Quando escureceu a lua brilhou nos seixos e foi possível retornar. A madrasta aborrecida deixou-os trancado até o dia seguinte, levando-os de volta à floresta, e dessa vez, João só tinha um pedaço de pão que espalhou em migalhas pelo caminho, mas nada adiantou, não tiveram como voltar, pois, os pássaros haviam comido todas elas. As crianças, famintas e com medo da floresta escura, caminharam por três dias seguidos em busca de casa, mas sem sucesso, até que avistaram um pássaro branco e os acompanhou. Chegaram numa linda casinha de telhado de pão, com janelas de açúcar e aproveitaram para comer. Uma velha senhora encontrou os dois mordiscando os telhados e a janela, ofereceu-lhes comida e leite, mas a boa senhora era uma temida bruxa da floresta que devorava crianças, e de boazinha passou a ser muito má, fez Maria de empregada e encarcerou João, alimentando-o para uma possível refeição, verificando todos os dias através das grades, seus dedinhos que não engordavam para o abate, pudera João sempre a enganava com um graveto. Com medo, Maria precisava tomar uma atitude, e na primeira oportunidade, enganou a bruxa, empurrando-a para dentro de um forno quente. João e Maria encontraram um tesouro na casa da bruxa e levaram parte dele na luta pelo caminho de volta. Depois de muito caminhar, encontraram uma patinha que os carregou nas costas na travessia de um rio, após essa travessia, caminharam um pouco mais e encontraram o pai lenhador que tinha passado maus momentos em ter sido conivente com a esposa, que por sinal, havia sumido misteriosamente naqueles dias. Maria mostrou todo tesouro escondido em seu avental, não morreriam mais de fome e suas aflições tinham acabado. E como diz a história “viveram juntos em perfeita felicidade”.

Chapeuzinho Vermelho (Jacob e Wilhelm Grimm)

Chapeuzinho Vermelho na versão dos Grimm era uma menina adorável que usava um pequeno capuz sobre a cabeça, do qual gostava muito por ter sido presente de sua avó. Certo dia, a mãe pediu que Chapeuzinho atravessasse a floresta para entregar um bolo e uma garrafa de vinho para sua avó que estava doente e antes de sair pediu Chapeuzinho que não se desviasse do caminho e tivesse cuidado para não quebrar a garrafa de vinho. No entanto, quando Chapeuzinho passava pela floresta encontrou um lobo que aparentemente parecia ser muito gentil, mostrando a beleza das flores, do sol e das borboletas. Chapeuzinho, por sugestão do lobo, começa a colher flores para a avó e, enquanto fica no caminho, distraída com tanta beleza, o lobo segue para casa da vovó, onde entra e a devora. O lobo, porém queria comer Chapeuzinho também e fica a sua espera, disfarçado com as roupas da vovozinha. Quando Chapeuzinho chega à casa sente que há algo estranho no clima e mesmo após alguns questionamentos não consegue escapar do lobo, que também a devora. Depois de satisfeito, o lobo dorme profundamente ecoando ao longe seu grande ronco, chamando a atenção de um caçador que passava por perto da casa. Preocupado, o caçador vai conferir e encontra o lobo e quando se prepara para atirar, suspeita de que ele poderia ter engolido a pobre velhinha e, é aí que o caçador abre a barriga do lobo e encontra vovó e Chapeuzinho, ambas assustadas. Os três, antes de o lobo acordar, colocam pedras em sua barriga e costuram, de modo que quando acorda, tenta sair, mas por causa do peso das pedras, cai morto.

“A pequena vendedora de fósforos” (Hans Christian Andersen)

Trata-se da história de uma pequena menina vendedora de fósforos que não podia voltar para casa, porque não havia vendido todos os fósforos que seu pai havia mandado vender. Descalça, por ter perdido os chinelos que tinham sido de sua mãe e ainda sem nada para

cobrir-lhe a cabeça ia caminhando pelas ruas frias cobertas de neve, sentindo o cheiro de ganso assado das casas que se preparavam para a entrada do novo ano. A pequena temia voltar para casa, pois não tinha um níquel sequer para apresentar ao pai, que com certeza a surraria por isso. Escolheu ficar nas ruas, já que sua casa também não se diferenciava muito das ruas frias. Agachada para se esconder do frio, acendeu um fósforo para se aquecer e visualizou uma estufa quentinha onde pôde por pequenos instantes, sentir o calor, mas o fósforo apagou-se. Riscou novamente e uma luz fê-la ver uma mesa linda com ameixas, maçãs e um ganso assado fumegante que ao vê-la levantou e foi gingando em sua direção, mas a luz do fósforo acabou-se. Acendeu outro fósforo e visualizou uma linda árvore de natal, a mais bonita já vista, mas o fósforo se apagou e as velas foram subindo até virarem estrelas, e a menina se conscientizou de que “alguém estaria morrendo”, pois sua avó dizia serem as estrelas cadentes um sinal de que uma alma subia para Deus. Riscou outro fósforo e a viu a luz refletir a imagem de sua avó, a menina com desespero de perdê-la, acendeu todos os outros fósforos, o que propiciou uma luz radiante e pediu à avó que a levasse dali e essa a tomou pelos braços e alegremente foram embora. A menina havia morrido de frio, foi achada por alguns passantes no primeiro dia daquele ano, com uma face rosada e um sorriso nos lábios.

“O Patinho Feio” (Hans Christian Andersen)

O conto se refere à história de uma mãe pata que depois de muito chocar, presenciou o nascimento de seus muitos patinhos. Ela estava muito feliz, mas percebeu que deveria ficar um pouco mais no choco, pois ainda faltava um ovo. Alguns achavam que ela tinha se enganado e estava chocando um ovo de peru, mas mesmo assim, decidiu chocar mais um

pouco. O patinho nasceu e para espanto da mãe era muito grande, acinzentado e desengonçado, ela, porém, descartou a hipótese dele ser um peru, pois nadava muito bem, até melhor que os outros patinhos. Quando a mãe pata foi apresentar seus filhotes aos amigos do terreiro, o patinho foi tratado com muita hostilidade pelos outros animais. A mãe na tentativa de proteger seu filho chegou a repreendê-los. Com o tempo, o patinho estava sendo maltratado pelos irmãos, irmãs, mãe, galinhas que o bicava, pelas pessoas que o chutava. Até que um dia, ele se cansou e resolveu fugir, e no caminho encontrou dois patos selvagens que, logo de cara, as primeiras palavras ao patinho foram: “Você é tão feio que vamos com sua cara!”, mas esse encontro foi interrompido por uma caçada sanguinária que matou os patos selvagens e tudo que pudesse voar. E o patinho continuou a caminhar sob ventos fortes, até que encontrou uma cabana de uma velha senhora. No entanto, não conseguiu ficar ali por muito tempo, sentia muitas saudades de nadar e foi embora, e se sentiu imensamente feliz, ao avistar no céu lindos pássaros, eram cisnes! O inverno chegou e quase o matou, mas foi salvo por um bom caçador que o acolheu em sua casa, e o patinho de tão ferido por dentro, não confiava em mais ninguém e resolveu fugir dali, enfrentando um inverno rigoroso. Um dia avistou três lindos cisnes flutuando sobre as águas e mesmo com muito medo, resolveu nadar até eles, o que fez com que o pato abaixasse a cabeça. Foi quando viu sua imagem espelhada na água e se deu conta de que era um lindo cisne. Estava muito feliz, por se sentir reconhecido, mas a bondade ainda era a maior das suas belezas.

“A História dos três Porquinhos” (Joseph Jacobs)

A narrativa desta história inicia-se com uma velha porca que certa vez, sem ter como sustentar seus filhos, mandou-os seguir com suas vidas e o próprio sustento. O primeiro porquinho ao sair de casa obteve a ajuda de um homem que havia encontrado no caminho,

construiu sua casinha com as palhas que o homem havia dado. Logo veio o lobo, que bateu em sua porta pedindo para entrar. O porquinho, percebendo seu intento não abriu a porta, mas o lobo soprou, soprou e a casinha dele derrubou, devorando-o. O segundo porquinho construiu uma casinha com tojo, ganhado de um homem que encontrou no caminho. O lobo se aproximou bateu na porta de sua casinha, mas o porquinho percebendo seu intento não quis abrir a porta e o lobo soprou, soprou e sua casa derrubou, devorando o segundo porquinho. O terceiro porquinho pediu tijolos de um homem que havia encontrado no caminho e construiu sua casinha. Logo veio o lobo batendo na porta da casinha querendo entrar, percebendo seu intento o porquinho não abriu a porta. O lobo soprou, bufou, mas nada derrubava aquela casinha e precisou encontrar outras formas para apanhá-lo. Primeiro convidou-o para colher nabos às 6 horas da manhã, o porquinho aceitou, mas saiu às 5 horas e quando o lobo chegou o porquinho já tinha preparado alguns nabos para o jantar. Depois o lobo convidou-o para apanhar maçãs e marcou de sair às 5 horas da manhã, mas o porquinho levantou às 4 horas e chegando lá levou um susto quando avistou o lobo, jogou uma maçã bem longe para que o lobo pudesse buscar ganhando tempo voltar para casa. Quando o lobo apareceu na casa do porquinho relatou o susto que havia passado quando viu uma coisa redonda rolando morro abaixo e o porquinho confessou que era ele. Nesse momento, o lobo ficou com muita raiva e anunciou que iria devorá-lo pulando pela chaminé, mas o porquinho correu e pendurou um caldeirão na lareira cheio de água com o fogo alto. O lobo caiu dentro da panela e o porquinho o comeu no jantar. O porquinho viveu feliz para sempre.

“Molly Whuppie” (Joseph Jacobs)

Certa vez um casal com muitos filhos resolveu abandonar os três menores em uma mata. As crianças pequenas, entre elas, Molly Whuppie, a mais novinha, andaram por muito tempo famintas pela mata a procura de abrigo. Foi quando encontraram uma casa e bateram na porta pedindo alimento, mas a mulher não queria acolher as meninas na casa, porque seu marido era um gigante e podia devorá-las. De tanto as crianças insistirem, a mulher consentiu. O gigante chegou a casa e disse que estava sentindo cheiro de criança, a mulher pediu para que ele não as fizesse nenhum mal, então ele ordenou que as três meninas dormissem com suas três filhas, colocando antes, fios de palha nos pescoços das três meninas e fios de ouro nos pescoços de suas filhas. Molly, percebendo que poderia ter uma má intenção na atitude do gigante, tratou de trocar os fios durante a noite, colocando os fios de palha nos pescoços das filhas do gigante, ato que as salvou da morte. O gigante entrou no quarto, identificou os fios de palha nos pescoços das meninas e acabou matando sua prole, enganado. As três crianças conseguiram fugir e depois de muito caminhar encontraram o castelo de um rei que ao ouvir a história de Molly achou-a muito esperta e lhe propôs um desafio: se Molly voltasse na casa do gigante e pegasse uma espada que ficava atrás de sua cama, casaria sua irmã mais velha com seu filho mais velho. Molly aceitou o desafio e voltou na casa do gigante e por um fio ele não a pegou. Molly passou pela ponte de um cabelo, lugar que o gigante não conseguia atravessar. De novo, o rei pediu para que Molly furtasse a bolsa que ficava embaixo do travesseiro do gigante e casaria sua outra irmã. Molly voltou na casa do gigante, pegou a bolsa e por um fio não foi pega por ele. Mais uma vez, o rei pediu Molly que voltasse e pegasse o anel da mão do gigante e ele a casaria com um príncipe, seu filho mais novo. Ela voltou, mas dessa vez foi pega pelo gigante que perguntou: “Se eu lhe fizesse tanto mal quanto me fez o que faria comigo?” Molly descreveu o que faria e o gigante pôs a fazer com ela tudo que ela havia dito. O gigante a colocou dentro de um saco e foi buscar uma vara na mata. Molly enquanto isso ficou instigando a curiosidade de sua esposa, que acabou entrando no saco, Molly, no entanto,

já estava fora dele quando o gigante entrou na casa com uma árvore na mão, começou a bater no saco e não conseguiu identificar a voz da esposa, pois dentro do saco havia um gato e um cachorro que faziam muitos barulhos. Ao tentar fugir, Molly foi vista pelo gigante que largou o saco enfurecido e começou a perseguir a menina pela mata, mas não conseguiu apanhá-la porque ela havia atravessado a ponte de um cabelo. Ele gritou e esbravejou para que ela nunca mais voltasse ali e Molly gritou que nunca mais voltaria e nunca mais voltou, pois se casou com um príncipe e foi morar muito longe daquela mata.

Grupo 1: Gabriela; Luna e Ronan

(1) Interesse e desinteresse diante das histórias

Nas primeiras histórias trabalhadas houve a necessidade da utilização da estratégia de gravar as vozes das crianças e deixá-las ouvir, a fim de minimizar a interferência causada pelo gravador, haja vista o interesse suscitado pelo aparelho no início dos trabalhos.

As crianças demonstraram, de modo geral, interesse na maioria das histórias contadas, manifestado pelas solicitações para que a história fosse contada ou repetida e por apresentarem pouca dispersão ou desinteresse durante a atividade, como pode ser visto nas falas das crianças demonstradas a seguir:

A História dos Três Ursos

Luna: Pequeno. Tudo ela gosta do pequeno! Credo! (se refere à velha senhora)

Luna: (...) E ela vai vestir a roupa do pequeno então.

Ronan (...) Só porque o urso vai ter unha grande então esse aqui tem unha grande tia?

Pesquisadora: Mas ele é um urso bom.

Luna: Ba, dexa ela... (reclama brava)

Ronan: Por que ele tem unha grande então?

Pesquisadora: Porque ele é um urso.

Luna: Conta!

Pesquisadora: O urso precisa caçar, não precisa? Aí ele precisa das unhas bem grandes.

Luna: (...) Fala tia, por favor!

Chapeuzinho Vermelho

Pesquisadora: -“Ah! O lobo morreu vovó! O lobo morreu vovó! Agora podemos viver sossegadas porque ninguém vai tentar nos pegar mais”.

Ronan: Conta de novo, tia?

(2) interação entre pares propiciada pela história

As crianças demonstraram interação entre pares através das histórias, manifestado por meio de questionamentos, algumas intrigas nas divisões dos materiais e comentários acerca do conto que estava sendo lido, como pode ser observado a seguir:

João e Maria

Pesquisadora: (...) João e Maria teve que enganar a bruxa para fugirem...Imagina, a bruxa queria enfiar Maria dentro do forno!

Ronan: Como é que ele não viu ela?

Pesquisadora: O João estava preso, foi a Maria que o salvou.

Ronan: Essa aqui é a bruxa?

Pesquisadora: Han-ran (Afirmativo) É a bruxa!

Ronan: Qual que ela empurrou? Esse aqui?

Pesquisadora: Essa daí é a Maria!

Ronan: E ela vai ficar aí?

Pesquisadora: Han-ran (Afirmativo)

Ronan: Agora ela tá viva né tia?

Pesquisadora: É. Aqui, neste momento, ela ainda estava viva.

A História dos Três Ursos

Pedro: E o que a velhinha fez?

Ronan: Estromento (sic) um pouco da sopa quente.

Pesquisadora: Era uma sopa ou era um mingau?

Ronan: Mingau.

Pesquisadora: Mas você viu a sopa né?

Luna: (...) O tia, eu posso comer dez sopa que eu não encho.

Ronan: (...) Esse lápis não é seu.

Luna: Mas eu tô usando.

Ronan: Mas não é seu.

Luna: Não, ó Ronan, ó! Não Ronan, ó! Feioso.

Ronan: Feioso é a sua mãe.

Luna: Você.

Ronan: Ocê.

Luna: Ocê.

A Pequena Vendedora de Fósforos

Pesquisadora: “Ela tem um pai, mas o pai batia muito nela se ela não vendesse as caixas de fósforos...”

Luna: Por que o pai não morre? Não morre de uma vez?

Luna: Uai! Eu dava uns cem centavos, encontrava uns mil reais pra dá pra ela comer.

Ronan: Onde que tá o pai dela? Tá na casa dela?

Pesquisadora: Hun-Run (afirmativo)

Pesquisadora: (...) Se você tivesse dinheiro, você dava todo dinheiro para ela?

Luna: Hun-Run (afirmativo)

(3) comentários acerca de sua própria história

Em alguns momentos as crianças deram indícios de sua própria história ou aspectos em que demonstram a sua individualidade dentro de um contexto maciçamente coletivo, conforme se depreende nas situações abaixo relatadas:

A escola

Pesquisadora: “Silvia e Jorge gostavam de apostar corridas antes do início das aulas, só que um dia Jorge caiu...”

Gabriela: (...) Hii... eu tenho um tantão de machucado.

Gabriela: (...) De vez em quando os meninos pega e empurra a gente não é Luna?

Luna: hã-rãn. Eu não posso...eu tenho problema. Eu não posso beber café!

Gabriela: Um dia tia, sabe ela tava em cima de uma caixa d'água, tinha uns gai,(sic) a Luna quando pulou pra pegar os gai, tia, tinha uma pedra e ela pulou assim e ela caiu de costa tia, ela caiu em cima da pedra, ela deu uma desmaiada...

Luna: hã-rãm tia eu tenho problema tia! A Deise foi daí começou a chorar não foi?

Pesquisadora: Você acha que tá doente?

Luna: Eu acho tia! Eu tenho bronquite! Não tenho, Gabriela? Todo lugar que eu caio eu desmaio.

Ronan: ô tia, esse aqui, esse bichinho não é este?

Pesquisadora: (...) Alguma coisa já te picou?

Ronan: hum-hum

Luna: em mim já picou...

Ronan: (...) Meu pai já foi picado por escorpião, tia.

Pesquisadora: Escorpião?

Ronan: Não dói (...) Meu pai não chorou

(4) Histórias preferidas e rejeitadas

A partir dos comportamentos manifestados pelas crianças representados pelo interesse e interação às oficinas, pode-se perceber que as histórias preferidas ou que mobilizaram mais a atenção das crianças foram “A História dos Três Ursos”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, “Os Três Porquinhos” e “Molly Whuppie”. As rejeitadas dependiam de cada criança, Gabriela e Ronan mesmo interagindo com a história disseram não gostar da história de “João e Maria²³”, enquanto Luna insistiu para que a pesquisadora continuasse contando. Gabriela demonstrou vontade de ir embora quando teve que ouvir a história escolhida por Ronan (Sooby-Doo) e Ronan demonstrou desinteresse em ouvir a história de Gabriela (A escola).

²³ Quando questionado, Ronan disse que não tinha gostado da história de “João e Maria” por causa da bruxa.

(5) Desenhos como forma narrativa dos contos e das histórias das crianças



Desenho com liberdade de criação representando Molly Whuppie.

Luna: “Falando para o lobo...falando pro grandalhão assim ó, tia! *Eu não vou voltá mais aqui não*”.



Desenho com liberdade de criação representando a Pequena vendedora de Fósforos

Grupo 2: Carina, Cristine e Rodrigo

(1) Interesse diante das histórias

Foi possível perceber algumas solicitações para contar ou repetir histórias, mas o grupo, de modo geral, por ter pouco contato com a linguagem dos contos de fadas não demonstrou inicialmente muito interesse pelas oficinas, com alguns momentos de dispersões e criação de

imagens que podem estar associadas aos seus cotidianos. As falas deram indícios de uma sexualidade adultificada nas crianças:

Molly Whuppie

Carina: Ah! Conta a dos “Três Porquim”? (Carina queria que repetisse)

Chapeuzinho Vermelho

Cristine: E você, vai namorá com um príncipe! Com um príncipe com a bunda toda rasgada!

Carina e Cristine: (dão risadas)

Carina: (...) Ocê vai namorá com o cú rasgado!

Carina e Cristine: (dão muitas risadas)

Cristine: É. E ela vai lá namorá com o lobo beijando o pipiu dele!

Carina: (...) Cê vai namorar com o cú rasgado, Cristine!

Cristine: Você vai beijá no cú do lobo mau!

Carina: Cê vai namorá com o cú rasgado! Ocê vai bebê... Ocê vai bebê... o cocô do cú rasgado!

Cristine: Ocê vai lamber o cú dele, o pipiu e a perereca dele!

A Pequena Vendedora de Fósforos

Carina: A menina da caixa de fósforos... é peidorreira!

Em *João e Maria*, quando foram questionados sobre os personagens que gostariam de ser:

Cristine: Eu sô o capetinha!

Carina: (dá risadas)

Rogério: E eu sô o dremônio!

Carina: E eu sô a disgracinha (Dá muitas risadas)

Rogério: (Dá risadas)

Cristine: E eu sô o cú azedo!

Rogério: E eu sou o Real Boy, de parte de gente e de parte do mal.

(2) interação entre pares propiciada pela história

As crianças não demonstraram questionamentos relevantes com relação às histórias, mas houve interações entre os pares, muitas dificuldades na divisão de materiais disponibilizados pela pesquisadora e alguns comentários acerca das histórias, revelando aspectos relacionados à sexualidade das crianças como podem ser observados nos excertos a seguir:

João e Maria

Pesquisadora: (...) “Podem entrar aqui então, eu vou preparar uma comida bem gostosa pra vocês”!

Cristine: Mas ela não fez! Fez maldade com o João e a Maria! (Cristine fala de forma enérgica)

Pesquisadora: Então ela não era boa né, Cristine.?

Cristine: Era maldosa! Pegou ...o João, pois na gaiola e mandô pô o dedim.

Pesquisadora: Ele era esperto, o João, não era?

Carina e Cristine: Ele deu um osso!

Cristine: Ele era maguim, mas aí eles pegaram né, foi e puxou a buxa lá no fogo e ela queimô o rabo!

A Pequena vendedora de Fósforos

Carina: Me dá meu trabalho!

Cristine: Não vou te dá! Agora é meu!

Carina: Vô dá um soco na sua cara! Cê vai voa longe!

Cristine: (...) Eu não preciso dessa bosta!

Em *A Pequena Sereia*, quando Carine desenhava a personagem, “namorada” de Rodrigo

Rodrigo: É pra fazê um montão de cabelo!

Carina: Pra cá, pra cá, pra cá, pra cá... (Carina começa a dar gargalhadas e contagia Rodrigo)

Carina: Pronto! Só dois laço. Agora o olhinho... Agora o vestiduu... (Gargalhadas de Rodrigo e Carina)

Carina: (...) Agora a boquinhááá...

Rodrigo: A bundinha... e a pererequinha...

Peter Pan e A Pequena Sereia

Rodrigo: Gostei mais dessa parte aqui ó...

Carina: Eu gostei mais daquela...

Rodrigo: Qué vê?

Rodrigo: hum hum hum hum hum (Rodrigo beija bastante a página com a ilustração da Pequena Sereia)

Carina: Qué vê?

Carina: hum am huam huam huam huam huá (Carina também beija muito a página com a ilustração de Peter Pan)

Rodrigo: (...) Ai meu amor!

(3) comentários acerca de sua própria história

Houve momentos em que as histórias suscitaram as experiências das crianças, dentro do abrigo e fora desta instituição, expressas pelas seguintes narrativas:

João e Maria

Carina: Eu também vô embora daqui!

Rodrigo: (...) Mas não é hoje!

Carina: Falta só mais dois dias! Falta só um pouquinho de dias pra mim embora dessa (instituição)²⁴ chata! Dessa (instituição) boa! Eu não vô embora!

Carina: (...) Eu já brinquei em roda gigante!

Pesquisadora: Quando isso?

Carina: Na minha casa!

²⁴ Carine pronuncia o nome da instituição.

Pesquisadora: Na sua casa?

Carina: Não! Na minha casa não tem roda gigante, foi no parquim que o Leonardo fez cocô (Ri)

Pesquisadora: Você acha que ele ficou com medo?

Carina: Ficô!

Cristine: (...) A mãe dele bateu nele

Carina: Bateu não! Minha mãe não bate em ninguém! Eu acho minha casa legal, a casa da minha avó era pertim da... do parquim!

(4) Histórias preferidas e rejeitadas

As histórias que mobilizaram mais a atenção das crianças foram: “Peter Pan”, “A Pequena Sereia”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Os Três Porquinhos” e “Molly Whuppie”. As demais histórias como a “História dos Três Ursos”, “João e Maria”, “A Pequena vendedora de Fósforos” e o “Patinho Feio” foram ouvidas e algumas, embora com algumas interações, foram recusadas pelo grupo.

A História dos Três Ursos

Pesquisadora: “... enquanto isso a porta ficou aberta e veio uma velhinha, olhou pelo buraco da fechadura e viu que não tinha ninguém...”

Carina: Viu só que tinha o cú azedo.

Patinho Feio

Cristine:(...) Não conta essa história chata!

Pesquisadora: Por que você acha esta história chata, Cristine?

Carina: Porque o patinho é muito feio!

(5) Desenhos como forma narrativa dos contos e das histórias das crianças**Desenho com liberdade de criação representando João e Maria**

P: Qual a parte da história que você mais gostou?

C: Que a bruxa prendeu ele, ué! A bruxa não gosta que come nada na casinha dela.

(...) Agora eu vô desenhar outro desenho (...) ficou muito feio!



JOÃO É MARIA

CARINA



**Desenho com liberdade de criação
representando João e Maria**

Pesquisadora: Ele parece que já está
solto, é verdade?

Carina: (responde gritando) ELE
NÃO TÁ SOLTO! ELE TÁ PRESO!



Grupo 3: Lucian, Wesley e Leonardo

(1) Interesse diante das histórias

As crianças demonstram muita atenção e interesse durante todas as oficinas de histórias, em muitos momentos pareceram estar hipnotizados pelo clima da história sem provocar interrupções, fazendo algumas solicitações para contar ou repetir histórias, poucas dispersões e quando houve, voltaram rapidamente à atenção ao que estava sendo narrado, como pode ser observado:

Molly Whuppie

Leonardo: Conta esse de novo?

Pesquisadora: (...) Qual? Dos porquinhos?

Pesquisadora: Pode ser semana que vem?

Leonardo: Ah não tia!

O Patinho Feio

Pesquisadora: “Vamos ver se ele vai nascer!”

(Wesley levanta e vai até a janela)

Pesquisadora: “Um belo dia, ele nasceu... quebrou a casquinha...”

Pesquisadora: Wesley, você está perdendo a historinha!

(Wesley volta correndo)

(2) interação entre pares propiciada pela história

As crianças demonstraram poucos questionamentos com relação às histórias, algumas interações entre os pares, muitos conflitos na divisão de materiais disponibilizados pela pesquisadora e alguns comentários acerca das histórias:

O Patinho Feio

Wesley: Ô Tia? Ô Tia, por que ele tem essa patinha?

Pesquisadora: Essa patinha todos os patinhos têm. Ela serve de nadadeira, por isso eles nadam.

Lucian: E esse porco, tia? **Ele é abusador?**

Leonardo: Eu quero meu lápis verde!

Pesquisadora: Tem giz, serve?

Leonardo: Não. Não quero giz não. (Toma o lápis da mão de Wesley)

(3) comentários acerca de sua própria história

Esse grupo manifestou menos frequência de falas que pudessem ser relacionadas com suas vivências, contudo podem-se observar alguns indícios, nos excertos abaixo:

Patinho Feio, quando Leonardo desenhava

Pesquisadora: Você está indo aonde?

Leonardo: Passear.

Pesquisadora: Passear? Você está indo passear onde?

Leonardo: Na casa da minha mãe.

Pesquisadora: (...) Ela vem todo sábado?

Leonardo: Não. Todo sábado não. Domingo ela vem, sábado...

Pesquisadora: E quando ela vem, você gosta?

Leonardo: Hun-hun (afirmativo)

Leonardo: (...) Meu irmão e eu. Agora eu vou desenhá a gravata...

Pesquisadora: Você quer ir bem bonito para ela, né?

Leonardo: Hun-run (Afirmativo)

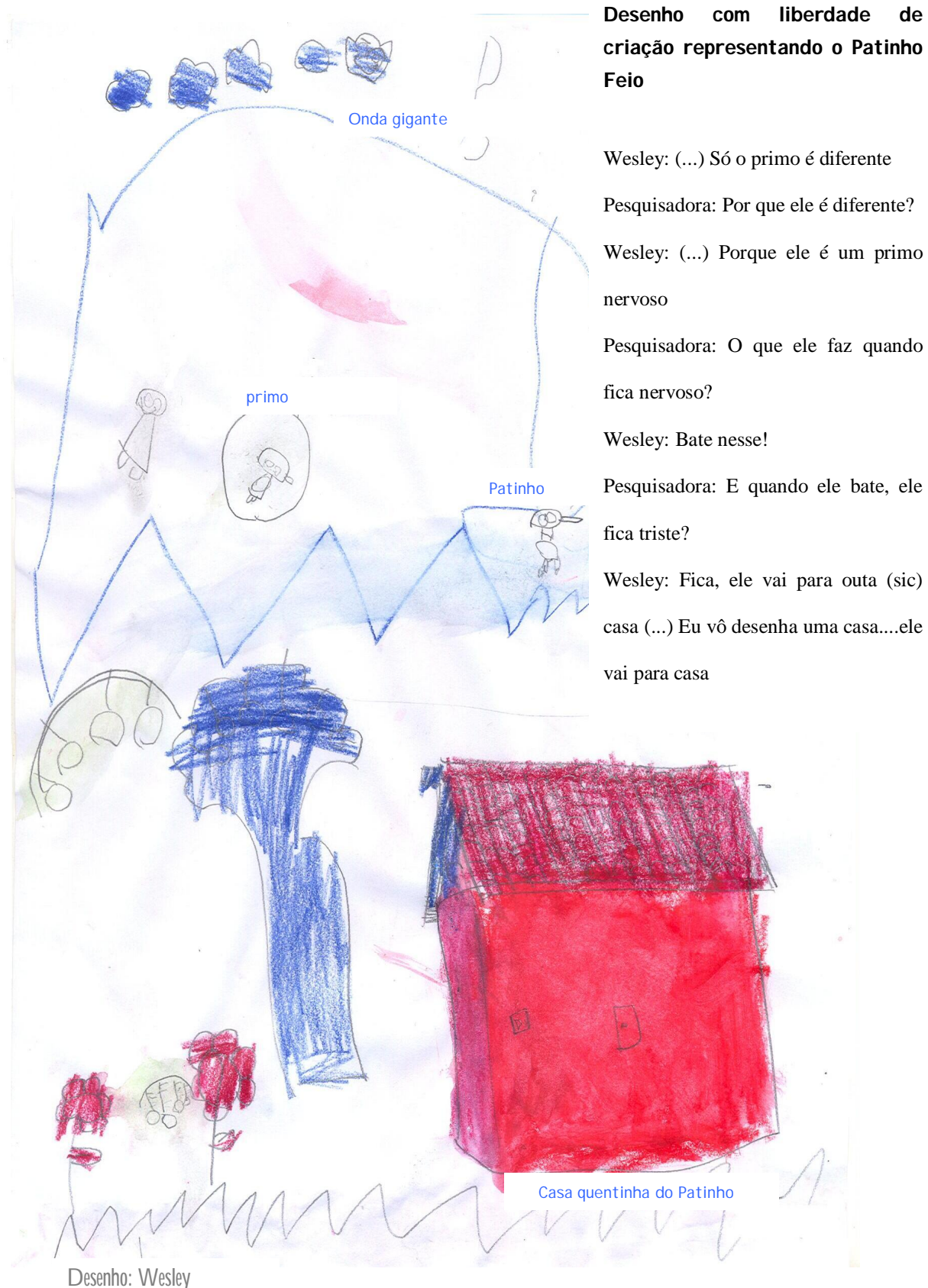
Pesquisadora: (...) Ué! Você não desenhou sua mãe, você disse que iria visitá-la, cadê ela aí?

Leonardo: Ah! Num vai dar mais pra mim fazer!

(4) Histórias preferidas e rejeitadas

Todas as histórias contadas mobilizaram a atenção desse grupo: "Hipólito", "Pinóquio", "A História dos Três Ursos", "Chapeuzinho Vermelho", "Patinho Feio", "Os Três Porquinhos", mas em especial, a "História dos Três Ursos" pareceu ser uma das prediletas, pois a pesquisadora foi movida a repeti-la durante as oficinas a pedido das crianças.

(5) Desenhos como forma narrativa dos contos e das histórias das crianças



D

iscussões

Compreender e explicar os fatores que fazem parte do universo da criança abrigada, a partir de múltiplos olhares representados pelos gestores, funcionários e pelas próprias crianças foi o objetivo perseguido por este empenho de pesquisa que, apesar de suas modestíssimas proporções e intenções, parece lançar alguma luz sobre os aspectos que envolvem a institucionalização de crianças pequenas. A discussão dos resultados mencionados anteriormente, que ocupará este capítulo, apóia-se de modo predominante em contribuições científicas que abordam o estudo com crianças, entendidas como sujeitos potentes e capazes de exprimirem seus desejos e idiossincrasias e de se fazerem entender em suas subjetividades e necessidades.

Qual a concepção de criança que os gestores, funcionários e mães sociais têm das crianças que se encontram sob sua guarda e cuidados? Preliminarmente, chama atenção o modo como alguns representantes desta instituição parecem entender o desenvolvimento da criança institucionalizada, o qual denota, em algumas de suas falas, concepções que ora se apresentam como essencialmente inatistas: os fatores biológicos são determinantes nos processos de desenvolvimento e aprendizagem (Gesell; Halverson; Thompson; Costner & Amatruda, 1940), conforme se observa em frases, como: “*A Isabela que é irmã do Álvaro não vai dar em nada*”, “*Infelizmente não são todas as pessoas que tem condições de cursar um curso superior*”, “*da maneira como eles cometem esses atos, eles já começam a ficar pessoas erradas, eles ficam crianças até um pouco fora do normal*”, ora tais concepções assumem características marcadamente ambientalistas, nas quais os fatores ambientais são determinantes dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, como se evidencia na frase em que se refere à criança como “*matéria bruta a ser trabalhada*”.

É interessante destacar a contribuição de Vygotsky (2001) ao mostrar que o desenvolvimento e aprendizagem estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança, por mediações feitas pelos adultos ou pessoas mais experientes. Isso muito contribuiu

para a compreensão dos aspectos decisivos da constituição humana, por meio de sua abordagem amplamente estudada na atualidade e fundamentada no materialismo histórico e dialético, que não reduz o ser humano, entendendo-o como uma unidade da totalidade. Para tanto, identificou e enfatizou a importância da *zona de desenvolvimento proximal*, a qual deve ser ativada pelo mediador em suas interações com o mediado, de modo a propiciar a otimização de seu desenvolvimento. Pressupostos teóricos que enfatizam a importância das interações no contexto institucional, se devidamente apropriados e trabalhados, poderiam contribuir para uma saudável ruptura de pré-conceitos, quanto ao modo da criança se desenvolver e aprender, mesmo estando acolhida em abrigos e tendo passado por experiências diversas, acompanhadas por sofrimentos marcantes.

De acordo com a ótica dos agentes institucionais, as maiores dificuldades apresentadas pelos abrigados são: carência afetiva; comportamentos agressivos, rebeldes, com os pares e com as mães sociais, dificultando o estabelecimento de limites; dificuldades escolares e problemas como a enurese noturna e experiências sexuais precoces.

Spitz (1958, p.202) explica que, a carência se refere à qualidade dos vínculos. O emprego da palavra remete a algo que falta *para* a criança ou *na* criança. O autor analisa as conseqüências das privações afetivas que crianças pequenas são submetidas e conclui que afastadas de suas mães, ou de pessoas a quem dirigem sua energia afetiva, se tornam deprimidas, passando por uma série de estágios, os quais dependem do tipo de privação sofrida. As crianças, normalmente, manifestam comportamentos de choro, exigências, apego em demasia, gemidos, recuos de contatos, perda de peso, insônia, lamúrias, rigidez facial, agravados por situações com existência de um cuidador para muitas crianças, o que pode não garantir afeto suficiente que atinja as necessidades específicas do seu desenvolvimento, ocasionando o que Spitz chama de crianças emocionalmente carentes. Dessa forma, aborda conseqüências significativas da privação de afeto:

Privados do alimento afetivo que lhes era devido, seu único recurso será a violência. O único caminho que permanece aberto para eles é a destruição de uma ordem social da qual são vítimas. Crianças sem amor terminarão como adultos cheios de ódio. (Ibid, 1958, p.224)

As crianças institucionalizadas podem carregar o estigma da carência, algo que lhes é atribuído, pelo abandono que sofreu da família. Guirado (1986) aponta que, no cerne das relações institucionais, pode haver discriminações, mas são as características que qualificam e distinguem *as relações* e não o *indivíduo*. Segundo a autora, o afeto está presente nas relações institucionais e as relações criam práticas de atendimento nesse contexto, denunciando outro tipo de carência:

A carência que se denuncia é aquela de dificuldade para se estabelecer o limite do *próprio*, da *singularidade do desejo*, do *sujeito*. E esta carência, obviamente, não é característica da criança, mas da relação de que é parte (Guirado, 1986: 199)

A maioria das crianças participantes do estudo foram vítimas de maus tratos, o que pode levar a sentimentos de baixa auto-estima, comportamentos agressivos, dificuldades no estabelecimento de vínculos afetivos, isolamentos, sintomas psiquiátricos (Weber; Viezzer; Brandenburg; Zocche, 2003) ou comportamentos rebeldes, vistos por Winnicott (1987) como necessidade de ser visto e reconhecido. Nesse sentido, acredita-se que comportamentos, como a indisciplina, não devem ser eliminados do seu contexto, pois podem ser pertencentes à própria estratégia de poder, gerados pelos mecanismos controladores, existentes no espaço institucional.

Uma dificuldade que chama a atenção é a referente à enurese noturna, cujo termo, segundo Soares; Moreira; Monteiro & Fonseca (2005), vem de *enourein* e significa urinar e isso acontece especificamente durante o período da noite. Geralmente, usa-se essa referência em crianças que já

deveriam ter obtido tal controle e continuam a perder urina de forma involuntária. É um problema que merece atenção, pois parece estar associado a estados emocionais, como baixa-estima devido à separação entre os pais, internato, entre outros. Além disso, segundo as autoras, as crianças podem sofrer violências físicas e emocionais por serem interpretadas como rebeldes e preguiçosas quando urinam na cama, agravando mais seu estado emocional, podendo levá-las ao estresse diante da eminência de serem ridicularizadas, baixa-estima e ao isolamento.

Nesse sentido, foi possível constatar, no decorrer da pesquisa, o caso de uma criança de 8 (oito) anos que, estando prestes a ser adotada, começou a urinar na cama:

Vera: (...) Eu tinha que conversar com ele, tinha uma época que ele parava, então quando ele estava para ser adotado, ele queria muito ser adotado, ele ficava muito entusiasmado, mas no final já estava com medo, já estava inseguro, mas, no início ele estava muito entusiasmado com aquilo, então ele fazia xixi, eu sentava e falava com ele “Túlio, você vai ficar em um hotel, já pensou se você fizer xixi lá no hotel?”, ele falava “Nossa, é mesmo hein tia? eu vou ficar com vergonha”, então ele passava uma semana sem fazer, sei que é tudo coisa da cabecinha dele, então qualquer contrariedade (...) qualquer coisa que não saísse do jeito dele, era um motivo para ele fazer tudo de novo. (Vera, 13/10/07)

Outro aspecto constantemente mencionado durante as entrevistas com os funcionários do abrigo referiu-se à exacerbação da sexualidade das crianças ali abrigadas. Estes reiteram que têm buscado tentativas de diminuir a incidência de experimentações sexuais na instituição, entre elas: não deixá-las irem para o quarto em grupos, não permitir que se tranquem em quartos ou banheiros e a separação de quartos, de acordo com o gênero. Das preocupações levantadas pelas mães sociais, está o fato de que não acontecem apenas trocas derivadas de simples curiosidades, mas crianças experimentam vivências de uma sexualidade adulta, que incluem suspeitas de penetração heterossexual e homossexual em pré-adolescentes.

Diante disso, os profissionais tentam manter certa vigilância e orientação, tomando como principal referência, orientações bíblicas sobre a importância da castidade:

(...) Nós cremos muito no poder da palavra de Deus, então através da palavra de Deus, eu estou sempre ensinando (...) cada dia eu vou em uma casa sempre conscientizando, com isso eu penso que é um forma para (...) ajudar na libertação, que eles possam conscientizar-se que isso é errado, que não está na hora.
(secretário, 29/09/07)

Freud (1969) mostrou no final do século XIX e início do século XX, que a sexualidade se iniciava na infância. Na presente pesquisa, foi possível constatar entre as participantes, cujas idades situaram-se entre os cinco e sete anos, falas que apresentavam vivências adultas acerca da sexualidade, o que deve ser objeto de investigações mais aprofundadas sobre tais vivências e suas implicações no desenvolvimento da personalidade da criança.

Com relação aos vínculos das crianças com suas famílias de origem, chama à atenção o modo como as famílias das crianças abrigadas são concebidas no contexto institucional. Termos como *tratar-se de pessoas inúteis, difíceis de confiar, desinteressadas, acomodadas* são freqüentes nos discursos da equipe, conforme pode ser observado pelos excertos abaixo:

“Até agora nenhuma delas foi útil, (...) então se uma criança está comigo é porque a mãe não vale nada!”

“E ele mente muito, eles são pessoas que mentem demais. (...) Então é uma família completamente desestruturada”

“Acho monstruoso essas mães que (...) perdem seus filhos, como se perdessem uma banana na feira”.

“São pessoas que se acomodaram porque ganham muito, ganham cesta básica, ganha auxílio de outras entidades”

Vale destacar que a instituição possui um projeto, para apoiar as famílias e uma das características necessárias para a participação, é que as mães tenham *uma raiz de bondade na*

história (sic). Por meio do projeto as famílias participantes podem ter moradia dentro ou perto do abrigo, pagamento de água, luz, escola para as crianças etc e, com a autorização judicial, a mãe tem permissão de usufruir a convivência monitorada com seus filhos e, assim, poder resgatá-los, caso mostre interesse e bom comportamento diante das condições relativas ao projeto. O projeto também visa reduzir custos, como mostra carta emitida pela instituição à Vara da Infância e Juventude (11/01/2007) e arquivada nos processos judiciais:

“Reconhecemos que é muito difícil essa recuperação, mas pelos possíveis resultados, valerá a pena a experiência: 5 crianças voltarão a morar com sua mãe que por sua vez estaria se recuperando de antigos vícios, nós continuaremos dando nossa assistência material e educacional (...) e ainda estaríamos economizando por cada criança alojada, R\$150,00, no lugar de R\$ 400,00, atual custo dentro da instituição”.

Entretanto, não há trabalhos efetivos para que realmente, as condições determinantes do abrigamento sejam superadas, tal dado é corroborado com os achados de Azôr (2005) que mostra as dificuldades enfrentadas pelas famílias para se adequarem às exigências do judiciário e reaver a guarda dos filhos.

Nas entrevistas realizadas às mães sociais pode-se observar que relações afetivas positivas estão presentes no contexto do abrigo, mas, muitas vezes, parecem não abarcadas pelo próprio sistema institucional, que vive numa constante ambivalência, ora demonstrando iniciativas de preservação desses vínculos, ora rompendo-os de forma abrupta, por entender que poderá ser mais benéfico à criança na eminência de sua partida.

Diante da ruptura freqüente do vínculo entre as mães sociais e crianças, tanto pela rotatividade, quanto pela adoção ou mesmo pela volta da criança à sua família de origem, uma questão intrigante é até que ponto o abrigo pode contribuir no trabalho relativo aos desligamentos? É interessante constatar que, simultaneamente ao discurso da afetividade

dirigida às crianças, à valorização e preservação dos vínculos há um aparente receio de que um apego demasiado possa comprometer outros procedimentos, como o de adoção. Tal ambivalência suscita intensos sofrimentos de separação, abandono e ressentimentos de ambas as partes, conforme se depreende no excerto abaixo:

(...) parecia que eu estava abandonando um filho, deixando ali em outra casa, deixando para lá que eu não te quero mais (...) 'Mãe Ana, não me deixe aqui não!' A Jeisa passou mal (...) Mãe Ana, não me deixe aqui não (...) eu quero ficar na minha casa. (...) Maria Jane saiu com uma madrinha e a madrinha me disse que ela me chamava à noite inteira. (Ana, 29/09/07)

Para Guirado (1986), o afeto fica comprometido no ambiente institucional, devendo ser estimulado na instituição. As crianças, nesse contexto, demonstraram vivenciar intensas rupturas afetivas que deverão ser “pensada(s) enquanto o conjunto dessas significações que se constroem em seu vivido e nas quais se delinea(m) um lugar para ela, em relação às pessoas no passado e no presente” (p.29).

As formas como são trabalhados os desligamentos dentro do abrigo, acerca dos processos de adoção, inclui psicólogos enviados pela Vara da Infância e Juventude, que fazem uma média de seis visitas à criança. Tal prática tem sido considerada insuficiente pela instituição, que enfatiza a necessidade de um trabalho mais abrangente, envolvendo também as crianças que permanecem no local. De acordo com relatos da assistente social, a criança que está em vias de ser adotada conhece sua nova família por álbum de fotografia, prática recorrente quando se trata de família estrangeira.

Assim, o desligamento da criança com o abrigo parece desconsiderar a criança enquanto um sujeito que deseja e pode emitir opiniões sobre sua própria história, como menciona Pimentel e Araújo (2007): “depositamos sobre a criança o estigma de incapaz, dependente, inconseqüente e não habilitada a emitir opiniões válidas” (p.186).

Não raras às vezes, as crianças antes de saírem da instituição, perguntam exaustivamente às mães sociais, se vão telefonar, escrever ou as visitar; as mães sem saber como proceder, dizem que sim, que vão entrar em contato, mas geralmente sabem que as chances são de perda total²⁵ do contato com a criança, caracterizando um desligamento abrupto e, possivelmente, sofrido entre a criança e as referências afetivas conquistadas no abrigo.

Tal situação é ainda mais complicada, quando a adoção ocorre por famílias estrangeiras. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art.46, sessão 1º a

“adoção por estrangeiro residente ou domiciliado fora do país, o estágio de convivência, cumprido no território nacional, será de no mínimo quinze dias para crianças de até dois anos de idade, e de no mínimo trinta dias quando se tratar de adotando acima de dois anos de idade”

Assim, questão colocada é até que ponto ou em que medida que 15 (quinze) dias são suficientes para construir uma convivência que justifique, em termos afetivos, a retirada da criança de sua cultura? É certo que geralmente a criança se adapta às novas situações, pois normalmente são resilientes, ou seja, capazes de serem resistentes as situações desfavoráveis e estressantes (Dell’Aglia; Koller; Yunes, 2006).

Importante mencionar que tal questionamento serve para refletir sobre os procedimentos de adoção tanto nacional quanto internacional. O direito da criança a um pré-convívio pode propiciar mais segurança diante das transições eminentes tanto para ela, como para a família adotiva e contribuir com tomadas de decisão mais seguras, de modo evitar situações, como algumas ocorridas no abrigo, representada pela devolução da criança, transcorridos vários meses e até ano, após ter sido adotada. Tal prática evidencia a necessidade de maior atenção aos processos de transição.

²⁵ A pesquisadora pôde perceber. São raras as tentativas da família adotiva mediar, pelo menos nos primeiros tempos de separação, o contato da criança com as pessoas da instituição.

Um dado que chama à atenção refere-se à alta rotatividade de funcionários na instituição; de junho de 2007 a fevereiro de 2008, saíram sete, sendo que dois desistiram e cinco foram demitidos. Acredita-se que tal situação deva ser mais bem analisada, pois impõe novas rupturas de vínculos às crianças e dificuldades na construção de um ambiente que se deseja ser seguro, em termos de possibilidade de vinculação.

As mães sociais são admitidas na condição de ser *o mais perto possível de uma verdadeira mãe (sic)*. Assim, elas são orientadas para oferecer às crianças todo carinho necessário, são contratadas para zelar das rotinas diárias de uma casa e de educá-las. Em contrapartida, um dos critérios de demissão é a ocorrência de atitudes punitivas acompanhadas de agressões físicas. Entretanto, é interessante evidenciar que alguns funcionários revelaram dificuldades em educar sem poder utilizar recursos punitivos, fato que parece demonstrar, ainda que de forma omissa, e sem conhecimento do gestor, uma repetição da situação de maus-tratos dentro do abrigo, por estar diretamente associada à idéia de educar:

(...) Ela deu uma surrinha de uma mãe, não é uma coisa de agressão (...) uma coisinha para realmente disciplinar. Então ela não vai ser punida, assim... *se ficar assim entre mães porque se chegar ao conhecimento da autoridade, a lei às vezes é um pouco dura nesse sentido.* (Itálico nosso) (...) Eu sou contra a violência, mas como a própria bíblia fala (...) “Fustigue a criança com uma vara e nem por isso ela morrerá, tu fustigarás com a vara e limpará sua honra”

Weber, Viezzer; Brandenburg; Zocche (2003) acentuam que a associação de educação com punição é responsável por situações de maus-tratos cometidos contra crianças. Assim, é necessário repensá-la, pelos educadores ou responsáveis pela proteção de crianças, de modo a possibilitar uma maior formação nas áreas de educação infantil e áreas relacionadas ao desenvolvimento e aprendizagem de crianças.

Vale destacar que a formação profissional das mães sociais, responsáveis diretas no trato às crianças, não é considerado critério na admissão de um trabalho tão delicado, representado pelo lidar com as várias faces do abandono. Das mães sociais entrevistadas, apenas uma têm formação superior completa, duas terminaram o antigo magistério, três não possuem nenhuma formação, as outras duas; uma é cabeleireira e a outra é técnica em enfermagem. Conforme pode ser observado, o cuidado com a formação não é priorizado, parecendo ser substituído por critérios como gostar de crianças, confirmado os estudos de Vectore (2005):

Há infelizmente uma grande distância entre o conhecimento produzido cientificamente acerca da educação de zero a seis anos e a prática efetiva nas instituições infantis brasileiras, onde não raras vezes, a variável ‘gostar de crianças’, independente da capacitação ou formação profissional, é a de maior peso na escolha do educador. (p. 157)

Em relação à importância dada ao contar histórias para as crianças abrigadas, observou-se que tais ações são praticamente inexistentes nesse contexto. São, diferente disso, priorizados os filmes, desenhos etc, chamados por Klein & Buhler (1988) de imagens fantásticas, menos ricas em fantasia, do que as guardadas nos contos de fadas. Embora haja livros de contos de fadas nas casas, só houve interesse efetivo por eles, depois que o presente estudo se iniciou, o que parece ter despertado o interesse em algumas mães em contar histórias. Mas as discordâncias sobre a importância dos contos infantis foram eminentes. Para alguns, as fadas são vistas como mentiras, expressas por um tipo de ideologia como a que se segue:

...Eu sou contra contos de fadas! Porque eu acho que é uma mentira, não existe! É uma farsa! Acho que nós temos que ensinar a realidade desde que nasce (...) Eu fui educada com verdade! Desde que nasci!
(educadora)

Klein & Buhler, (1998, p.3) observam que “as imagens contidas nos contos de fadas são condenadas como sendo falsas, ilusórias, nocivas e cruéis. Acredita-se que, “na era da técnica, não são mais adequadas à época e que tornam as crianças incapazes de enfrentar a vida”. Contudo, a fantasia provocada pelos contos serve de encorajamento diante das piores situações.

Nesse sentido, vale apontar que situações envolvendo sofrimento e privações fizeram parte do universo das crianças estudadas; das onze participantes, dez foram encaminhadas ao abrigo por estarem em condição de risco oferecido no convívio com pais e uma foi abandonada pela mãe. Todas foram ou estão sendo encaminhadas para destituição de pátrio poder, dada a falta de condições do retorno para as famílias de origem e, em todos os casos, a situação de pobreza parece permear os fatores que levaram à institucionalização da criança. Pesquisas inferem que situações de maus tratos e negligências estão ligadas à pobreza no Brasil, embora afirmem que não há linearidade entre os estudos (Weber; Viezzer; Brandenburg, Zocche, 2003).

Além das experiências dolorosas vivenciadas antes da institucionalização, a criança abrigada parece dispor de um espaço restrito para manifestar os seus desejos e necessidades, de se fazer ouvida e compreendida, se sujeitando continuamente às rotinas rígidas da instituição, às normas do judiciário, enfim se constituindo dia-a-dia num “sujeito sujeitado”. Assim, é imprescindível dar voz à criança, de modo que possa expressar, por meio da ampla variedade de linguagens. Conforme identifica Malaguzzi (1994), há de “Cem Linguagens” disponíveis para as crianças e passíveis de torná-las sujeitos sociais com plenos direitos. Nesse aspecto, vale apontar que há uma tendência mundial, nos estudos com crianças, em admitir a sua potencialidade e a sua possibilidade de expressão de suas particularidades e necessidades, conforme mostra Formosinho (2008).

Nesse sentido, Pimentel e Araújo (2007) mostram que as práticas psicológicas também são responsáveis por tais mudanças, haja vista a valorização do singular, do idiossincrático e da focalização em uma imagem da criança real, histórica e contextualizada, sem ideologismos. As autoras apontam que essa tendência que inclui novas formas de perceber a criança ultrapassa o período moderno (entre século XV a século XIX) e anuncia um novo período na história social e cultural, numa transição que faz dos humanos seres de dois mundos: do *não mais* e do *ainda não*, conhecida como pós-modernidade.

Neste viés de transição, em que borbulham novos saberes acerca da infância “a criança é, assim, possuidora de uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num diálogo democrático e na tomada de decisão” (Formosinho, 2008, p.17).

Para tanto, práticas como contar e ouvir histórias criando espaços que forneçam condições para criar e recriar formas narrativas são condizentes com novas pedagogias, pois toma em consideração que com tais ações, crianças sejam ouvidas nas suas diferentes formas de expressão (Kishimoto, 2007).

Os contos de fadas, de acordo com Radino (2003), são considerados elementos capazes de promover a narrativa infantil, basicamente por serem correspondentes à estrutura da imaginação da criança. A linguagem dos contos, mesmo que elaborada, pode atingir as crianças socialmente desfavorecidas. Para tanto, as ilustrações devem apenas complementar um texto, aguçando a própria fantasia, pois não precisa imaginar o que já está posto.

Neste estudo, deu-se preferência à valorização das narrativas orais, em vez da leitura do livro, como uma estratégia para as crianças manterem mais a atenção e o prazer em ouvir as histórias.

Mas o que imaginaram, sentiram e narraram as crianças participantes deste estudo? Para tentar responder e discutir tal questão organizar-se-á blocos de categorias divididas em cinco tópicos, a saber: (1) quanto ao interesse e desinteresse diante da história; (2) Interação entre

pares propiciada pela história; (3) Comentários acerca de sua própria vida (4) Histórias preferidas e rejeitadas (5) Desenhos como forma narrativa dos contos e das histórias das crianças.

Assim, um primeiro aspecto que nos chama atenção refere-se ao interesse e desinteresse manifestado pela criança diante da narração do conto. Nesse aspecto, vale apontar que, durante o desenvolvimento das oficinas, a pesquisadora teve que criar formas de narrar os textos infantis, de modo a conseguir produzir a atmosfera subjacente aos contos, parecendo haver uma relação direta entre o envolvimento da narradora com a história e com as crianças e o interesse demonstrado por estas nas atividades.

Laevers (2008) identifica a situação de envolvimento, quando a criança se mantém mentalmente ativa, com disponibilidade para experimentar novas sensações e significados, de forma concentrada, interessada, focada enfim, fascinada pela situação de envolvimento. É interessante constatar que, embora especialmente o Grupo 2 não tenha, inicialmente, demonstrado muito interesse pelas histórias, o envolvimento propiciado pela expressão oral, os gestos, o olhar da criança, da pesquisadora, tom de voz, foi paulatinamente observado um claro processo de construção, segundo o qual as crianças apresentavam mais concentração, participação desencadeando solicitações para que os contos fossem recontados ou repetidos.

De acordo com Bettelheim (1980), os pedidos para contar e repetir histórias são frequentes, conforme vão sendo despertados significados na criança. Para ele, a criança indica a história mais importante e significativa de sua vida, quando tem intimidade com os elementos das histórias que melhor expressam suas necessidades internas, sendo substituídas por outros contos, ao longo do tempo, os quais se relacionam a novas necessidades que enredam a compreensão de si mesma e do mundo que a rodeia. Bruner (2002) enfatiza que o recontar de uma história é apenas um modo de descobrir o significado que ela tem para o leitor.

O contar e re-contar histórias é essencial para o desenvolvimento do pensamento infantil, considerado por Kishimoto (2007), a luz das teorias brunerianas, como pensamento de natureza categorial e binária, mesma estrutura presente nos contos de fadas que auxilia na comunicação do conto com a criança. A autora mostra por meio de vários estudos empreendidos por diversos teóricos que a categorização como narrativa possibilita “discriminar diferentes coisas como equivalentes, agrupar objetos, eventos e povos em termos de membros de classes” (p. 430). Na utilização desse processo de categorização, a criança usa um sistema binário (caracterizado por situações opostas, como bem, mau, belo, feio), inferido pela criança por meio de codificações próprias internalizadas pela sua realidade cultural.

Assim, elementos dos contos de fadas parecem capazes de comunicar aspectos que dizem respeito às singularidades das crianças:

A História dos Três Ursos

Luna: Tudo ela gosta do pequeno! Credo! (se refere à velha senhora)

Luna (...) E ela vai vestir a roupa do pequeno então. (Grupo 1)

Aqui, os elementos que demonstraram a estrutura do pensamento binário da criança, estão presentes no ser *boa* ou *ruim*. A velha senhora (invasora da casa dos Três Ursos) gosta de tudo que é do urso pequeno, demonstrando para Luna um comportamento classificado como ruim, pronunciando (“credo!”). Assim, Luna parece se basear em valores particulares para inferir que a velha senhora vai vestir a roupa do urso pequeno, inferência apoiada nos valores internalizados da cultura adulta que a rodeia.

Certas condições de vida, porém, parecem maximizar a internalização da cultura adulta pelas crianças como as narrativas observadas nas crianças abrigadas do grupo 2 (dois), que

numa análise aligeirada pode parecer a manifestação de dispersão ou desinteresse. Contudo, foi marcante perceber, por meio das verbalizações infantis, que em pleno século XXI, tais crianças experienciaram situações típicas das vivenciadas no período da Idade Média, quando não havia nenhum cuidado específico com as crianças, havendo pois uma indiferenciação entre estas e adultos, conforme os estudos de Ariès (1981), em que as crianças eram tratadas como um adulto em miniatura, não poupadas da violência e da sexualidade explícita nas histórias e nos convívios compartilhados da época.

A narrativa aqui, segundo Gomes (2005), parece revelar nesse grupo de crianças, estruturas conhecidas do mundo do adulto, elementos que provavelmente, trazem vivências do cotidiano das mesmas, conforme pode ser observado no excerto abaixo:

Chapeuzinho Vermelho

Cristine: E você, vai namorá com um príncipe! Com um príncipe com a bunda tuda rasgada!

Carina e Cristine (dão risadas)

Carina: (...) Ocê vai namorá com o cú rasgado!

Carina e Cristine (dão muitas risadas)

Cristine: É. E ela vai lá namorar com o lobo beijando o pipiu dele!

Carina: (...) Cê vai namorar com o cú rasgado, Cristine!

Cristine: Você vai beijá no cú do lobo mau!

Carina: Cê vai namorá com o cú rasgado! Ocê vai bebê... Ocê vai bebê... o cocô do cú rasgado!

Cristine: Ocê vai lamber o cú dele, o pipiu e a perereca dele! (Grupo 2)

Frases como estas, aparentemente distantes do que é esperado ser dito por crianças pequenas, foram repetidas com frequência pelo grupo 2 (dois), durante quase todas as oficinas, transformando e parecendo dar um sentido específico, à luz de suas subjetividades.

As narrativas foram capazes de evidenciar, ainda que, por meio de brincadeiras, uma sexualidade notoriamente adultificada, provavelmente trazida dos contextos vivenciados anteriormente por elas. Gomes (2005) afirma que as narrativas são capazes de evocar memórias, expressar opiniões e reações frente a situações vividas.

Desse modo, as narrativas que aparentemente eram descontextualizadas das histórias de fadas e a princípio foram interpretadas como desinteresse das crianças pelas oficinas, ao longo do trabalho, ao serem revistas, demonstraram ser formas capazes de expressão e do fazer dessas crianças, comunicando e reagindo diante de suas experiências, conforme sugere Bruner (1997).

Em *João e Maria*, quando foram questionados sobre os personagens que gostariam de ser:

Cristine: Eu sô o capetinha!

Carina: (dá risadas)

Rogério: E eu sô o dremônio!

Carina: E eu sô a disgracinha (Dá muitas risadas)

Rogério (Dá risadas)

Cristine: E eu sô o cú azedo!

Rogério: E eu sou o Real Boy, de parte de gente e de parte do mal. (Grupo 2)

Reações das crianças como querer “ir embora” também foram observadas nas oficinas, especialmente quando a pesquisadora, por não conseguir atender a todas as escolhas das histórias, lia ou narrava uma por vez. Bettelheim (1980) clarifica que tais situações normalmente ocorrem quando as narrativas não possuem significados individuais. Diante disso, uma questão que se coloca é se seria pertinente encontrar formas de atender crianças

abrigadas, com base nas escolhas individuais dos contos de fadas? Resposta que poderá ser elucidada em novos estudos acerca do abrigo como promotor do desenvolvimento humano.

É interessante constatar que, em situações onde houve um aparente “desinteresse”, foi no decorrer do trabalho, mostrando a relação estreita com a falta de familiaridade com outras linguagens, imagens, falta diluída com envolvimento paulatino e significados quando a história suscitava a memória de alguma vivência infantil. Tal fato pode ser verificado abaixo:

O Patinho Feio

Pesquisadora: “Vamos ver se ele vai nascer!”

(Wesley levanta e vai até a janela)

Pesquisadora: “Um belo dia, ele nasceu... quebrou a casquinha...”

Pesquisadora: Wesley, você está perdendo a historinha!

(Wesley volta correndo) (Grupo 3)

Em relação às interações entre as crianças, observa-se que foram marcadas por questionamentos e comentários, os quais demonstraram nas construções narrativas, a dinâmica emocional e cognitiva propiciada pelo clima das histórias. Assim, pode-se apontar nas narrativas expressadas pelas crianças, (a) sentimentos de angústia diante do tema eminente da morte, (b) sentimentos de raiva e de solidariedade provocados pelas situações de maus tratos vivenciados por alguns dos personagens, (c) sentimentos amorosos, demonstrando a sexualidade das crianças e (d) formas inusitadas de conseguir comunicar sua subjetividade:

(a) A Pequena Vendedora de Fósforos

Ronan: (...) A velha não tinha levado ela?

Pesquisadora: levou!

Ronan: Aí ela escondeu... aí ela ficou levada aonde?

Pesquisadora: Levou no sonho.

Ronan: Ela tava só sonhando com a vovó?

Pesquisadora: Sim, ela estava sonhando com a vovó para se proteger do frio...

Ronan: Ô tia? Ela vai vive lá? Ela vai viver? (Grupo 1)

(b) *A Pequena Vendedora de Fósforos*

Pesquisadora: “Ela tem um pai, mas o pai batia muito nela se ela não vendesse as caixas de fósforos...”

Luna: Por que o pai não morre? Não morre de uma vez?

Luna: Uai! Eu dava uns cem centavos, encontrava uns mil reais pra dá pra ela comer.

(b) *João e Maria*

Pesquisadora: (...) “Podem entrar aqui então, eu vou preparar uma comida bem gostosa pra vocês”!

Cristine: Mas ela não fez! Fez maldade com o João e a Maria! (Cristine fala de forma enérgica)

Pesquisadora: Então ela não era boa né, Cristine.?

Cristine: Era maldosa! Pegou ... o João, pois na gaiola e mandô pô o dedim. (Grupo 2)

(c) *Peter Pan e A Pequena Sereia*

Rodrigo: Gostei mais dessa parte aqui ó...

Carina: Eu gostei mais daquela...

Rodrigo: Qué vê?

Rodrigo: hum hum hum hum hum (Rodrigo beija bastante a página com a ilustração da Pequena Sereia)

Carina: Qué vê?

Carina: hum am huam huam huam huam huá (Carina também beija muito a página com a ilustração de Peter Pan)

Rodrigo: (...) Ai meu amor!

(c) *Peter Pan e A Pequena Sereia*

Rodrigo: É pra fazê um montão de cabelo!

Carina: Pra cá, pra cá, pra cá, pra cá...

(Carina começa a dar gargalhadas e contagia Rodrigo)

Carina: Pronto! Só dois laço. Agora o olhinho... Agora o vestiduu... (Gargalhadas de Rodrigo e Carina)

Carina: (...) Agora a boquinhááá...

Rodrigo: A bundinha... e a pererequinha...

(d) *O Patinho feio*

Lucian: E esse porco, tia? Ele é abusador. (Grupo 3)

Em acréscimo, os contos de fadas podem auxiliar na compreensão do pensamento infantil, pois estimulam o desenvolvimento de mentes narrativas (Kishimoto, 2007), o que pode ser entendido como o pensamento que contrasta com os modos lógicos, analíticos, categóricos, que na criança ainda estão sendo construídos. O pensamento narrativo se aplica na busca de significados, interpretações da realidade, construções narrativas que violam a padronização dos discursos na busca de sentidos, que narra histórias, nem sempre verdadeiras, se pensadas no campo da lógica científica, mas verdadeiras, se pensarmos pelo crivo das motivações e razões do humano. Esse modo de pensamento é semelhante aos contadores de histórias e poetas (Bruner, 2001).

Desse modo, as histórias ajudam nas construções de processos que envolvem o pensar. Observa-se que as crianças utilizam estruturas binárias presentes nos contos, sendo capazes de construir algumas narrativas, indicativas dos processos de categorização, os quais segundo Bruner (1956) facilitam a compreensão do mundo e a comunicação com os outros.

O Patinho Feio

Cristine: Ô tia? Esse pato não era ninguém!

Cristine: (...) Credo! O Pato era morto tia! Tia?

Pesquisadora: Oi?

Cristine: O Pato era morto, depois virou chince. (Grupo 2)

No excerto acima, a dicotomia *vida e morte* presente na narrativa de Cristine, inicialmente dando indícios de que o Pato “não era ninguém”, era “morto” e depois virou chince (cisne). Na história, o patinho feio não era reconhecido, era “morto” para seus pares, e só quando se reconheceu e foi reconhecido pelos seus, como cisne, parece ter tido um sentimento de pertencimento com relação ao mundo e a si mesmo. Estes elementos inerentes à história demonstraram terem sido percebidos intuitivamente pela menina.

Além disso, foram observadas dicotomias como o *belo* e o *feio* em algumas narrativas, como:

O Patinho Feio

Wesley: Ô tia, eu vô matá esses daqui!

Pesquisadora: Uai! Por quê?

Wesley: Vô! Esse aqui é feio!

Leonardo: Né não! É esses aqui! (Refere-se aos patos selvagens ilustrados na história) (Grupo 3)

Wesley disse que *mataria* (e indicou com o dedinho a figura dos cisnes, achando que eram os “patos selvagens”, que tinham ridicularizado o Patinho Feio), ao ser questionado pela pesquisadora se referiu aos patos como “muito feios”. Leonardo entendendo seu engano mostrou a ilustração dos patos selvagens. Ambos classificaram os patos selvagens como feios

imbuídos da crença de que eram maus, tendo em vista a ridicularização sofrida pelo Patinho Feio. Para Bruner (1996), as crianças vão organizando suas formas de pensar pelos significados culturais.

Sobre as influências dos contos de fadas observou-se um incremento das construções de pensamentos narrativos pelas crianças, pois em vários momentos contaram e recontaram as histórias de forma inesperada, inusitada, inseriram novas versões, quebrando padrões conhecidos e costumeiros do enredo e fazendo nos dizeres de Bruner (2001, p134) “que o corriqueiro pareça estranho novamente”. O desvio do que é conhecido e esperado em uma história, é chamado de desvio do canônico ou desvio da canonicidade.

Kishimoto (2007), apoiada nas concepções brunerianas, mostra que quando há uma quebra do padrão esperado da história, têm-se os desvios da canonicidade, os quais são identificados neste estudo, quando as crianças usam expressões significativas na tentativa de criar novas situações, demonstrando aspectos íntimos de sua subjetividade, como:

Chapeuzinho Vermelho

(começamos a cantar) “Pela estrada a fora eu vou bem sozinha, levar esses bolos para vovozinha... o caminho é longo...

Gabriela: Só que minha casa não tem essa vovozinha! (estrutura não canônica) (Grupo 1)

Chapeuzinho Vermelho

Carina: Aqui o boneco! O lobo comeu! O lobo tarado! (estrutura não canônica) (Grupo 2)

É importante destacar que, durante as oficinas, foram observadas situações de conflitos provocados pela divisão de materiais. Em um espaço em que tudo é de todos, é socializado e

nada é de ninguém, tais conflitos podem ser analisados como uma tentativa das crianças de buscarem alguma individualidade, por meio da posse dos objetos e na dificuldade de emprestar e coletivizar os materiais. Em alguns momentos, os conflitos foram atenuados pela mediação das meninas. Tal dado está em consonância com o estudo de Sperb; Saber (1998).

Na tentativa de compreender o intrincado processo de institucionalização da criança pequena, buscou-se saber se por meio das narrativas infantis era possível a evocação de aspectos da vida ou das experiências trazidas pelas crianças participantes. Bruner (1997) acentua que as crianças são capazes de evocar processos significativos para elas, geralmente em situações propiciadoras de identificações com aspectos de seu cotidiano. Assim, algumas crianças demonstraram nas construções narrativas situações vivenciadas aparentemente difíceis e sofridas, em que aliadas às idéias contidas nos contos de fadas, propiciaram o seu aparecimento nas narrativas, conforme se observa abaixo:

João e Maria

Carina: (...) Eu já brinquei em roda gigante!

Carina: O Leonardo (irmão mais novo de Carina) fez cocô nas calças!

Pesquisadora: Quando isso?

Carina: Na minha casa!

Pesquisadora: Na sua casa?

Carina: Não! **Na minha casa não tem roda gigante**, foi no parquim que o Leonardo fez cocô (Ri)

Pesquisadora: Você acha que ele ficou com medo?

Carina: Ficô!

Cristine: (...) A mãe dele bateu nele

Carina: Bateu não! **Minha mãe não bate em ninguém! Eu acho minha casa legal, a casa da minha avó era pertim... do parquim!** (Grupo 2)

João e Maria

Carina: **Eu também vô embora daqui!**

Rodrigo: (...) Mas não é hoje!

Carina: Falta só mais dois dias! Falta só um pouquinho de dias pra mim embora **dessa (instituição)²⁶ chata! Dessa (instituição) boa! Eu não vô embora!**

Pesquisadora: Você acha aqui bom ou chato?

Carina: Bom

Pesquisadora: Mas você não disse chato?

Carina: Não. Eu acho bom! Eu não vô embora! **Eu vô engolí ela primeiro... Eu vô engolí a (instituição) primeiro depois que eu vô embora!** (Dá risadas)

Embora não tenha sido o propósito deste estudo interpretar os possíveis motivos de algumas histórias serem preferidas e/ou rejeitadas, foi possível lançar alguma luz acerca da identificação das mesmas. Assim, todos os grupos demonstraram preferir *Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos*. *A Pequena Vendedora de Fósforos* teve aceitação apenas no Grupo 1 e *O Patinho Feio* foi bem aceito apenas no Grupo 3. Em relação às histórias rejeitadas, o que se observou foi uma rejeição pontual de um ou outro elemento do grupo, não caracterizando um rechaço de histórias específicas.

Desse modo, parece que o preferir ou rejeitar uma história está ligado à subjetividade de cada criança para apreciar ou não a história contada. Para Radino (2003), caso a criança não goste da história, deve-se tentar outras, que tenham sentido para ela.

À luz dos dados analisados, oriundos das histórias contadas às crianças, foi significativo, conforme já mencionado, perceber que o despertar a predileção ou não pela criança pode estar ligado ao prazer, à familiarização e ao envolvimento do narrador com a história. Tal dado deve ser considerado, pois evidencia a importância do modo como as histórias são transmitidas aos pequenos ouvintes. Chamou à atenção o fato de que algumas crianças desconsideraram os contos de fadas, recusando-os, antes mesmo de serem contados.

²⁶ Carine pronuncia o nome da instituição.

Bettelheim (1980) sublinha que criança em estado intenso de sofrimento não consegue ter perspectivas otimistas sobre sua vida. Por essa razão, os contos de fadas precisam de tempo para germinação e reitera que muitas nem chegarão a criar raízes. Em contrapartida, poderão promover sentimentos importantes, alimentando a esperança da criança. Para isso, é preciso preservar a verdade dos contos, como explicita Radino (2003), a “verdade que dá rosto aos nossos desejos, pois se forem considerados um monte de mentiras, é melhor que não sejam narrados à criança, tendo em vista que, dessa forma, nada de rico será ofertado à sua vida”.

Com intuito de ampliar a possibilidade de expressão infantil, considerou-se importante introduzir o desenho como uma legítima forma de manifestação das subjetividades das crianças. Formosinho (2008) considera os desenhos infantis como estímulos ideais para suscitarem narrativas das crianças acerca de diversos temas (p.22) demonstrando na prática de investigação, respeito para com a criança, quando utilizado.

No presente estudo não se pretendeu interpretar o desenho enquanto uma expressão puramente gráfica, mas em observar suas possibilidades narrativas, pelas verbalizações infantis. Os desenhos dos Grupos 1 e 2, em sua maioria, não foram acompanhados por verbalizações. Além disso, o Grupo 1 demonstrou uma autocrítica exacerbada, pois as crianças apagavam várias vezes as produções desenhadas e ainda jogavam-nas fora, afirmando repetidamente que não conseguiam fazer ou que *estava feio*, fato ocorrido nos outros grupos, embora com menor frequência. As crianças menores, do Grupo 3, foram as que mais narraram, por intermédio de seus desenhos (que pareciam auxiliar na construção narrativa), mostrando-se protagonistas diante do desenho propiciado pela história:

Sobre os desenhos (como possibilidades narrativas) Wesley e Leonardo fizeram após ouvir a história do

Patinho Feio:

Wesley: (...) Só o primo é diferente

Pesquisadora: Por que ele é diferente?

Wesley: (...) Porque ele é um primo nervoso

Pesquisadora: O que ele faz quando fica nervoso?

Wesley: Bate nesse!

Pesquisadora: E quando ele bate, ele fica triste?

Wesley: Fica, ele vai para outra casa (...) Eu vô desenha uma casa....ele vai para casa

Por outro lado, algumas situações demonstraram revelar conflitos na narrativa do desenho. Carine, por exemplo, representou o *João* preso como a situação que mais lhe agradou na história de *João e Maria*; depois insatisfeita, representou *João e Maria* soltos e, ao ser questionada pela pesquisadora, ficou muito nervosa, alterando a voz, gritando que João não estava solto, que ele estava preso, logo em seguida, disse que ele estava solto. Silva (2002) mostra que há situações em que as crianças dão diversas significações a um mesmo desenho e nesse caso, as representações da referida criança, parecem dar indícios de conflitos com relação aos elementos evocados pela história (João preso pela bruxa e ao mesmo tempo solto e a demonstração de incertezas se este está em liberdade ou não). Seria um sentimento com relação ao processo de institucionalização que está sendo vivenciado?

Responder a essa questão não é uma tarefa fácil, contudo o processo de institucionalização tem uma acentuada característica de delimitação da liberdade. O tempo é rigorosamente determinado e o espaço maciçamente coletivo, excludente da individualidade e da subjetividade. A uniformização da coletividade, a praticamente nula possibilidade de expressão de idiosincrasias, atrelados rigores estabelecidos pelos horários de dormir, comer, como parte do processo da disciplina na instituição, talvez possam ser considerados fatores perturbadores no processo de formação da identidade da criança (Souza, 2006).

C onsiderações F inais

Conhecer o intrincado universo da criança abrigada foi um dos propósitos deste estudo, engendrado por uma busca de vários olhares dos atores sociais envolvidos no processo de institucionalização infantil, olhares estes que foram representados pelos gestores, funcionários e as crianças ali inseridas.

Durante todo o percurso do trabalho, muitas situações dificultaram o bom andamento da pesquisa. Logo de início, a pesquisadora enfrentou um ir e vir, atrás de autorizações judiciais e da instituição, para obter o consentimento para a sua realização. Vale aqui mencionar que tal proposta foi recebida com entusiasmo pelo dirigente da instituição e pelo juiz da Vara da Infância e Juventude, com a alegação que tal temática deveria de fato, compor a realidade, trazendo sonhos e fantasias para as crianças, tão distantes dessas possibilidades, pelas vicissitudes de seus contextos. Contudo, realizar um trabalho desta natureza, é quase um conto de fadas, pois mobilizou diversas subjetividades da pesquisadora, consideradas pela busca incessante de formas para superação dos desafios, de lidar com as angústias, temores, desejos de algo sempre por vir. A única diferença foi a certeza de que não sabia se haveria um final feliz, o que ainda persiste. Nesse sentido, vale apontar que, mesmo em trabalhos acadêmicos, em que a isenção, a neutralidade entre o pesquisador e o pesquisado é bem-vinda, manter continuamente uma relativa distância propiciadora de análises científicas desapaixonadas, é um contínuo exercício de reflexão e aprimoramento.

Difícil não sofrer com o sofrimento das crianças. As dificuldades referem-se ao contato com as várias dimensões obscuras que o abandono traz e neste estudo foi possível também identificar o abandono dentro da instituição, por meio das medidas tomadas para evitar a promoção do apego, como pode ser visto no episódio da redistribuição das crianças para outras mães sociais, sem preparação prévia. Em relação a esse aspecto, acredita-se que seria de extrema relevância ter o profissional da psicologia devidamente formado para o atendimento de tais situações, inserido ou disponível para um trabalho contínuo na instituição.

As perspectivas de estudos no abrigo parecem inesgotáveis, a começar pelas famílias que têm seus filhos sob a guarda da justiça, a maioria passando por situações de miséria absoluta, vivendo em ambientes insalubres, mesclados de drogas, e diversos tipos de privações. É incômodo saber que o abrigo, caracterizado provisório, passa a constituir, a única possibilidade de um grande número de crianças, quando a adoção não se efetiva. Entre as crianças participantes, nenhuma poderá voltar para suas famílias e quase todas ainda relembram situações vividas com os pais, esperam em vão suas visitas já suspensas, sonham com possibilidades de retorno. Vários momentos, a pesquisadora percebeu na instituição e nos documentos judiciais, pedidos, vontades, explicações, frustrações, depressões pela ausência dos filhos, percebeu nas crianças o rosto de choro, a alegria da visita, o desespero no portão.

Adentrar e imergir no cotidiano da instituição mostrou que os estudos acerca dessa temática estão longe de se esgotar, tamanha a complexidade que envolve a rede de relações inseridas nesse contexto. Assim, situações que envolvem o histórico das crianças; políticas públicas de apoio à família de origem; o abandono das crianças por famílias aparentemente desinteressadas; a institucionalização da criança; relações que devem ser preservadas dada a importância dos vínculos afetivos, bem como a mensuração da existência da incoerência ou parcialidade nas decisões de suspensão das visitas; a importância da formação de pessoal para trabalhar com as crianças; os desvinculamentos dentro da instituição; a forma como tem sido trabalhado o processo de adoção, tendo em vista casos de devolução da criança, com alegações de ‘mau comportamento da mesma’; as atitudes nas relações construídas dentro da instituição; as atitudes com relação a dificuldades enfrentadas seja no desenvolvimento, ou na aprendizagem das crianças e mais uma gama de situações implícitas no cotidiano da instituição merecem pesquisas contínuas que possam originar políticas efetivas e eficientes de proteção à infância, assegurando, acima de tudo, a dignidade da criança para que esta possa

conquistar a liberdade de exercer sua própria voz, geralmente abafada pela massificação do contexto.

O presente estudo contribuiu para mostrar a relevância do trabalho com grupos pequenos, considerado por Formosinho (2008) uma boa estratégia para dar escuta às crianças e permitir-lhes as interações de forma que possam melhor se manifestar entre os pares. Contudo, o estudo realizado no abrigo em questão, se mostrou difícil na atividade de contar histórias, tendo em vista a enorme demanda de interesse por outras crianças não participantes da pesquisa, que por terem ficado de fora dos grupos, manifestaram ciúmes, muitas vezes, comprometendo o andamento das atividades planejadas.

Nesse sentido, talvez seja necessário pensar novas formas de organizar grupos de histórias, inserindo mais contadores e mais crianças dentro desses projetos, abarcando todas as crianças interessadas em participar. Caso seja inviável, uma alternativa a ser pensada é organizar as atividades em outro contexto. Especificamente, em relação ao procedimento de narrar histórias, vale observar que talvez seja pertinente contar as histórias individualmente, para as crianças que desejam sua repetição, tendo em vista que, em situações de grupos, a repetição do conto, geralmente, não é bem aceita por todas, provocando conflitos. Bettelheim (1980) mostra que, mesmo que os contos encantem as crianças de forma geral, alguns comunicam aspectos muito particulares, e isso deve ser considerado no contexto do abrigo, pelas diferentes histórias das crianças e a necessidade de promover no contexto, a sua singularidade.

Um aspecto que não pode ser desconsiderado refere-se ao fato da evidente adultificação na sexualidade de crianças pequenas. Nesse sentido, tal tema deve ser mais bem investigado em estudos futuros, de modo que a instituição possa dispor de instrumentos para lidar com tal demanda.

Quanto ao aspecto das oficinas em si, é preciso que se deixe registrada a importância do pesquisador ou narrador em resgatar os próprios sonhos, se quiser comunicar algo as crianças pelos contos de fadas. Ao iniciar o trabalho de contar histórias, a pesquisadora descobriu que as fadas estavam esquecidas, não só para si, mas para as crianças que não pareciam sonhar como crianças, mas como o adulto que já não sabe sonhar. Então como fazer para se comunicar e se passar o clima de sonho e fantasia? Uma resposta possível diz respeito à necessidade de que é preciso acreditar na possibilidade de mudança de qualquer realidade e isso os contos de fadas mostram fartamente. Contudo, não devem ser contados superficialmente, é preciso que os narradores sejam capazes de vivenciar a atmosfera criada pelas histórias, por meio da efetivação de um ambiente acolhedor, mágico, propício às projeções de imagens e sonhos, criando, re-inventando e diversificando as formas de contar as histórias. Assim, projetos envolvendo a formação das mães sociais na perspectiva da narração dos contos de fadas são desejáveis, haja vista possibilitarem o enriquecimento das experiências infantis de forma abrangente.

Portanto, é preciso que o contador de histórias, seja ele o pesquisador ou não, aproprie-se da sensação de pertencimento com relação ao universo das fadas. E é pensando na superação das adversidades, possível pelo auxílio bem-vindo das “fadas” de qualquer origem, que este estudo se finaliza, esperando que as crianças sejam devidamente protagonistas de suas histórias e que os adultos continuamente se esforcem em produzir pesquisas e estudos, mostrando que para a construção de um mundo melhor, numa sociedade mais justa e solidária, os investimentos devem priorizar a infância, de modo que o abandono, o risco sejam termos usados em um tempo muito longínquo, como *Era uma vez...*

R

Referências

Abramovich, F. (1993). *Literatura infantil: Gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione.

Ariès, P. (1981) *História Social da criança e da família*. 2ª ed., Rio de Janeiro: LCT.

Azôr, A.M.G.C.C.V.; Vectore, C. (2008). Abrigar/desabrigar: conhecendo o papel das famílias nesse processo. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 77-89.

Azôr, A.M.G.C.C.V. (2005) Abrigar... desabrigar: conhecendo o papel das famílias no processo de institucionalização/desinstitucionalização de abrigados. *Dissertação* (Mestrado em Psicologia Aplicada), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 235f.

Bettelheim, B. (1980). *A Psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Brandão, L; Smith, V; Sperb, T; Parente, M.A (2006). Narrativas Intergeracionais. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 19 (1), 98-105.

Bruner, J; Goodnow, J.; Austin, G. (1956). *A Study of Thinking*. New York: John Wiley & Soons, Inc.

Bruner, J. (2002). *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bruner, J (1997). *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bruner, J. (2001). *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed.

Cecconello, A.; Koller, S. (2000) Competência social e empatia: Um estudo sobre resiliência com criança em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5 (1), 71-97.

Dell’Aglío, D; Koller, S; Yunes, M (2006) *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dorian, M. (2003). Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21(3), 70-75.

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Diário Oficial da União. *Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990*. Brasília, D.F, Palácio do Planalto.

Formosinho, J. O (2008) (org.). *A Escola vista pelas Crianças*. Porto: Porto Editora.

Freitas, M. (1997). *História Social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez.

Freud, S. (1969) A sexualidade infantil. 1905. In: *Obras Completas: três ensaios sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, v . 7 (1901-1905), Ed. Standard Brasileira. p.163-217.

Situação Mundial da Infância 2008derno Brasil

Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF (2008). Relatório da situação mundial da infância 2007 Caderno Brasil. [On-line] Disponível em: <<http://www.unicef.org.br/>>.

Acesso em: 11/08/2008.

Gesell, A., Halverson, H M., Thompson, H., Ilg, F.L, Costner, B.M., & Amatruda, C.S (1940). *The First five years of life: A guide to the study of the preschool child*. New York: Harper & Row.

Giacaglia, L. (1980). Teoria da Instrução e ensino por descoberta: contribuições de Jerome Bruner. *Psicologia e Ensino*. São Paulo: Papelivros.

Goffman, E (1987). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.

Gomes, H. S. (2005). *Narrativas infantis*. Contribuição para a autoria da criança. *Dissertação (Mestrado)*. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Guirado, M. (1986). *Instituição e relações afetivas: O vínculo com o abandono*. São Paulo: Summus.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. (2004). *O Direito à convivência familiar e comunitária*. Os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. Brasília.

Laevers, F. (2008). Quality at the level of Process, Outcome & Context. In: *Anais do “I Congresso Internacional em Estudos da Criança”*, Braga/Portugal.

Kishimoto, T. M. (2007). Narrativas infantis: Um estudo de caso de uma instituição infantil. *Educação e Pesquisa*, 33 (3), 427- 444.

Klein, E.; Buhler, W. (1998) *O conto de fadas - alimento ou veneno para a alma infantil?* Folhetos de Medicina Preventiva. São Paulo: Antroposófica.

Malaguzzi, L (1994). As Cem Linguagens. In: Faria; Palhares (orgs). *Educação Infantil pós LDB. Rumos e desafios*. Campinas, Autores associados.

Maia, J. M. D.; Williams, L. C. A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas psicol.*, 13(2), 91-103.

Marcílio, M. L (1997). A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil: 1726-1950. In: *História Social da infância no Brasil*. São Paulo. Cortez.

Melli, R.; Giglio, J. (1999). “Enquanto seu Lobo não vem...” Contos de fadas na escola? Relato de uma experiência. *Psico-USF*, 4(1), 13-23.

Miller, L., Gillam, R. B. & Peña, E. D. (2001). *Dynamic assessment and intervention: Improving children's narrative abilities*. Austin, Texas: Proed.

Motta, A. B.; Enumo, S. R. F.; Rodrigues, M.M. P. & Leite, L. (2006). Contar histórias: uma proposta de avaliação assistida da narrativa infantil. *Interação em Psicologia*, 10(1), 157-167.

Panúncio, M. (2004). *Infância Vitimizada e Vitimada: As implicações da violência para o desenvolvimento infantil e para a educação*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Uberaba – UNIUBE. Uberaba/MG.

Passerini, S. (1998). *O Fio de Ariadne: Um caminho para a narração de histórias*. São Paulo: Antroposófica.

Passeti, E. (1996). O menor no Brasil republicano. In: Priore, M (1996). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Pimentel & Araújo, (2007). Concepção de criança na pós-modernidade. *Psicologia Ciência e Profissão*. 27 (2), 184-193.

Radino, G. (2003) *Contos de fadas e a realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sousa, A. R. (2006) *Abrigar...brincar: Um estudo sobre vivências lúdicas*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia.

Setzer, V. (1998). *O que é Antroposofia?* Disponível em: www.sab.org.br/antrop/antrop.htm. Acesso em: 03/09/2006.

Silva, S. M. C. (2002). *A constituição social do desenho da criança*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras.

Silva, M; Lacharité, C. (2003). *Resiliência: Concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área*. Disponível em: <http://sites.ffclrp.usp.br/paidéia/artigos/26/02.htm>. Acesso em: 13/10/2006.

Soares, A; Moreira, M; Monteiro, L; Fonseca, E. (2005). A enurese em crianças e seus significados para suas famílias: abordagem qualitativa sobre uma intervenção profissional em saúde. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, 5 (3): 301-311.

Sperb, T.M; Saber, F. (1998). O brincar e os brinquedos nos conflitos entre crianças. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v.2, n.º.2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Spitz, R. A. (1958) *O Primeiro Ano de Vida da Criança*. São Paulo: Martins Fontes.

Steiner, R. (2002). *Os contos de fadas: Sua poesia e sua interpretação*. São Paulo: Antroposófica.

Weber, L. N; Viezzer, A. P; Brandenburg, O.J; Zocche, C. R. (2003). Famílias que maltratam: uma tentativa de socialização pela violência. *Psico-USF*, 7(2), 163-173.

Winnicott, D.W (1987). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

Tatar, M. (2004). *Contos de fadas*. Edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Tanouye, M. (2005). *A importância dos contos de fadas na formação da personalidade*.

Disponível em:

<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=685>. Acesso em: 13/09/2006.

Urban, P. (2001). *Psicologia dos Contos de Fadas. Planeta, 345*. Disponível em: http://www.amigodaalma.com.br/conteudo/artigos/contos_fadas.htm. Acesso em: 10/10/2006.

Vectore, C. (2005) Estratégias mediacionais: possibilidades de inserção do psicólogo escolar / educacional em abrigos. In: MARTINÈZ, A. M. (org) *Psicologia escolar e compromisso social*. Campinas, SP: Editora Alínea.

Vicente, C. M. (1999) *Abrigos: desafios e perspectivas*. Disponível em: www.cefit.org/trabtemas/abandono1.htm. Acesso em: 13/09/2006.

Vigotskii, L; Luria, A; Leontiev, A. (2001). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone.

Apêndice

APÊNDICE A

Modelo de Entrevista ²⁷

I. Dados pessoais

1. Data de nascimento:
2. Local de nascimento:
3. Sexo: () feminino () masculino
4. Estado civil:
() casado(a) () solteiro (a) () separado (a) () outro . Qual?
5. Formação escolar:
6. Formação Profissional:
7. Quanto tempo você trabalha em instituições infantis?
8. Quanto tempo você trabalha na função atual?
9. Você teve alguma função anterior?
10. Quais as razões que motivou você a escolher essa profissão e o trabalho em instituições infantis?
11. Quais as facilidades e dificuldades que você encontra na sua profissão?
12. O que você considera relevante para melhorar as condições de desenvolvimento e aprendizagem das crianças que estão em situação de abrigo?
13. Como você entende que deva ser os vínculos afetivos entre:
 - Pais e Filhos (Me refiro aos pais que tem autorização para fazer visitas);
 - Mães sociais e crianças;
 - Instituição e crianças que já foram adotadas.

²⁷ O roteiro dessa entrevista foi adaptado do modelo de *Vectore* (2005)

APÊNDICE B

Transcrição: Entrevista com Vera, mãe social²⁸

Pesquisadora: Eu gostaria que falasse o nome da Senhora, se a Senhora é casada, se é solteira.

Vera: Meu nome é Vera.

Vera: Já vai começar a gravar?

Pesquisadora: Uh-hum <sim>

Vera: Eu sou solteira, eu nunca casei, moro em (Nome da cidade).

Pesquisadora: A Senhora é de (Nome da cidade)?

Vera: Eu sou de (Nome da cidade), mas eu tive um relacionamento. Eu tive um filho, meu filho está casado, já tenho dois netos adolescentes. Eu morava sozinha. E eu sempre trabalhei. Lá (...) eu trabalhava como cozinheira de um restaurante. Eu trabalhei sete anos nesse restaurante, sete anos com cozinheira, então eu cansei. Eu estava ficando doente, não estava agüentando mais, resolvi parar de trabalhar, resolvi dar um tempo para descansar e cuidar um pouco da saúde, mas como eu moro sozinha eu não agüentei nem o seguro desemprego, então comecei a procurar serviço, então vim para esta cidade e comprei um “jornalzinho” de emprego e resolvi mudar um pouco; “Agora eu vou mudar, vou procurar outro tipo de serviço”. Então comprei um jornal para ver se eu achava alguma coisa, achei mesmo, achei até de restaurante, inclusive o dono do restaurante ligou várias vezes em minha casa para eu trabalhar. Então tinha esse restaurante e tinha esse daqui, no anúncio, então eu vim para cá, mais pela curiosidade de conhecer, vim aqui, gostei. Fiquei encantada com as crianças, com o lugar, até mesmo com muita dó (sic). Fiquei comovida com essas crianças e me interessei e esse trabalho aqui e já está com seis anos que estou aqui.

Pesquisadora: Então a Senhora é a que tem mais tempo de todas que estão aqui?

Vera: É, tenho mais tempo, sou a mais antiga aqui desse trabalho, eu sou a mais antiga. É um trabalho muito bom, mas é um trabalho muito difícil também, muito sofrido. Muito sofrido, por quê? Por que tem a questão da adoção. Então nós viemos e cuidamos e cuidamos e de repente uma criança vai ser adotada, vai embora, então é um pedaço de nós que vai junto com ele. Então deveria, eu acho assim, no meu modo de pensar, eu acho que deveria ter um

²⁸ Falas que foram suprimidas e representadas por (...) foram usadas pensando na comodidade do leitor, com o objetivo de evitar repetições, não alterando em nada o conteúdo das transcrições. Outras alterações foram feitas para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

trabalho de psicologia aqui dentro, no sentido de preparar as crianças para sair para a adoção e preparar até mesmo as mães, por quê? Porque existe um vínculo, não é? Existe um vínculo de mãe e filho e de filho para mãe. Então é muito sofrido na hora em que vai (sic) embora. Eles ficam inseguros. Aqueles maiores que vão embora, “nossa”, é uma insegurança! Eles têm mesmo medo de sair. Eu acho que devido ao lugar, porque é um lugar bom devido ao tratamento, devido ao vínculo com a mãe, eles ficam inseguros, porque já foi adotado...quer ver? Dos maiores, já foram adotados dois com oito anos, uma com nove anos e foram todos para fora do país. E é muito sofrido para eles porque eles ficam muito inseguros.

Pesquisadora: O Rodrigo está incluso?

Vera: Não, só dessa casa, o Rodrigo não era dessa casa, só dessa casa foram dois... três para a (adoção estrangeira), foram três adotados (...) só dessa casa.

Pesquisadora: Aqui então não foi sempre de bebês?

Vera: Não, agora é.

Pesquisadora: Teve crianças mais velhas?

Vera: Teve, já teve misturado. Então por que eles decidiram fazer uma casa só de menorzinhos? É porque os maiores estavam atrapalhando os menores, porque era misturado. Eu tinha, por exemplo, só duas menorzinhas, os outros eram maiores, estudavam todos de manhã, então eu levantava quinze para as seis da manhã para preparar o café da manhã para eles saírem para a escola, então acordavam todos, acordava as meninas e muitas das vezes (sic) as menorzinhas não conseguiam nem almoçar, dormiam sentadas na mesa, porque levantava muito cedo. Levanta para ir à escola e faz aquele alvoroço, acorda todo mundo, então decidiram fazer a casa dos menores para eles terem um pouco de privacidade, para resguardar um pouco os menores e deu certo.

Pesquisadora: Deu certo?

Vera: Deu, deu certo, porque eles dormem até mais tarde, não tem ninguém para incomodá-los de manhã, não precisam levantar tão cedo. Depois do almoço, eu dou o almoço onze horas, então dormem todo mundo, não tem outras crianças maiores para incomodar. É uma coisa que funcionou, que deu certo.

Pesquisadora: E os outros meninos, foram para a outra casa?

Vera: Foram, aí tiraram, né? Fizeram uma divisão, tiraram os daqui e levaram para uma outra casa que havia bebês e juntaram os menores...

Pesquisadora: Por quanto tempo a senhora ficou com os outros?

Vera: Os outros foram crianças que eu estive com eles desde que chegaram aqui.

Pesquisadora: Como é que foi isso para a Senhora?

Vera: É! Pois é! Você vê, é difícil, até para eles, né? Teve crianças que vieram (sic) de outro abrigo e está comigo desde que vieram de outro abrigo, outros vieram mesmo da rua, que eram cinco irmãos que estavam aqui comigo. Não havia passado nenhum para a outra casa, então tiveram que separar, mas... Então, é assim que eu te falo, é, nós conversamos, sentamos e conversamos, por isso que eu te falo, é difícil.

Pesquisadora: Você pode vê-los?

Vera: Tem outros lá, de outras casas, que tem irmãos aqui, vem aqui visitar os irmãos, vem visitar a casa, visitar a tia e muitos já chegaram pedindo para voltar para essa casa, eu tenho que explicar tudo novamente. Então é difícil, não é?

Pesquisadora: E as pequeninhas que eram da outra casa? A Senhora achou difícil no início?

Vera: Não, não! Alguns né? Algumas foram difíceis, porque tem o vínculo né? Mas... com o passar do tempo eles foram habituando. No começo ficou muito tumultuado, aquele alvoroço, aquele tumulto, mas agora está normal, tá normalizando, né? Agora está uma casa tranqüila.

Pesquisadora: Se a senhora fosse pontuar as dificuldades que a Senhora encontra nos tratos com as crianças o que a Senhora pontuaria?

Vera: Eu não estaria mais aqui.

Vera: Então tem que ter muito amor tem que ter paciência, tolerância e principalmente muito amor, senão, não fica.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que a Senhora mais encontra no trabalho da Senhora?

Vera: No trabalho? Hoje não tenho tanta dificuldade, porque esses maiores são crianças rebeldes, agora estou com os menores. Hoje, não tenho muitas dificuldades. A dificuldade maior hoje é nesse sentido de adoção, que vai embora... porque aqui deveria ter um trabalho, eu acho, no meu modo de ver. Uma adoção, por exemplo, tinha que trabalhar a criança e trabalhar a mãe... E ainda a família que vai receber, precisaria ser três a ser trabalhado, então é difícil, não é fácil. Esse por último que foi adotado agora, o Túlio, ele ficou comigo mais de três anos, ele veio de outro abrigo, ele nunca passou em outra casa, ele ficou comigo esse tempo todo. Está recente agora, não está com dois meses que ele foi para a (adoção estrangeira)

Pesquisadora: Ficou quanto tempo com a Senhora?

Vera: Quase quatro anos.

Pesquisadora: E ele tem que idade?

Vera : Oito anos.

Pesquisadora: Quatro anos da vida dele com a Senhora!

Vera: É.

Pesquisadora: A Senhora tem algum vínculo com ele?

Vera: Ele deixou uma carta, então, aí ele saiu. Eles vieram buscá-lo. Os pais adotivos vieram buscá-lo. Vieram da (país estrangeiro) buscá-lo, mas não veio aqui, eu não os conheci. Então a assistente social que veio buscá-lo aqui, e ele saiu falando “Eu vou, mas eu quero voltar aqui, eu quero visitar a... , eu quero, eu quero visitar a minha tia, eu quero trazer os meus pais para conhecer a casa onde eu morei”.

Pesquisadora: Será que ele tem noção de que vai ficar um bom tempo sem... Por que eles não vão voltar assim, não é?

Vera: Não. Aí então eles ficaram aqui com ele, eu acho que quinze dias, aqui em (Nome da Cidade) em um hotel, e ele sempre pedindo para vir aqui. Eles não trouxeram ele, ele não veio, então no dia que ele foi embora ele escreveu uma cartinha e mandou para mim, então você vê...

Pesquisadora: Vocês nunca mais tiveram nenhum contato?

Vera: Não. Ele ligou quando estava no hotel. Ele ligou para mim e ele ficou tão desorientado “Ah, eu quero falar com a minha tia”, na hora dele sair ele disse assim: “Tia, anota o seu celular aqui para mim”, eu anotei e ele ligou no meu celular.

Pesquisadora: E tem quanto tempo que ele foi?

Vera: Não tem dois meses ainda. (Vera começa a chorar)

Pesquisadora: Isso parece que está doloroso para a senhora, né?

Vera: É. Tá difícil.

Pesquisadora: Tem dois meses?

Vera: Tem (Responde com dificuldades). Isso é o que precisa ser trabalhado. Eu acho que é isso que precisa ser trabalhado um pouco, para evitar um pouco de sofrimento... Porque ele estava se sentindo inseguro, não sabia o que ele poderia encontrar lá, o que ele poderia encontrar, é outro país, é outra língua, não é?

Pesquisadora: É tudo novo.

Vera: É tudo novo.

Vera: Então tem o outro que foi. Ele ficou só comigo, ele não passou em casa nenhuma, foi com oito anos, já fez, está com um ano e meio que ele já foi. Ele escreveu uma carta para mim, ele escreveu! Ele lembrou somente de três, ele escreveu essa carta, ele falou só de mim

e de três crianças aqui da casa que era da época dele, aqui junto, mas ele não escreveu muita coisa não...

Pesquisadora: Você respondeu?

Vera: Não, era para eu ter reunido com as crianças e ter respondido a carta dele, mas nós nem fizemos isso ainda, foi até que separou tudo.

Pesquisadora: Por quê?

Vera: Não sei! É muita coisa, é muito trabalho, nós... eu vou te falar a verdade, nós não temos muito tempo!

Pesquisadora: A Senhora tem o endereço dele ainda?

Vera: Não, eu não tenho o endereço dele, mas a assistente social que trabalha aqui falou que se você quisesse escrever ela tinha como enviar a carta para ele, inclusive até eu achei muito engraçadinho na carta, que ele falou assim ...Olha, com um ano e meio que ele foi: “Não vou escrever muita coisa, porque eu já esqueci o português”, ele não estava lembrando mais do português, olha que gracinha, né? Então nós, quer dizer que está bem, então nós ficamos felizes em saber que está bem. Mas eu quero escrever. A cartinha dele está guardada. Então eu quero pegar a cartinha dele e vou ler, vou pegar aquelas pessoas que ele lembrou, que ficou na memória dele, ficou na cabeça dele... Então eu quero reunir mesmo que estiverem em outra casa, vou lá, vou buscar; “vamos sentar-se à mesa? Vamos escrever uma cartinha para o Murilo? Vamos mandar uma cartinha para o Murilo” Ainda tenho que fazer isso, mas é tanta coisa, tanta coisa que... de repente não sobra um tempo.

Pesquisadora: A Senhora não tem nenhum dia de folga?

Vera: Tenho, mas como eu moro em (Nome da cidade), eu trabalho quinze dias aqui, e vou para (nome da cidade) e fico dois dias para descansar. É muito cansaço, porque eu chego em casa, eu descanso um pouco, aí eu custo a animar para poder ir visitar meus netos, ver meus filhos. É muito cansativo.

Pesquisadora: Conhecendo personalidade de Túlio, o jeito dele, o que te deixa insegura dessa nova realidade que ele está enfrentando?

Vera: Então, nós temos medo, não sabemos o que está acontecendo, medo de uma possível rejeição dele, dos pais, nos preocupamos, porque não temos notícias, você vê que não tem, então nós nos preocupamos, mas... tem que fazer e entregar para Deus, e que Deus faça o que for melhor para ele.

Vera: ...já me passaram aqui, de pessoas que levaram crianças daqui, com adoção, uma moça, então nós ficamos até amigas. Aí ela levou a menina, e ela veio de outro abrigo, ela levou a

menininha, foi adotada e está aqui em um bairro próximo, o Túlio. Então a outra que ficou aqui, porque vieram as duas juntas do abrigo, era tipo irmãs, não se separavam, então a outra que ficou, entrou em depressão, começou a dar trabalho, então eu liguei para ela, para ela vir aqui trazer a menina para ela ver, ver que a menina estava bem. A criança preocupou tanto com a outra que não comia, não dormia, ela falava assim; “Tia, será que a Márcia está bem?”, “A Márcia está bem?”. Eu falei: “Olha Lúcia, eu vou ligar para a tia e vou pedir para trazer a Márcia aqui para passear, para você ver, eu acredito que ela esteja bem”. Então eu liguei para ela e ela veio aqui, trouxe ela e ela mesma falou para mim: “Olha Vera²⁹, você não precisa ligar mais, porque eu não vou vir mais aqui com ela, **sabe por quê? (cita alguém) pede para nós não voltarmos com a criança no abrigo, por quê? Por que senão, eles não se desligam daqui, ele não esquecem daqui**”.

Vera: Por que tem que esquecer? E ela foi embora grande, com uns seis anos, já foi adotada grande, quer dizer, por que tem que esquecer? Aqui que eles viveram, aqui foi um lar que acolheram eles. E tem uma outra desta casa também que foi adotada, que era daqui, inclusive a irmã dela está aqui, está comigo, ela a trazia sempre para visitar a irmã, agora tem muito tempo que não traz, que não vem aqui, mas ela também me falou “**Olha, (cita alguém) nos aconselha a não trazer as crianças, se não elas não esquecem daqui**”, e a irmãzinha dela, a irmã dela que está aí pergunta direto por ela “Tia, você tem notícias da Tatiana?” Que é irmã, eu falo “Oh Deise, eu não tenho notícias da Tatiana” – “Será que a Tatiana vai vir aqui?” Eu digo “Não sei se ela vai vir aqui!”.

Pesquisadora: A outra está para a adoção também?

Vera: Está para a adoção, mas possivelmente não vai ser adotada, já está grande! Está grande, difícil.

Vera: A irmãzinha dela quando foi adotada ia fazer cinco anos... Então você sabe o que acontece, a adoção deveria ser aqui dentro do Brasil, porque nós ficamos felizes de serem adotados, vai embora, vai viver uma outra vida, às vezes pode ser bom para eles, mas nem sabemos o que está acontecendo, nós não ficamos sabendo, mas você vê, crianças pequeninhas assim (...) É tão procurado para adoção, por que não entrega? **(cita alguém) fica segurando as crianças menores, fica segurando aqui dentro, as crianças vão**

²⁹ Os conteúdos marcados da entrevista sugerem fatos, envolvendo pessoas, que não foram devidamente pesquisadas, portanto, não há garantias de veracidade.

crescendo por que o tempo vai passando e as crianças vão crescendo, e as crianças ficam adultas...já teve caso aqui da menina que me ajuda aqui. Ela veio para cá com sete anos, ela veio para cá com sete anos, ela fez dezoito anos, **então (cita alguém) pediu para tirar da casa, porque ela estava ocupando o espaço de uma criança.**

Vera: É. Ela estava ocupando... Pelo menos foi o que me passaram.

Vera: No caso dela **dizem que (cita alguém) pediu para tirarem ela da casa, pois ela estava ocupando o espaço de uma criança que estava precisando de um abrigo**, então o que eles fizeram com ela, pôr na rua? Eu acho que não pode, né? Uma menina muito boa, gosto muito dela, já convivi com ela muito tempo, que ela estava aqui comigo praticamente desde que eu vim para cá, agora o que vai fazer? Pôr na rua? E o que foi trabalhado aqui? Vai por água abaixo? Eu acho que não é por aí. Então resolveram dar o trabalho para ela. Ela hoje é funcionária.

Pesquisadora: Deixa eu pegar a menina. (Uma criança com pouco mais de 7 meses chora muito no “chiqueirinho”, enquanto ocorre a entrevista. A pesquisadora não agüenta e a pega no colo, continuando a entrevista, a criança fica tão quieta que chega a dormir).

Vera: Hoje ela é funcionária! Ela trabalha, ela me ajuda aqui, ela já trabalhou em outras casas, recebe o salário dela, estuda a noite, você vê que ela está estudando, o trabalho... (chegam crianças perto de Vera) dá licença! Não, não! Dá licença! A tia tá conversando! Depois vocês vêm tá?

Cristine: (Eu vou fazer xixi!).

Vera: Então ela trabalha, ajuda, estuda... dá licença! Dá licença, Lúcia! (Vera vai ao fundo e conversa com uma das crianças e volta).

Então é uma coisa que a gente fica muito emotiva. Porque... você já pensou? Você trabalha um tempão com a criança, depois vem uma ordem para tirá-la. E ela é uma menina muito boa e não tem para onde ir. Recebe o dinheirinho dela, já abriu uma caderneta de poupança com o dinheirinho dela.

Pesquisadora: A que você atribui “segurar” as crianças pequenas?

Vera: (cita alguém) **diz que está dando uma chance para os pais para ver se eles se recuperam**, se eles consertam a vida deles para vim buscar seus filhos, mas tem mães que estão acomodadas, acham que os filhos delas estão em um hotelzinho de luxo, então acomoda, eu, no meu modo de pensar, não é por aí, eu acho que deveria ser mais severo com esses pais, eu acho que no máximo seis meses, oito meses daria para os pais recuperar,

aqueles que querem os filhos...Passou daí acho que ele já deveria entregar enquanto está assim pequenininha... Essa criança aí (se refere a que está no colo da pesquisadora).

Vera: Veio pequenininha para cá! A mãe nunca procurou, veio bebezinho. A mãe nunca procurou. Nunca veio visitar a filha para ver como ela está, para ver se ela está bem, para ver se ela está comendo, se está dormindo, nunca procurou.

Pesquisadora: Ninguém da família?

Vera: Ninguém da família, ninguém. Já teve um caso em que eu cuidei de uma criança aqui, você quer ver? Esse bebê veio para cá com quatro meses, eram quatro irmãs, eu cuidei do bebezinho menor de quatro meses, mas essa mãe era aquela que vinha, ela era louca com os filhos dela, ela levou os filhos dela, os quatros, demorou, mas levou. Ele veio com quatro meses e foi embora com um ano e quatro meses, eles ficaram aqui dentro um ano e ela lutando e vinha visitar e ia ao fórum e vinha visitar, ela não desistiu, levou um ano, mas ela levou os filhos dela. Está com ela! E eles têm até a ajuda daqui, eles aqui vai visitar eles lá, ajuda, leva cesta básica para ela. Quando é uma mãe que nós vemos que tem interesse vale a pena esperar, não vale? Mas e esses que nem procuram? Não quer saber nem onde está, deveria, né? Eu acho. Deveria ter uma política melhor nesse sentido de adoção, de tempo “Não, está dando uma chance, está dando um tempo, estou dando uma chance para os pais”, está cômodo para eles, está em um hotelzinho de luxo, ainda vem visitar, acha que aqui está mal cuidado, ainda fala, já aconteceu de mãe... não comigo, mas de outra casa aí.

<Criança conversando>

A ajudante chama: “Vem aqui Carina!”

Vera: Tia! Está gravando aqui, você poderia ver se... Eu até perdi mesmo onde estávamos.

Pesquisadora: Das visitas

Vera: Ah! Sim. Não é o meu caso, mas eu soube de outra casa em que a mãe chegou e tirou a roupa da criança para ver se estava com marcas de espancamento. É um absurdo, não é? Eu acho, é um absurdo, comigo não aconteceu isso não! Ainda exigir ainda? Essas crianças já vêm judiadas de lá, será que elas acham que elas vêm para cá para judiarmos mais? Isso aqui é uma proteção, é uma proteção para eles. É, não é fácil, então nós vamos... cada dia que passa nós vamos vendo as coisas com mais clareza e vai pensando, analisando, você pega um pontinho aqui, um pontinho ali, então põem para analisar, põem na balança. É a maneira de nós pensarmos. Deveria ter um trabalho nesse sentido, com mães, com filhos que serão adotados, com aquela mãe que está levando o filho dela de volta, mas não tem nada disso não!

Eles não estão nem aí, eles vêm e tiram. Na verdade, eles são tão sofridos, tão judiados que eles são arrancados duas vezes, porque tira dos pais e depois tira daqui de novo e vai embora. Então é muito sofrido não só para nós, mas para eles, para nós, para eles é muito sofrido, é um trabalho bom de fazer, mas é muito sofrido, eu vou te falar que é muito sofrido.

Pesquisadora: Acho que a Senhora também está aqui há muito tempo, está numa posição...

Vera: É o que nós vemos, o que nós observamos... Você vê...e a gente aqui não tem notícia! A menina! Eu não tenho nenhuma notícia e ela está aqui pertinho e **ela falou que não pode trazer a menina aqui por ordem (cita alguém) que aconselhou a não trazer.**

Aí não era hora de fazer um trabalho com essa mãe? “Olha, não é por aí, é a casa que eles conheceram, é a casa que eles moraram, lá eles têm os irmãos, lá eles têm a tia que cuidou deles”. Não precisava ser essa coisa brusca. A questão, o que eles estão fazendo, é aquela coisa brusca com as crianças. Arranca daqui, arranca dali. Mas eu ainda tenho esperanças de mudanças aqui, nós ficamos pensando: “Um dia pode mudar”. Nós ficamos naquela esperança, naquela ilusão de que um dia pode mudar para melhor, nós esperamos mudanças para melhor.

Pesquisadora: Quando a Senhora estava cuidando das crianças maiores, a Senhora percebia dificuldades de aprendizagem na escola, dificuldades de aceitarem regras, ou mesmo outras coisas que poderiam nos dizer que algo não vai bem no desenvolvimento?

Vera: Muitas! Muitas! Eu, por exemplo, em meu caso aqui, eu sou uma mãe que se preocupa, eu sou conhecida...agora eu não vou na escola porque aqui não tem criança na escola, mas eu sou a mãe mais conhecida aqui da escola, toda semana eu estava na escola, ela mandava bilhete, eu ia, então elas falavam, eu sou conhecida de todos ali na escola, eu ia em uma sala, eu ia na outra...Então, eu sou conhecida de todas lá, eu era uma pessoa que me preocupava mesmo, elas chamavam crianças, inclusive esse que foi adotado, mas ele deu um trabalho na escola, é a minha preocupação maior com ele é isso aí. Ele deu muito trabalho na escola, teve um ano, no ano passado, teve uma professora na escola que falou para mim que adoeceu, ficou com problema de saúde por causa dele. Então eu falei para ela “Você analisa a minha situação, você que fica aqui com ele meio período e você está dizendo para mim que adoeceu, que ele te deixou doente, deu problema de pressão alta. Agora está com problemas de saúde, agora você vê o meu lado. Que não é só ele e são vinte e quatro horas”, ela falou “Você é uma guerreira”, eu ouvi isso lá “Você é uma guerreira”. Então, esse ano ela ficou com ele o ano passado, o ano todo, ela ficou doente, ele não conseguiu fazer nada, ele foi reprovado. Então quando foi esse ano, quando ele foi para a escola, então ele ficou assim... ele é problemático,

ele é difícil mesmo, mas eu acho que foi uma criança muito sofrida, sofreu demais, então o que fizeram com ele lá na escola? Ficaram repassando ele de sala em sala, porque teve o exemplo da outra que ficou doente. Então um mês ele ficava em uma sala, não dava certo, no outro mês já passava, todo o mês que eu ia na escola ele estava em uma sala diferente, era uma professora diferente. Já vi um bilhete da escola, eu olhava o caderno dele da escola, já era outro nome de outra professora, então eu ia lá para saber. Ela falava “Não, porque nós estamos tentando encaixar ele em um lugar que dá certo. Deixamos ele em uma sala, não deu, ele não teve uma afinidade com a professora, vamos ver se com aquela lá ele vai ter uma afinidade”, então ficaram fazendo esses testes com ele até que ele parou e foi embora. (adoção estrangeira).

Pesquisadora: E ele foi nesse processo enquanto vivenciava isto na escola?

Vera: Foi e estava com muita dificuldade, não tinha sala fixa para ele. Ele era uma criança desobediente, era agressivo de bater, de bater, de judiar, de enfiar o lápis no colega. Ele era agressivo... de deitar no chão, de rolar no chão, a professora dele disse que não conseguia levá-lo do chão na hora em que ele deitava no chão, ela não conseguia... de judiar com o coleguinha da frente, com o coleguinha de trás, ele espetava mesmo os colegas com o lápis.

Pesquisadora: E aqui?

Vera: Aqui também ele era difícil, mas difícil mesmo, não obedecia. Quando ele queria alguma coisa, tinha de ser do jeito dele na hora que ele queria, do jeito dele. Difícil, mas difícil mesmo, temperamento difícil. Mas muito amoroso porque quando eu parava a noite, por exemplo, quando eu parava, ele vinha e deitava em meu colo, pedia colo, quer dizer que é uma criança carente. Nós víamos que aquilo era maneira de chamar a atenção, era carência mesmo. Era a maneira que ele vai de chamar a atenção, então resolveram separar a casa das crianças menores, e ele falou que daqui ele não saía. Ia tirar os maiores para outra casa, eu achei até engraçado, inteligente da parte dele, ele falou assim “Não adianta ninguém querer me tirar dessa casa, daqui eu não saio, tia eu não saio daqui, não saio”, então resolveram... conversaram comigo; “Oh Vera, a casa ficou cheia e ele ficou dormindo no chão para não sair daqui” “Eu não saio daqui”, então eles conversaram comigo “Oh Vera, como ele está com esse comportamento e ele vai embora, você não se importa de ficar com ele aqui até ele ir embora?”, eu falei “Não, de maneira nenhuma, deixa ele aqui”, porque ele não queria sair mesmo, mas aí que ele ficou agressivo. Ele ficou com ciúmes dos menores, eu não podia pegar um menino, ele dava um maior *show* se tivesse uma criança, se eu pegasse ela e fizesse assim no braço ele ficava com ciúmes e dava o maior show do mundo.

Pesquisadora: O que ele fazia, ele chorava?

Vera: Chorava, dava birra, quebrava as coisas, pegava cadeira, jogava a cadeira para lá, jogava a cadeira para cá, até prato. Ele pegava prato e jogava no chão, quebrava. Por isso que eu preocupo, como é que ele deve estar lá (no país estrangeiro)? E ele é muito bonitinho, uma criança... Eu acredito que ele está bem, porque ele vai ser cercado com muito amor. É um casal que não tem filho e então a hora que viram ele, não conheciam ele, mas tive notícia que a hora em que viram ele, ficaram enlouquecidos com ele, é uma criança muito bonita!

Pesquisadora: Adotaram sem conhecer?

Vera: Não conhecia.

Pesquisadora: Espera aí, mas eles fazem a adoção sem eles terem nenhum vínculo?

Vera: Não. Por isso que nós nos preocupamos. Eu vou te mostrar uma foto dele.

Pesquisadora: Tá.

<Vera sai para pegar uma foto - Fita interrompida>

Vera: Esse foi o aniversário dele de oito anos.

Vera: (...) Aí, nos dias dele ir embora, ele ficou falando para mim assim “Ó tia, você vai me prometer que você vai me visitar lá?” – “Nossa Túlio, mas lá é tão longe, eu acho que eu não vou dar conta de ir lá, porque é muito longe” – “Não, mas vai juntando um dinheirinho” – “É muito caro, a passagem de avião é muito longe” – “Não tia, vai juntando um dinheirinho, todo mês você guarda um dinheirinho, aí fala “Isso aqui é para visitar o Túlio”. Ele mesmo falou, então eu não o desiludi, eu falei “Tudo bem, eu vou pensar e acho que vou fazer isso mesmo, vou juntar um dinheirinho de pouquinho em pouquinho para te fazer uma visita lá depois”, mas provavelmente nunca mais nós vamos nos ver.

Pesquisadora: Eu fiquei preocupada com essa fala de que os pais viram ele, gostaram dele e levou ele...

Vera: É.

Pesquisadora: A adoção é feita no papel, mas o vínculo não acontece?

Vera: Não. Eu nem os conheci. Eles se encontram lá no hotel, ficam quinze dias, conversam com ele, saem, fazem compras e tudo, depois pegam ele e vão embora.

Pesquisadora: Quinze dias não é pouco?

Vera: É, eu acho. É, e eu tive notícias que eles ficaram encantados com ele, porque ele é muito bonitinho, muito bonitinho mesmo. Eu acredito que eles vão cercá-lo de carinho, amor e carinho, ele não vai dar trabalho, assim eu espero né? Ele não vai ter esses comportamentos difíceis dele, agora... E se ele não gostar de lá? E se ele não gostar? Quer dizer, a memória não

se apaga, não tem como apagar. Mas vamos ter fé que ele está bem, nós temos que pensar positivo, eu acho que está melhor para ele assim do que se ele ficasse aqui no Brasil, possivelmente ele não seria adotado.

Pesquisadora: Como é a história de vida dele?

Vera: Maus tratos. Foi muito judiando ainda bebê. Foi rejeitado. Dentro do ventre da mãe já foi rejeitado. Ele tem muito trauma. Trabalhou uma psicóloga com ele mais de um ano, e nossa, ela tinha paixão por ele, ela vinha aqui conversar comigo sobre ele, então ela falava para mim: “Tia Vera, quando você tiver um problema com o Túlio, você me liga”, e muitas vezes eu liguei para ela; “Olha tia Bia, está acontecendo isso, acontecendo isso, e isso, e isso”, ela falava “Pode deixar que eu vou conversar com ele”, então ela o acompanhou mais de um ano e ela é louca por ele também.

Pesquisadora: É, é uma mudança e tanto.

Vera: Cada dia nós vamos aprendendo um pouquinho. É uma experiência que eu vou te falar, cada dia você vive uma situação nova, cada dia que se passa você vive uma experiência diferente. São aqueles que vão, tem aqueles que chegam, muito judiados, precisando de mim. Eu acho que se eu não gostasse, se não estivesse bom para mim eu não estaria aqui esse tempo todo. É... vamos ver até quando nós vamos ficar.

Pesquisadora: Você sente dificuldades deles em crescer? Dificuldades no desenvolvimento?

Vera: É, nós vemos, sabe por quê? Percebo isso, porque devido ao passado, dos maus tratos de tempos atrás, coisas que vem vindo lá de tempos atrás. Então são coisas que são difíceis de serem controladas, então, e essa dificuldade existe mesmo, mas é mesmo do sofrimento deles. São crianças sofridas. O Túlio, por exemplo, todos os dias fazia xixi, com oito anos, todos os dias.

Pesquisadora: O que a Senhora fazia diante disso?

Vera: Não, aí tinha que conversar com ele, tinha uma época que ele parava. Então, quando ele estava para ser adotado, ele queria muito ser adotado, ele ficava muito entusiasmado, mas no final já estava com medo, já estava inseguro, mas no início ele estava muito entusiasmado com aquilo. Então ele fazia xixi. Eu sentava e falava com ele: “Túlio, você vai ficar em um hotel, já pensou se você fizer xixi lá no hotel?”, ele falava “Nossa, é mesmo hein tia, eu vou ficar com vergonha”, então ele passava uma semana sem fazer, sei que é tudo coisa da cabecinha dele, então qualquer contrariedade dele, qualquer coisa que não saísse do jeito dele era um motivo para ele fazer tudo de novo.

Pesquisadora: Tem alguma coisa que eu não perguntei e que a Senhora acha importante registrar, mesmo para mudanças na estrutura do próprio abrigo, na questão do vínculo de vocês com as crianças...

Vera: O que eu acho importante, acho que já citei que é o trabalho sobre adoção. Eu acho que isso tem que ser trabalhado, tem que ser trabalhado, tem que preparar a criança para ir embora, tem que preparar a mãe que fica, tem que preparar a mãe que está levando. Eu acho isso fundamental, muito importante, porque isso nunca aconteceu, mas nós esperamos que ainda aconteça, ainda vai melhorar nesse sentido, nós vamos ter uma melhora nesse sentido, é o que nós esperamos.

Pesquisadora: Então Vera, eu te agradeço pela entrevista, eu penso que a Senhora colaborou muito nesse trabalho. Quem sabe até estamos prestes a estas mudanças?

Pesquisadora: obrigada.

Vera: Por nada.